

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**INTERTEXTUALIDADE E IRONIA NA  
INTERPRETAÇÃO DE CHARGES**

**AVANÚZIA FERREIRA MATIAS**

**FORTALEZA – CE**

**2010**

AVANÚZIA FERREIRA MATIAS

**INTERTEXTUALIDADE E IRONIA NA  
INTERPRETAÇÃO DE CHARGES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Célia Clementino Moura

Fortaleza – Ceará

2010

*"Lecturis salutem"*

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

M38i                    Matias, Avanúzia Ferreira.  
                              Intertextualidade e ironia na interpretação de charges / por  
                              Avanúzia Ferreira Matias. – 2010.  
                              128f. : il. ; 31 cm.  
                              Cópia de computador (printout(s)).  
                              Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,  
                              Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em  
                              Linguística, Fortaleza(CE),02/12/2010.  
                              Orientação: Profª. Drª. Ana Célia Clementino Moura.  
                              Inclui bibliografia.

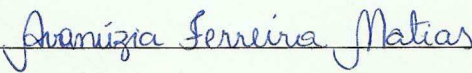
1- CARICATURAS E DESENHOS HUMORÍSTICOS – BRASIL.  
2- INTERTEXTUALIDADE.3- IRONIA.4- ANÁLISE DO DISCURSO.  
I-Moura,Ana Célia Clementino, orientador.II-Universidade Federal do Ceará.  
Programa de Pós-Graduação em Linguística.III- Título.

CDD(22ª ed.) 741.5014

## INTERTEXTUALIDADE E IRONIA NA INTERPRETAÇÃO DE CHARGES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em 02/12/2010



Avanúzia Ferreira Matias

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Orientadora



Profa. Dra. Maria Margareté Fernandes de Sousa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
1º examinador



Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
2º examinador

Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
Suplente

Ao meu pai, Francisco Matias (In memoriam), que sempre teve muito carinho e admiração por mim, com quem aprendi que tudo é possível quando a gente vai à luta.

Ao meu esposo, Franklin Júnior, meu eterno companheiro, por sempre ter me apoiado em todos os momentos do meu crescimento acadêmico.

Ao meu filho, Victor Franklin, por me mostrar que a vida pode ser uma eterna brincadeira em que todos os participantes são muito felizes.

À minha orientadora, Dra. Ana Célia Clementino Moura, por ter me acolhido com tanto carinho, por ter me encorajado tantas vezes e por me ter feito acreditar que seria capaz, mesmo quando eu não acreditava nisso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido tão generoso comigo, me dando muito mais do que eu imaginei que poderia conseguir, por sempre me proteger e me iluminar e por mais essa conquista;

À minha família, por sempre ter se orgulhado de mim, e por fazer das minhas vitórias suas próprias vitórias;

A meus pais, pelo amor e boa educação que sempre me deram;

À minha orientadora, Ana Célia Clementino Moura, por sempre acreditar no meu potencial, por todas as palavras de encorajamento e por sempre me orientar com alegria e bom humor;

À minha companheira, Janicleide, quem primeiro me deu a ideia de desenvolver uma pesquisa sobre charge, com quem compartilhei planos, charges, livros, com quem escrevi e apresentei artigos e com quem conversei durante muitas noites de estudo;

À amiga Alexandra, que sempre me ouviu pacientemente e me acompanhou durante os momentos fáceis e difíceis.

Ao professor Ricardo Leite, por ter sido sempre tão atencioso e por ter dado contribuição indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa;

Ao professor Alber Uchôa, por ter sido meu amigo e por ter me ouvido sempre que o procurei, discutido tanto sobre tantas coisas e por ter cedido, gentilmente, seu horário de aula para que eu aplicasse o meu questionário;

Aos colegas da pós-graduação, por todos os momentos de aprendizado, de descontração, de angústia e de desespero que compartilhamos juntos;

Aos amigos que nunca duvidaram de que eu seria capaz;

A todos os professores e funcionários do PPGL, especialmente ao Eduardo, por sempre ter me atendido com atenção e presteza;

Ao Governo do Estado do Ceará, por ter concedido meu afastamento para que eu pudesse dedicar-me à qualificação.

À CAPES, por financiar os últimos meses dessa pesquisa.

No princípio era a palavra. Não só no princípio: no princípio, no meio e no fim. Pensamos com palavras, com palavras sonhamos, até silenciemos com elas. [...] A palavra é o próprio homem, racional, espiritual. Nunca é demais, portanto, aperfeiçoar a faculdade da linguagem. Aprender a dominar a palavra, ir ao fundo da sua significação, da sua expressividade, da sua capacidade de evocação e sugestão. Nunca é demais aprender a ser correto, exato e influente pela palavra.

Celso Luft

## RESUMO

O presente trabalho desenvolveu-se a partir da nossa curiosidade de estudar algumas especificidades do gênero charge. Iniciamos nossa investigação explorando o contexto histórico no qual a charge foi criada, seu desenvolvimento e evolução ao longo do tempo até chegar às características atuais. Tratando-se de um trabalho de Linguística Aplicada, objetivamos analisar a interpretação de charges por universitários do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, tomando como referência a intertextualidade e a ironia. A primeira porque este é um elemento fundamental para a construção do discurso chárstico. A segunda porque este é um recurso considerável para instigar a crítica a um fato atual dentro do contexto social no qual ocorre. Para explorar os elementos discutidos na interpretação das charges, baseamo-nos no dialogismo e na polifonia conceituados por Bakhtin. Com relação às categorias selecionadas para compor o quadro teórico desse trabalho, analisamos a intertextualidade com base em níveis e técnicas criados por Bazerman (2006). Para analisar a ironia, lançamos mão de estudos de Brait (2008), que concebe este recurso linguístico como um fenômeno polifônico. Nosso trabalho perscruta se para construir sentido na interpretação da charge e se para entender sua crítica é necessário que haja uma correlação direta entre a compreensão da intertextualidade e da ironia. Após a análise dos dados, constatamos que os elementos intertextuais participam da construção do sentido em charge, mas não garantem o entendimento da ironia, e esta é muito menos perceptível quando a charge associa texto verbal e texto não-verbal. As charges são compreendidas mais facilmente quando possuem texto verbal, pois o leitor apoia-se nas pistas desse tipo de texto para interpretar o contexto e, sem esse recurso, muitas vezes o sujeito não compreende a mensagem transmitida somente através do desenho.

Palavras-chave: charge, intertextualidade, ironia.



## RÉSUMÉ

Ce travail a été développé à partir de notre curiosité d'étudier certaines caractéristiques du genre charge. Nous avons commencé notre recherche en explorant le contexte historique dans lequel la charge a été créée, son développement et l'évolution au fil du temps pour atteindre les caractéristiques actuelles. Comme il s'agit d'un travail de Linguistique Appliquée, nous analysons l'interprétation des charges par des étudiants du Cours de Lettres à l'Université Fédérale du Ceará, en tenant compte l'intertextualité et l'ironie. La première, car est un élément fondamental pour la construction du discours de la charge. La seconde, parce que c'est un recours considérable pour engager un fait essentiel dans le contexte social actuel dans lequel il se produit. Pour explorer les éléments discutés dans l'interprétation des charges, nous nous appuyons sur le dialogisme et la polyphonie conceptualisés par Bakhtine. En ce qui concerne les catégories choisies pour composer le cadre théorique de cet étude, nous avons analysé l'intertextualité en niveaux et en techniques créées par Bazerman (2006). Pour analyser l'ironie, nous avons utilisé des études de Brait (2008), qui conçoit cette ressource linguistique comme un phénomène polyphonique. Notre travail examine si pour construire le sens dans l'interprétation de la charge et comprendre leur critique, il faut avoir une corrélation directe entre la compréhension de l'intertextualité et de l'ironie. Après avoir analysé les données, nous avons constaté que les éléments intertextuels contribuent à la construction du sens de la charge, mais n'assure pas la compréhension de l'ironie. Toute à fait l'ironie est moins perceptible lorsque la charge est associée à un texte verbal et à un texte non-verbal. Les charges sont comprises plus facilement quand elles ont un texte verbal, puisque le lecteur s'appuie sur les pistes de ce type de texte pour interpréter le contexte et, sans cette ressource, le sujet ne comprend pas souvent le message transmis seulement par le dessin.

Mots-clés: charge, intertextualité, ironie.

## LISTA DE CHARGES E GRÁFICOS

Charge I.....	75
Charge II.....	77
Charge III.....	79
Charge IV.....	80
Charge V.....	82
Charge VI.....	84
Gráfico I.....	87
Gráfico II.....	88
Gráfico III.....	88
Gráfico IV.....	88
Gráfico V.....	88
Gráfico VI.....	88
Gráfico VII.....	88

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	11
2. A Charge .....	17
2.1 Conceito de gênero com base em Bakhtin .....	17
2.2 A história da charge .....	21
2.3 Características da charge .....	27
2.4 O uso dos signos imagético e verbal na charge .....	30
2.4.1 O signo imagético na charge .....	31
2.4.2 A caricatura .....	33
2.4.3 O signo verbal na charge .....	34
2.5 A multimodalidade na charge .....	37
2.6 A charge e sua ação social no espaço sociocultural .....	39
3 A intertextualidade: definição e tipologia .....	41
3.1 A paródia como elemento de intertextualidade .....	48
3.2 Dialogismo, polifonia e intertextualidade na charge .....	50
4 A ironia na charge .....	55
4.1 A origem da ironia .....	56
4.2 Alguns tipos de ironia .....	58
4.3 A ironia na charge .....	67
5 Metodologia .....	70
5.1 Base metodológica .....	70
5.2 A caracterização da amostra.....	70
5.3 Participantes .....	72
5.4 Procedimentos de coleta e análise dos dados .....	73
6 Análise dos dados .....	75
6.1 Contexto utilizado para a criação das charges.....	75
6.2 Resultados relacionados à familiaridade dos leitores com a charge.....	85
6.3 Análise da intertextualidade e da ironia nas charges.....	88
7 Considerações finais .....	110
Referências .....	113
Anexos .....	119

## 1. INTRODUÇÃO

Desenvolver um estudo sobre charge tem nos feito refletir sobre o valor e o poder que têm os meios pelos quais nos comunicamos. É pela aprendizagem das mais diversas formas de expressão que podemos nos comunicar com o outro e compreender o sentido dos discursos, por isso entendemos que essa habilidade para se expressar e para se fazer entender tem grande importância para o homem. É através da linguagem que desenvolvemos muitas capacidades, inclusive a capacidade de expressar nossa opinião.

A ideia de desenvolver um estudo sobre charge, bem como os caminhos seguidos para a operacionalização dessa pesquisa começaram a ser pensados quando nos interrogamos sobre como desenvolver um trabalho para analisar a importância e a necessidade de relacionar um texto a outros textos, pois, sem essas relações, dificilmente se chega a uma compreensão plausível e, ainda, observar se a ironia, intencionalmente explorada em alguns gêneros, colabora para o processo de compreensão e ajuda a confirmar a tese do texto.

Analisar a leitura de charges implica ver a linguagem em seu aspecto discursivo, e o sentido, nessa abordagem, abrange o uso da língua em diferentes situações sociocomunicativas, ou seja, é a partir da relação entre locutor e interlocutor, da relação entre os signos presentes no texto e conhecimentos de ordens diversas que interagem intertextualmente com o texto que chegamos ao sentido que queremos dar ao discurso. A partir da observação dos diferentes recursos utilizados no processo comunicativo por meio do gênero charge e da necessidade de escolher algum elemento para analisar, decidimos, nesta pesquisa, estudar a ironia e a intertextualidade, porque são, para nós, dois instrumentos relevantes para a compreensão dos assuntos abordados pelo gênero. A partir desse estudo, pudemos perceber que a associação das duas categorias são uma excelente forma de explorar a interpretação feita pelo leitor, de incitá-lo a construir relações dialógicas entre um texto com outros textos e de estimulá-lo a fazer uma reflexão sobre o assunto a ser abordado.

Notadamente, estudar o gênero charge nos fez refletir sobre dois aspectos bastante relevantes dentro da Linguística Aplicada: o sócio-histórico e o cognitivo. O sócio-histórico porque é um gênero que exige do leitor estabelecimento de relações sociais e

culturais para, de fato, interagir com o texto. Cognitivo porque o leitor, ao fazer qualquer tipo de leitura, independente de ser uma charge, precisa desenvolver um procedimento mental de percepção e raciocínio que lhe faça perceber a passagem da representação simbólica para a experiência e também que lhe ajude a organizar o pensamento para dar sentido ao texto.

Considerado um gênero de destaque na seção de opinião de um jornal, localizada na mesma página em que se configuram editoriais e artigos de opinião, a charge é uma prática discursiva fundamentada em fatos que denunciam e criticam atitudes quase sempre ligadas à política, ao passo que traduzem a ideologia vigente no tempo e no espaço de sua produção. Por usar estratégias argumentativas por meio de recursos humorísticos, irônicos e zombeteiros, a charge configura-se em um gênero atrativo e convidativo à interação entre emissor e destinatário, no qual a exposição de pontos de vistas é sempre motivada pela tentativa de estimular o leitor a também se posicionar diante do texto.

Os recursos utilizados na construção de charges nos interessam por entendermos que são um material dinâmico, rico em aspectos linguísticos e fonte exploradora da linguagem em uso. Como são textos que associam imagem e humor, dois elementos que fazem da charge um gênero multimodal, acreditamos que são interessantes para o desenvolvimento de atividades de leitura em sala de aula. Por sua enorme riqueza de mensagem crítica e possibilidade de reflexão, se não são, deveriam ser muito utilizadas em atividades com discentes.

É interessante ler charge considerando este gênero uma fonte representativa da cultura e do comportamento de cada época, ao mesmo tempo em que nos ajuda a entender e a manter a memória da sociedade. A charge é essencial para retratar a realidade de forma crítica. Evidenciamos, por meio do gênero, os traços ideológicos que permitem ao leitor fazer uma leitura reflexiva sobre fatos da realidade nele retratados.

Ao destacarmos a importância de se entender os vários intertextos responsáveis pela criação de sentido em charge e a presença do discurso irônico, recurso responsável por revelar detalhes importantes de determinados acontecimentos, queremos, além de perceber a percepção leitora a respeito dessas categorias, observar se o leitor participa desse processo comunicativo e se ele reflete sobre os fatos que geraram a comunicação.

Além da predileção por gêneros humorísticos, a escolha por charges se deu também pelo fato de ser um texto curto e bem humorado acessível a vários públicos, cujo pouco tempo dedicado a sua leitura constitui uma característica facilitadora da propagação do referido gênero. Nossa intenção, ao explorar imagem e palavra enquanto realizávamos essa pesquisa era verificar se os leitores percebem a intencionalidade implícita como forma de refletir sobre acontecimentos que interferem em nosso cotidiano direta ou indiretamente. É importante salientar que a charge não deve ser compreendida como mero transmissor de opinião, mas como texto capaz de incitar questionamentos, reflexões e posicionamentos tanto do enunciador quanto do enunciatário. Para isso há mecanismos argumentativos responsáveis por fazer os interlocutores interagirem e, de forma particular, refletirem acerca dos assuntos abordados.

Ao estudar a interpretação de charge com base na amostra selecionada, pudemos constatar que a formação de leitores críticos reúne um conjunto de práticas culturais e relações pedagógicas que não façam do leitor um sujeito passivo diante do texto que lhe é oferecido. Diante dos resultados, percebemos que a interpretação dos fatos precede sua compreensão, já que interpretar os fatos não significa que estes sejam compreendidos. Para assegurar que um leitor compreenda um texto seria necessário considerar a inscrição do mesmo no meio histórico-social no qual o texto é realizado. Dessa forma teríamos que oferecer textos específicos para cada leitor, com base em seu contexto sociocultural, o que restringiria suas práticas leitoras.

Conforme destacaremos ao final, pela nossa amostra, poucas são as pessoas que compreendem charges em sua totalidade. Os leitores geralmente não as relacionam com o contexto em que os fatos ocorrem. Como muitas charges referem-se a fatos políticos do país e às personalidades da atualidade, somente aqueles que estão bem informados é que conseguem interpretá-las. Por esse motivo, nossa investigação defende a necessidade de realizar uma leitura além do que está exposto, explorando o não dito, embasada na visão *bakthiniana* de dialogismo, com a pretensão de levar o leitor a ler o mundo. Além disso, é necessário que o leitor compreenda a intenção dúbia de certas palavras, expressões e gestos, pois essas representações caracterizam o discurso irônico, um elemento constante no gênero, mas pouco perceptível para a maioria dos leitores.

Ao desenvolver esta pesquisa, pretendemos alcançar o seguinte objetivo geral:

- Perscrutar a construção do sentido em charges, tomando como referência a intertextualidade e a ironia, exploradas por meio da linguagem verbal e da linguagem imagética nesse gênero.

Também temos os seguintes objetivos específicos:

- Examinar a relevância da intertextualidade para a interpretação de charges e verificar se os participantes, ao lerem o texto chárstico, conseguem estabelecer relações intertextuais coerentes para dar sentido ao texto.
- Verificar se os leitores percebem o tom irônico da charge e quais recursos utilizam para ter essa compreensão, considerando informações fornecidas por meio da intertextualidade, do texto verbal e do texto imagético.
- Investigar qual texto (verbal ou não-verbal) é mais relevante para a construção do sentido em charges.

Quando iniciávamos a pesquisa, ocasião em que aplicamos um questionário para diferentes grupos de leitores com o objetivo de validá-lo e reformulá-lo, pudemos perceber duas coisas importantes para o desenvolvimento da pesquisa: 1. notamos que alguns leitores têm dificuldade para interpretar charges quando o texto é apenas imagético e descobrimos que a charge possibilita visualizar e explorar a leitura como um instrumento criativo, participativo e reflexivo. Sendo assim, a problematização, neste estudo, faz-se em torno do funcionamento da intencionalidade discursiva no universo das charges e, para discutirmos essa problemática, torna-se necessário, antes de tudo, refletirmos sobre as seguintes questões:

- Para que se construa o sentido na interpretação da charge e para que se entenda sua crítica, é necessário que haja uma correlação direta entre a compreensão da intertextualidade e da ironia, marcadas ora pelo texto verbal, ora pelo texto imagético?
- Que tipo de intertextualidade ou de qual conhecimento o leitor faz uso, de acordo com as categorias estabelecidas nessa pesquisa, para melhor compreender e se posicionar diante de uma charge?
- De quais recursos o leitor faz uso para compreender o tom irônico de uma charge, considerando as marcas linguísticas, discursivas e imagéticas?
- O leitor se apoia mais em qual texto (verbal ou não-verbal) para que haja uma melhor interpretabilidade da charge?

Objetivando encontrar respostas concludentes para nossos questionamentos, apresentamos as seguintes hipóteses:

- Sem o reconhecimento dos intertextos originadores da charge e sem sua associação à ironia (ambos marcados pelo texto verbal ou imagético), os leitores não constroem sentido plausível ao interpretarem as charges;
- O leitor utiliza muito mais o conhecimento de mundo do que outros tipos de conhecimento para compreender as charges;
- A ironia em charges é percebida muito mais pelo texto verbal do que por imagens, por outros recursos visuais, tais como a cor, o tamanho da letra, a expressão dos personagens, ou pela intertextualidade;
- As charges são compreendidas mais facilmente quando possuem texto verbal, pois o leitor apoia-se nas pistas desse tipo de texto para interpretar o contexto e, sem esse recurso, muitas vezes o sujeito não compreende a mensagem transmitida somente através do desenho.

Nosso trabalho está estruturado em sete capítulos, os quais resumiremos abaixo.

Nesse capítulo introdutório expomos por que resolvemos desenvolver um estudo sobre o gênero charge e os elementos a serem analisados, a relevância dessa pesquisa, os nossos objetivos, as nossas hipóteses e as nossas questões de pesquisa.

No segundo capítulo, fazemos uma breve reflexão acerca de gêneros textuais baseando-nos na teoria de Bakhtin. Em seguida, apresentamos a origem da charge, sua chegada ao Brasil e seu desenvolvimento, aperfeiçoamento e modificações. Todas as características adquiridas pela charge foram o resultado de um longo período de mudanças sociais e políticas vividas em nosso país desde a época da colonização, passando pela ditadura até chegar ao atual regime republicano. Em um segundo momento desse mesmo capítulo, explicamos a relação entre o texto verbal e o texto imagético na charge, assim como a importância da caricatura e dos jogos linguísticos para a compreensão do texto. Para finalizar a seção, relatamos a função social que ela exerce no espaço sociocultural no qual estamos inseridos.

No terceiro capítulo, tomamos como fonte de discussão a intertextualidade. Apresentamos algumas concepções acerca dessa categoria de análise, assim como elementos humorísticos que participam da relação intertextual. Também entendemos



que nessa sessão é conveniente abordar o conceito de dialogismo e polifonia, com base em Bakhtin, como um dos elementos que conduzem a interpretação da charge.

O quarto capítulo se constrói com base em alguns conceitos de ironia. Abordamos aqui a origem desse recurso, presente não apenas no discurso verbal, mas também em gestos e comportamentos. A partir desses conceitos, apresentamos alguns tipos de ironia, sua função em situações específicas e nossa justificativa para não utilizarmos alguns tipos de manifestações irônicas na interpretação de charges. Também apresentamos o conceito de ironia que optamos por utilizar: a partir da perspectiva polifônica de Beth Brait (1996). Entendemos que esse conceito é o mais coerente para a análise feita em nossa pesquisa, uma vez que a autora é seguidora das premissas de Bakhtin, autor cuja base teórica fundamenta toda a nossa pesquisa.

O quinto capítulo descreve a metodologia da pesquisa, a caracterização da amostra, dos participantes e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Reservamos para o sexto capítulo toda a análise da amostra, contextualizamos as charges, apresentamos o perfil dos participantes (traçado por eles mesmos) e apresentamos a análise das categorias que nos propusemos a estudar, no intuito de orientar o leitor para o entendimento de todos os aspectos que justificam as hipóteses levantadas neste trabalho.

No sétimo capítulo, finalizamos a pesquisa apresentando nossas conclusões a partir dos resultados da análise descrita no capítulo 6. Deixamos para pesquisas futuras a missão de investigar, à luz da Linguística Aplicada, métodos de interpretação que possam oferecer condições necessárias para se compreender a charge. Esperamos que esta pesquisa possa ampliar discussões pertinentes ao gênero e desencadear novas pesquisas para abordar assuntos não contemplados neste trabalho.

## 2. A CHARGE

Aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo.

Clifford Geertz

Ao desenvolver esse capítulo, um dos nossos objetivos foi esclarecer aos leitores os propósitos de uma charge, já que nesse gênero a função informativa não se desvincula da função sócio-histórica. Para tanto, apresentamos a conceituação do gênero, explicitando como e por que foi criado, sua chegada ao Brasil, sua trajetória de desenvolvimento nas revistas e nos jornais desde a época do império até os dias atuais, suas características, seus recursos imagéticos e verbais e, por fim, o papel sociocultural que o gênero propõe realizar. Apresentamos a definição do referido gênero ancorando-nos principalmente nos trabalhos de Romualdo (2000) e Teixeira (2001; 2005). Antes, porém, recorreremos às definições de Bakhtin (1997) a respeito do conceito de gêneros do discurso, para que possamos esclarecer como surgem, e o papel que estes desenvolvem em uma interação.

### 2.1 Conceito de gênero com base em Bakhtin

Antes de falarmos sobre charge, é preciso entender o que significa gênero, como ele nasce, qual seu papel em uma comunicação e como eles proporcionam a interação, visto que tem um caráter social fortemente marcado pelo dialogismo e pela responsividade ativa (termos instituídos por Bakhtin), seja na linguagem verbal ou na linguagem não-verbal.

A visão clássica de gênero passou por consideráveis redefinições e ganhou sentido mais amplo quando Bakhtin empregou o termo para referir-se a tipos de textos que empregamos em qualquer situação de comunicação. Para o autor (1997, p. 279),

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gêneros do discurso.

Para Bakhtin (1997, p. 279), os “tipos relativamente estáveis de enunciados” que refletem as condições específicas e as finalidades das ações humanas, oportunamente configuram-se como gênero quando, repetidas vezes, utiliza uma estrutura única na sua composição, faz uso de um conteúdo temático provável para aquele tipo de enunciado e permite o uso de um estilo verbal mais ou menos elaborado, de acordo com o nível de formalidade que a composição exige.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, as transformações dos gêneros, bem como o surgimento de novos gêneros, estão ligados à especificidade de cada “campo de comunicação verbal”, pois, para compreender o processo de construção do sentido, é preciso perceber a palavra como “signo ideológico” cujo sentido é determinado pela necessidade social dos interlocutores.

Bakhtin, além de defender que existe o caráter social dos fatos da linguagem, defende também que há uma variedade de atos sociais produzidos por diferentes gêneros, acarretando uma multiplicidade significativa das produções de linguagem.

Ao falarmos em produções da linguagem, entendemos que a escolha de um gênero é determinada em função da peculiaridade da troca. A esse respeito, Bakhtin (1997, p. 302) afirma que:

Nós aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a estrutura composicional dada, prever-lhe o fim, em outras palavras, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo. [...] Se os gêneros de discurso não existissem e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez a cada processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos textos, a comunicação verbal seria quase impossível.

Quando um emissor fala, um autor escreve/desenha, um receptor ouve/lê um enunciado, ele tem uma visão antecipada do texto como um todo acabado pelo conhecimento prévio que tem dos gêneros a que está exposto cotidianamente nas relações sociais intermediadas pela linguagem. Graças ao nosso conhecimento prévio dos gêneros do discurso, não precisamos prestar uma atenção constante a todos os detalhes de todos os enunciados que ocorrem à nossa volta. Somos capazes de identificar, por exemplo, um cupom fiscal ou um folheto publicitário sem maiores dificuldades e nos concentrar em um número reduzido de elementos. A noção de gênero está tão estruturada em nossas mentes que, diariamente, é comum ouvir

afirmações do tipo “li seu e-mail”, “o anúncio me chamou a atenção”, “fiz o fichamento do livro”, “não entendi a piada”, “deixei um recado pra ele”, “recebi seu torpedo”. Isso prova que as trocas sociocomunicativas são dinâmicas e sofrem variações na sua constituição em cada época da evolução humana e, em muitas ocasiões, acarretam na criação e utilização de novos gêneros.

Entendemos, a partir da compreensão da materialidade do gênero, que todo texto pertence a uma categoria de discurso, ou seja, a um gênero, e que há uma infinidade de termos para categorizar a vasta variedade de textos produzidos em diferentes circunstâncias. Percebemos, a partir de nossas observações, enquanto desenvolvíamos essa pesquisa, que algumas pessoas ainda empregam indiferentemente o sentido de "gênero" e "tipo de discurso", sem perceber que há uma clara diferenciação, já que os gêneros pertencem a diversos tipos de discurso associados a vários setores de atividade social, enquanto as tipologias comunicacionais não levam em consideração os funcionamentos linguísticos do texto.

O gênero charge é o resultado de processos sociais, culturais e históricos impostos à sociedade pela própria necessidade de adequar-se a novas formas de consolidar o discurso. O referido gênero apresenta-nos discursos que narram e argumentam ao mesmo tempo, fazendo-nos ver um fato por uma determinada ótica, a do chargista.

É interessante também a ideia de que a sistematização dos gêneros acarreta uma economia cognitiva, pois à medida que os gêneros representam formas relativamente estáveis da enunciação, possibilitam mais êxito na comunicação entre os interlocutores. Estes, por sua vez, devem escolher um gênero do discurso. A partir da escolha do gênero (feita de forma consciente ou inconsciente), a interação entre os interlocutores torna-se mais eficiente já que ambos reconhecem e se submetem às prerrogativas que o gênero em questão exige.

De acordo com Bakhtin (op. cit.), em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral, entre eles, linguagem familiar, linguagem sociopolítica, filosófica). Cada vez que há a ampliação da língua escrita, que, por sua vez, incorpora diversas camadas da língua popular, todos os

gêneros se reorganizam e se modificam, o que ocasiona uma maior ou menor reestruturação e renovação de suas características.

Na explicação de Bakhtin, os gêneros primários, ou os mais simples, são os mais utilizados na vida cotidiana, enquanto os secundários, mais complexos, aparecem em suportes os quais uma grande maioria da sociedade acessa pouco ou não acessa.

Entendemos que os gêneros se modificam porque a linguagem é dinâmica e precisa atualizar-se de acordo com a necessidade de cada época. Portanto, se o gênero é a forma concreta de representação da linguagem, obviamente ele sofrerá alterações no decorrer do tempo. Alguns gêneros deixam de ser produzidos, outros passam a ser mais explorados, novos gêneros também são criados e incorporados ao processo comunicativo, graças aos avanços e às facilidades que a vida moderna, cada vez mais, proporciona ao homem.

Para fortalecer ainda mais as ideias defendidas por Bakhtin a respeito de gênero, procuramos mais esclarecimentos a respeito das especificidades genéricas. O suporte nos foi dado por Bazerman (2006, p. 10), ao afirmar que “é preciso apropriar-se do gênero como um meio de agência”. Para entender o que isso significa, o autor explica que o gênero é uma ação social, portanto um gênero não deve ser ensinado separado da ação e das situações dentro das quais aquelas ações são significativas e motivadoras, mas devemos, sobretudo, considerar que alguém pratica essa ação de alguma forma. A agência à qual o autor se refere diz respeito à capacidade de agir de acordo com a capacidade adquirida socioculturalmente. Como podemos perceber, a maneira de abordar o ensino do gênero é bastante significativa, podendo colaborar para o sucesso ou para o fracasso da compreensão de sua real função no processo de comunicação, priorizando sempre as necessidades do sujeito em determinadas circunstâncias.

Ainda segundo Bazerman (2009), gênero não é apenas um conjunto de traços textuais, há também de se considerar o papel dos indivíduos no uso e na construção dos sentidos. Não podemos ignorar o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e não podemos evitar a mudança no modo de compreendê-lo no decorrer do tempo.

A maneira mais comum de nos comunicarmos na atualidade é por meio dos gêneros que falamos ou escrevemos, mas, para que os interlocutores tenham o máximo

de aproveitamento em uma situação de comunicação, é preciso saber quais os propósitos do tipo genérico. Essa é uma das razões que tem motivado o desenvolvimento de relevantes trabalhos de pesquisa sobre o tema, e está se tornando, segundo Marcuschi (2008, p. 48), “um empreendimento cada vez mais multidisciplinar”, visto que engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. Os gêneros são um importante elemento da estrutura comunicativa de nossa sociedade.

Quando elegemos um gênero textual para desenvolver um trabalho de pesquisa, estamos realizando linguisticamente objetivos específicos em situações socioculturais particulares. Como afirmou Bronckart (1999, p.103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que permite afirmar que há inúmeros gêneros textuais que operam em diferentes contextos como forma de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhe dão sustentação. Ao estudarmos o gênero charge, visualizamos não apenas o humor, sobretudo percebemos uma reflexão ou uma crítica a respeito de assuntos que afetam, direta ou indiretamente, a sociedade.

## **2.2 A história da charge**

De acordo com Nery (2001), a charge tem suas origens na França, vem da palavra *charger*, que significa carregar, exagerar, atacar violentamente, ou seja, a arte do exagero e/ou do ataque violento, numa menção à carga de cavalaria. Herdou suas características do jornalismo ilustrado nos séculos XVIII e XIX, e tem sua estrutura inveterada na iconografia da Idade Média e nos ofícios dos “ateliês” de pinturas dos séculos XV e XVI.

Ainda com base nos esclarecimentos da articulista, a charge foi criada de modo perspicaz e inesperado por “*ghettos*” opostos aos poderes partidários. Esses “*ghettos*” recebiam tratamento discriminatório por parte dos políticos, e, por isso, organizaram-se num verdadeiro grupo hegemônico de apelo às causas populares.

Segundo Teixeira (2001), o gênero charge, no Brasil, tem uma longa trajetória de desenvolvimento e três momentos de amadurecimento. Seu desenvolvimento começa

com a chegada de imigrantes europeus – pintores e desenhistas – ao Rio de Janeiro durante o século XIX. Na referida época, as charges eram uma reprodução fiel de personalidades da sociedade imperial, e a caricatura ainda não havia sido incorporada ao texto chárstico. De acordo com Herman Lima, 1963 (apud TEIXEIRA 2001), foi Manuel de Araújo Porto Alegre (escritor, poeta, professor da Academia de Belas Artes e primeiro caricaturista brasileiro) quem criou, entre 1837 e 1839, as primeiras pranchas avulsas em que se utilizava de caricaturas para representar políticos com os quais não concordava.

Consoante Teixeira (2001), a revista *Lanterna Mágica*, criada por Manuel de Araújo Porto Alegre, foi a precursora do humor político na imprensa brasileira. Embora as revistas ilustradas originárias dessa época veiculassem a informação utilizando-se de discursos satíricos, a sátira apresentada por estes meios de comunicação ainda não tinha as características da charge. O certo é que já se usava o discurso gráfico – articulado por imagens – associado ao texto verbal, como um suporte para narrar os fatos que despertavam interesse à sociedade.

O primeiro momento de amadurecimento da charge acontece no início da segunda metade do século XIX, quando os recursos comunicativos – o discurso gráfico associado por imagens que têm o texto verbal como suporte narrativo - equilibram a linguagem e seu traço. Nesta ocasião, o gênero charge se fortalece por dois motivos: 1. Elege a política como objeto privilegiado para a expressão de sua forma e manifestação de seu conteúdo e 2. Em consequência, a eficácia de seu discurso está ligada à sociedade na qual se insere. (TEIXEIRA, 2001, p. 9)

Henrique Fleiuss – imigrante alemão, formado em Belas Artes na Alemanha, com substancial formação acadêmica e cultural – ao chegar ao Brasil, junto com imigrantes da corte portuguesa, cria uma tipografia, que D. Pedro II transforma em Instituto Artístico Imperial. Irrefutavelmente, a sátira política criada neste órgão só fazia críticas a quem se opunha ao poder instituído. É evidente que o alemão foi alvo de duras críticas dos demais chargistas que começaram a desenvolver o mesmo tipo de texto na época, principalmente de Ângelo Agostini – artista italiano, caricaturista, ilustrador, desenhista, crítico de arte e pintor – a quem se atribui a fama de exercer forte influência na formação da opinião pública durante a segunda metade do século XIX.

Ao fundar a *Revista Ilustrada*, em 1876, Ângelo Agostini revela a realidade por meio de caricaturas de si próprio, representadas por personagens fictícios que satirizavam os problemas da cidade. O mesmo recurso foi utilizado pelo artista em 1895, na *Revista Dom Quixote*, criada também por ele. (TEIXEIRA, op. cit.)

Ângelo Agostini, primeiro chargista a carregar a charge de crítica e conteúdo ideológico, transformou-a em um texto quadrinizado, ou seja, sistematizou essas narrativas permanentemente sequenciadas, sincronizadas no tempo e ordenadas no espaço, entretanto não se confundia com história em quadrinho por ter conteúdo essencialmente político focado na observação crítica do real.

Mesmo retratando os acontecimentos brasileiros, as charges dessa época eram produzidas sob influência do traço europeu, no dizer de Teixeira (2001), elitista, formal, detalhista e socialmente seletiva, isto porque seus idealizadores eram todos de origem europeia e burguesa.

Ainda de acordo com Teixeira (op. cit.), nos últimos anos da Monarquia acontece o segundo momento de desenvolvimento da charge no Brasil. Nesta ocasião, o gênero caracteriza-se por apresentar uma forte oposição à política imperial, utilizando-se de elementos de humor associados à crítica política. As charges da época retratavam com desdém as crises institucionais da segunda metade do século XIX. A *Revista Ilustrada* é considerada a mais popular da Monarquia, e Ângelo Agostini, com seu traço pessoal, soube atacar a sociedade aristocrática utilizando a temática dos dois principais impasses que preocupavam o poderio da época: a abolição da escravatura e a proclamação da República. Com isso, Agostini tornou-se o primeiro chargista a explorar um projeto de mudança estrutural da sociedade, enquanto concede à charge a função crítica e o conteúdo ideológico, cujo objetivo principal não é fazer rir, e sim fazer refletir. Apesar do grande sucesso das criações de Agostini, suas charges eram ilustradas somente na cor preta, e a caricatura era marcada apenas por traços macrocéfalos. Em 1867, porém, a Revista *Ba-Ta-Clan* já havia inserido cor às charges. Neste mesmo ano, Agostini, agora na Revista *A Vida Fluminense*, passa a produzir charges coloridas.

Com a derrota da Monarquia e com o início de uma nova forma de governo que, conseqüentemente, deu início ao despotismo da ditadura, as revistas ilustradas foram



extintas. As poucas que permaneceram circulando, apenas três, eram monopolizadas pelos marmotas que dominavam a política da época.

Somente a partir de 1894, com os governos civis de Prudente de Moraes e Campos Sales, as revistas ilustradas voltam a circular e a utilizar charges para fazer críticas de forma irreverente, satírica e humorística.

Durante o período dos governos civis acontece o segundo período de amadurecimento da charge. Julião Machado, chargista português, mesmo sem ter a perspicácia política de Ângelo Agostini, consegue marcar a transição do traço da charge. Em 1895, na Revista *A Notícia Ilustrada*, ele publica inúmeras charges quadrinizadas, genuínas histórias em quadrinhos, como era comum nesse período de amadurecimento da charge. Na Revista *A Bruxa*, experimenta novas técnicas de impressão gráfica. Introduz vinhetas na Revista *A Notícia Ilustrada*, retomando um trabalho modernizador iniciado nas revistas *O Mosquito* e *O Besouro*. Também experimenta-se a impressão colorida nas revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*. Em ambas percebe-se a originalidade gráfica associada ao perfeito uso da cromática.

Em 1896, Julião inicia a publicação de charges em jornais, em uma coluna intitulada “caricaturas instantâneas”, criada para o Jornal *Gazeta de Notícias*, conservando “esse lugar privilegiado para a crítica e o humor político que a charge ocupa a partir de então” (TEIXEIRA, 2001, p. 30).

A charge acompanha os modismos da *Belle Époque* e seu desenvolvimento apresenta-se com traço e conteúdo temático modificados. Agora os chargistas criam personagens fictícios com a finalidade de fazer piada de salão, cujo humor é passageiro e a graça é efêmera. Contudo, é esse tom descomprometido da charge que inicia a mudança na estrutura da charge, antes verborrêica, agora sintética verbalmente, o que representa um traço da sua modernidade.

Nos primeiros anos do século XX, a charge começa a criar personagens que não ultrapassam o limite da racionalidade que, até então, limitava sua possibilidade de expressão. Foi, em princípio, com o personagem Zé Povo e, posteriormente, com o Jeca Tatu que a charge começou a expressar criatividade e manifestar a crítica a costumes, livrando-se do ranço europeu e elitista que a caracterizou durante o período monárquico.

Com a introdução da fotografia e da fotogravura nas revistas, em 1900, a charge começa a perder espaço – e, com o passar dos anos, passa a ter a função principal de divertir e secundariamente de informar. A partir de 1910, a charge também começa a perder o lugar privilegiado que tinha nos jornais diários.

Segundo Teixeira (2001), José Carlos de Brito e Cunha ou apenas J. Carlos – mais talentoso chargista do início do século XX – é o grande responsável pelo terceiro momento de amadurecimento da charge no Brasil. J. Carlos cria inúmeros tipos fictícios e transforma o traço acadêmico, visto durante a Monarquia, no traço inovador que começa a desenvolver durante a República Velha, utilizando-se de técnica original e criatividade inesgotável. O chargista, além de charges, faz caricaturas e ilustrações, sobretudo tem muito talento para criar tipos fictícios, é o primeiro a distorcer e inventar formas, ignorando os limites da anatomia do homem. Infelizmente o artista não consegue produzir charges realistas como no período monárquico, pois se prende muito ao mundo fantástico, por isso não consegue vislumbrar a crítica, por mostrar-se não inclinado às polêmicas políticas.

Neste momento, a charge encontra-se em um processo de despolitização, iniciado a partir da implantação do governo republicano. O texto verbal é o principal elemento para dar sentido ao gênero, e, aos poucos, este vai se tornando mais curto e rápido. Explorando apenas o humor, o gênero esvai toda a carga crítica que possuía antes, evita a agressividade e, por vezes, reforça apoio a certos políticos. Essa característica volúvel da charge em relação a sua função conserva-se até a década de 30.

Com a chegada do paraguaio Andrés Guevara ao Brasil, na década de 1930, a charge passa por seu quarto e último momento de amadurecimento, passando a ser, prioritária e definitivamente, instrumento de crítica política. É nesse momento que a charge passa a falar com a imagem e liberta-se totalmente da grande quantidade de texto verbal.

Agora a charge é capaz de falar por si só, a imagem é o texto, que reflete sobre tudo o que acontece na sociedade. Neste período de firmamento, o gênero, por meio da imagem, “rompe com a razão que limitava suas possibilidades expressivas” (TEIXEIRA, 2001, p. 48).

O terceiro momento de desenvolvimento da charge ocorre quando o país

encontra-se em um momento de crise, com economia frágil e dependente, baseada apenas na exportação do café. Nesse momento também inicia-se uma progressiva industrialização, e novos políticos começam a aparecer no cenário nacional para desestabilizar o controle exclusivo que a elite oligarca mantinha sobre o Estado. Nesta conjuntura, “Guevara prepara a charge para entrar na modernidade, possibilitando o salto qualitativo em direção à contundência e autonomia de seu traço, superando os limites de forma e de conteúdo que a mantinham presa ao passado” (TEIXEIRA, 2001, p. 51). Guevara revolucionou a estrutura narrativa da charge: reduziu o texto verbal e o aproximou da oralidade, ultrapassou o limite da razão, explorando inúmeras possibilidades de representações imagéticas através das inovações do grafismo. Aos poucos, a charge ganha independência para discutir sobre a realidade, sobretudo de forma agressiva e com oposição de conteúdo, e não se sujeitando à racionalidade das palavras nem presa a elas.

Guevara conseguiu, definitivamente, libertar a charge do estigma de semelhança, dando a cada leitor a possibilidade de construir diferentes significados para uma única charge. Recorre constantemente à caricatura para criar personagens diferentes do sujeito real. Passa a utilizar a semelhança para mostrar o que se vê, no mesmo instante em que usa a diferença para aprofundar o que não se vê.

O gênero charge atualmente é publicado em jornais e em algumas revistas de grande circulação em todo o Brasil, na sessão de opinião, exatamente por se tratar de um texto de opinião; entretanto, está se tornando cada vez mais comum encontrar charges na internet – em *sites* que divulgam o gênero – seja reproduzindo as mesmas charges publicadas no jornal impresso, seja criando novas charges, algumas, inclusive, com animação.

O que podemos perceber concretamente é que a charge é o resultado de um longo processo de amadurecimento da forma e do conteúdo do gênero, já que antes a identidade do sujeito era construída por uma relação de semelhança entre a identidade do sujeito e seu personagem, característica ainda mantida pela caricatura, enquanto a charge, antagônica, intensifica seu traço e expõe sua verdade para que o leitor construa sentido nas representações das ações do sujeito real através de um personagem diferente dele, mas que com ele se identifica.

É importante essa retomada sobre a história da charge para que os leitores compreendam como esse gênero originou-se e moldou-se às necessidades comunicativas em detrimento à forte resistência à liberdade de expressão por parte do governo, sem, contudo, deixar de lado sua função de fazer refletir.

### **2.3 Características da charge**

O principal propósito da charge é apresentar criticamente um problema, um fato ou um acontecimento que possa interessar à sociedade na qual se insere. Quase sempre recria, através de caricaturas, a imagem de pessoas públicas envolvidas em eventos capazes de gerar polêmica. Para que essa leitura seja dinâmica, o texto chágico tem como meta satirizar, muitas vezes associando o humor satírico ao deboche e à ironia. Dessa forma instiga o pensamento crítico do leitor, levando-o a se posicionar, mesmo de forma imperceptível, diante do texto.

Para Fonseca (1999, p. 26), a principal característica do gênero é “satirizar um fato específico, tal como uma ideia, um acontecimento, uma situação ou pessoa, em geral de caráter político, que seja de conhecimento público”.

Normalmente as charges publicadas em jornais utilizam um único quadro, no entanto, há casos em que o chargista divide o espaço em duas ou mais imagens para sequenciar um conjunto de ações. A grande maioria das charges jornalísticas utiliza o texto verbal associado à imagem, contudo, algumas exploram apenas imagem.

Alguns leitores podem confundir charge com cartum; a diferença entre os dois gêneros pode ser percebida se considerarmos as características abaixo, caracterizadas por Teixeira (2005):

A charge apresenta identidade por diferença, sentido, agressividade na forma e delírio no conteúdo. É por meio da diferença que se produz o outro do sujeito no personagem, este é um modo imaginário de ser do sujeito que não está explícito em situação real. Sujeito e personagem diferenciam-se por haver uma ruptura com o real e com a razão, num distanciamento que vai além do bom-senso e além do senso comum, ou seja, o sujeito é diferente do personagem porque este torna visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta.

Na charge, o sentido dramatiza as ações reais do sujeito para denunciar relações desse sujeito com a realidade, por isso o significado de um ato não está nele mesmo, mas no que ele esconde, além do que a razão determina como real, porque é no não-senso que o chargista produz sentido e apresenta uma crítica à realidade, já que interpreta e expressa um ponto de vista por meio de uma consciência. Segundo Teixeira (2005, p.80), “para desvendar o sentido a partir do que a razão nega e a realidade oculta, a charge produz uma ruptura a partir da qual uma nova verdade vem à tona sem qualquer vínculo de racionalidade.” Esta não é uma verdade separada do real, mas uma verdade cuja condição de existência não depende do real, pois, embora remeta a uma situação que realmente existe, não se ajusta a ela como condição para criar seu discurso.

Tanto a agressividade na forma quanto o delírio no conteúdo são elementos funcionais para a reprodução de um sujeito numa personagem diferente. O personagem se apropria das características de um sujeito para reproduzir, de forma agressiva, seu modo de ser, seu estilo e suas formas, despertando, então, a consciência de quem o observa. Como o chargista inspira-se na política para construir suas críticas, ele reproduz esse universo com agressividade, pois esta é a fonte de onde nasce seu humor em forma de discurso para expressar o que não se pode dizer com palavras. Por isso a agressividade é funcional, porque por meio dela a sociedade pode dizer e concordar com verdades não ditas em outras formas de discurso público. A agressividade da charge também é uma estratégia de estímulo para o leitor, pois o incita a se conscientizar, a se posicionar e a assumir uma atitude crítica diante do texto.

O delírio no conteúdo do texto chárstico é uma forma de tornar transparente o desejo do sujeito. Para Teixeira (2005, p. 90), o desafio consiste em “pensar o impensável e dizer o indizível a respeito de sujeitos reais”. O delírio na charge é uma estratégia para denunciar a banalidade dos costumes e a fragilidade da condição humana; é uma forma de apropriar-se da realidade para expressá-la, por meio de estratégias humorísticas, de forma convincentemente irreal.

A charge, diferentemente do cartum, é temporal, ou seja, é um gênero cuja temática desperta interesse provisório, pois apresenta, de forma peculiar, fatos evidenciados em determinadas circunstâncias. É, portanto, um gênero cujo texto envelhece rápido, posto que os fatos retratados rapidamente saem de evidência e deixam de interessar ao leitor. Apesar disso, há alguns casos em que charges são republicadas, e

os chargistas usam essa estratégia quando um fato corriqueiro se repete, se mantém atual. Alguns chargistas já fizeram isso para referir-se, por exemplo, a constantes tiroteios cuja crítica gira em torno da problemática das balas perdidas.

O cartum problematiza sujeitos e situações reais por meio de personagens e temas fictícios. Sua verdade é produzida a partir de situações imaginárias, basicamente com personagens inverossímeis. Diferentemente da charge, o cartum não se utiliza de fatos reais para evidenciar sua sátira. Neste gênero, os personagens são antropomórficos, e a problemática é coletiva, por isso apresenta em seu discurso identidade coletiva, universalidade como forma e generalidade como tema.

Apesar de ser um gênero que utiliza poucas palavras ou nenhuma palavra, já que um dos seus traços é condensar o maior número de informações sobre um determinado assunto, tem o propósito de estabelecer uma relação discursiva entre o chargista e o leitor; e todas as informações presentes na charge apresentam uma relação intertextual e polifônica com outros textos, estes têm a função de fornecer informações colaboradoras para o entendimento do assunto tratado.

Partilhamos com Teixeira (2001) a ideia de que a charge, antes de ter a função de fazer rir, tem a função de fazer refletir, talvez por isso, atualmente, com suas caricaturas burlescas, na maioria das vezes associadas a pequenos textos verbais, “a charge é um desenho de humor que estrutura sua linguagem como reflexão e crítica social” (TEIXEIRA, 2005, p. 11).

A partir das leituras e das observações que temos feito em relação ao posicionamento dos leitores diante de textos chárgicos, entendemos que a charge constrói-se por meio da intertextualidade entre os diversos acontecimentos e faz uso do sistema de linguagem verbal e não-verbal para recriar a realidade sempre de forma humorística, crítica e satírica, muitas vezes também irônica.

A charge, através dos recursos pictóricos, permite ao leitor realizar uma leitura rápida e interpretar as informações a partir de diferentes conhecimentos. Sabemos que o gênero vincula-se à realidade, contudo faz críticas e por vezes provoca o riso carnavalesco em quem o lê.

O riso carnavalesco caracterizado em charges é o que Bakhtin (1999) criou e

nomeou como teoria da carnavalização, refere-se à transposição da cosmovisão carnavalesca para a linguagem literária e foi elaborada com base nos modelos de carnaval e da cultura popular medievais. Portanto, se considerarmos as simbologias, imagens e ações carnavalescas em seus significados (momentânea inversão de papéis, a noção de mundo às avessas, aproximação de opostos pela ruptura da hierarquia habitual), podemos, a partir deles, encontrar e compreender o uso de estratégias carnavalizadoras em charges, porque, segundo Bazerman (2007, p. 99), “Bakhtin examina a carnavalização ou escárnio linguístico objetivando denunciar os problemas enfrentados pela população e ridicularizar as forças dominantes opressivas”.

Para entendermos a carnavalização bakhtiniana dentro da charge, é necessário compreendermos que tal gênero autoriza ao discurso o uso de ambiguidade, duplicidade e ambivalência. A visão carnavalesca do mundo, aqui apresentada em forma de deboche, ironia e sátira, representa uma cultura carnavalesca que nos surpreende pelo fato de serem reveladas em atitudes de pessoas notórias, muitas vezes admirado pelo leitor, por isso suas ações tornam-se alvo de crítica.

A charge, de fato, propõe uma crítica e, por meio de todos os recursos de que se utiliza hoje, associados à liberdade de expressão, tenta ser fiel aos seguintes propósitos, citados por Teixeira (2005, p. 74): reproduzir a realidade independentemente da razão; produzir uma verdade independentemente da realidade; incorporar o humor como linguagem que produza uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão. Para o autor (ibidem), a charge incorpora humor a conteúdos de verdade além da realidade, com veracidade e verossimilhança, porém sem razão.

Em seu aspecto discursivo, a charge representa, em uma única imagem, a narração de um fato, a descrição de um problema e uma opinião satírica sobre a temática, o que nos faz presumir que o leitor é encarregado de relacionar a temática abordada ao fato que a originou e deduzir o motivo da crítica. Se isto não acontecer, certamente a compreensão do texto se distanciará da real proposta do enunciador.

#### **2.4 O uso dos signos imagético e verbal na charge**

Sabemos que a linguagem se organiza em sistemas conhecidos pela sociedade que os utiliza. Ao utilizá-los, os sujeitos fazem adaptações de acordo com seus interesses e com suas necessidades e acabam alterando-os dentro da dinâmica do

processo comunicativo. Esses sistemas são formados por signos, que, de acordo com Saussure (2004), é uma entidade psíquica com duas faces: uma imagem acústica e um conceito. Para o autor, a imagem acústica corresponde à forma verbal arquivada na memória, enquanto o conceito, ao significado do signo de um modo mais abstrato e, em certo sentido, mais próximo da referência. Para tornar o conceito de signo linguístico mais técnico, Saussure (2004) optou por entender o signo como a união de um significante e um significado, terminologia aproveitada dos gregos, que já entendiam o signo como a relação entre o significante (*sêmainon*) e o significado (*semainômenon*).

Para a linguagem verbal, o significante é a imagem acústica e o significado é o conceito mental a que ele se refere. A linguagem não verbal também se vale dos signos, também compostos por significantes (formas, cores, sons) e significados (conceito mental a que ele se refere).

Com base nesse entendimento, evidenciamos que, por ser um processo de produção de sentido baseado na realidade, a charge apresenta ao leitor um resumo de acontecimentos (na maioria políticos ou ligados diretamente ao resultado de ações políticas) e recria-os utilizando os signos não verbais (recursos gráficos próprios do gênero), muitas vezes associados a signos verbais (expressões e jogos linguísticos) com a finalidade de causar efeitos de sentido satírico e irônico.

#### 2.4.1 O signo imagético na charge

Uma das características essenciais da charge, segundo Romualdo (2000), é o fato de ser uma manifestação de caráter visual da capacidade textual do homem. O seu caráter icônico<sup>1</sup> pode ser convertido a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, sinuosas, quebradas, mistas), e as massas (superfícies escuras ou hachuras), que variam de intensidade e podem ser expressas das mais diferentes formas.

Esses elementos gráficos mínimos isoladamente não têm significado, porém sua combinação com outros elementos icônicos possibilita formar o que se pode chamar de

---

<sup>1</sup> signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto que representa (como uma fotografia, uma estátua ou um desenho figurativo); p.ex., o desenho de uma faca e um garfo cruzados que indicam a proximidade de um restaurante.



sintagma icônico. Essa combinação dos elementos mínimos forma a imagem do texto chárstico. A significação dos elementos gráficos na charge surge do contexto sintagmático em que esses elementos estão inseridos. No dizer de Cagnin (1975, p. 33), “a elaboração manual revela a intencionalidade do desenhista na emissão do ato sêmico e transforma o desenho em mensagem icônica, carregando em si, além das ideias, a arte, o estilo do emissor”.

Para Cagnin (1975), o receptor do texto icônico precisa perceber a representação imagética e relacioná-la a três contextos icônicos para concluir sua compreensão. Devemos considerar, portanto, o contexto intraicônico, o intericônico e o extraicônico.

O contexto intraicônico relaciona diversos elementos que compõem uma figura. Círculos, pontos e linhas não assumem significados se estiverem sozinhos, apenas representam formas; mas, quando se combinam, assumem um significado.

O contexto intericônico é o resultado das relações entre imagens que se associam em série ou em sucessão. Muitas das charges são compostas em um único quadro, todavia há algumas que utilizam mais de um, como em uma história em quadrinhos. O referido contexto diz respeito à sequência das imagens. A leitura de um quadro após o outro representa a cronologia da sequência narrativa.

De acordo com Cagnin (1975), o contexto extraicônico é a associação de imagens a elementos de natureza variada, por exemplo, sociedade, idade, tempo, cultura, escolaridade. O contexto extraicônico pode ser situacional (com elementos comuns ao emissor e ao receptor durante a comunicação) e global (com implicações culturais e espaço-temporais impossíveis de delimitar, devido à diversidade entre as pessoas). Considerando a divisão desse contexto, espera-se que os leitores façam várias relações entre o que veem e suas experiências passadas.

O estudo das características e dos recursos utilizados tanto pela fala quanto pela imagem na construção de charges é uma seção indispensável em nossa pesquisa, porque um dos nossos objetivos é investigar qual texto (verbal ou não-verbal) é mais relevante para a construção do sentido em charge. A partir da análise da influência da informação verbal e não-verbal, pretendemos responder em qual desses textos o leitor apoia-se mais para interpretar a charge. Nossa hipótese é que as charges são compreendidas mais

facilmente quando possuem texto verbal, pois o leitor necessita dele para compreender a mensagem, que, aos seus olhos, pode conter informações insuficientes somente por intermédio da linguagem não-verbal.

#### 2.4.2 A caricatura

Decidimos inserir esse subtópico por percebermos que, para alguns autores, a caricatura é o modelo-base para a constituição de uma charge. Embora tenhamos observado que alguns chargistas de jornais impressos não utilizam a caricatura como elemento visual dos mais recorrentes, este recurso está presente na maioria das charges de jornais impressos que circulam pelo país. Essa constatação foi feita após consultarmos, durante alguns meses, a publicação de charges no site [www.chargeonline.com/](http://www.chargeonline.com/). Este site publica diariamente as charges de quase todos os jornais de grande circulação nas cidades brasileiras.

A caricatura origina-se muito antes que a charge, sua história é tão antiga quanto a história do homem. Segundo Lima (1963), estudos bíblicos revelam que a caricatura surgiu com a figura do diabo caricaturado como anjo de luz expulso do céu. As asas de morcego, o nariz de águia, os chifres de touro, a língua de serpente, os pés de cabra, as garras de macaco, e o rabo de leão conseguiram encher de temor o pensamento do povo durante a Idade Média. O diabo foi, então, considerado a primeira caricatura que surge com traços acentuados e descaracterizados como forma de manifestar uma insatisfação. A caricatura assume, desde sua criação, o dever de satirizar para revelar o erro ou a culpa.

Ainda de acordo com Lima (1963), a caricatura nasce efetivamente no Egito, pelas mãos de um povo de forte espiritualidade e expressão, e representava cenas e sentimentos diversos nas paredes dos hipogeus sepulcrais<sup>2</sup>. A arte, a religião, os vícios, o amor, a morte e a história grega estão cheias de caricaturas, ora grotescas, ora fantásticas.

---

<sup>2</sup> Construção subterrânea ou escavada em escarpas, usada como sepultura ou templo funerário pelos antigos egípcios e, frequentemente, por sua influência, também usada como sepultura por vários povos da Antiguidade, como os hebreus, gregos, persas, etruscos e romanos.

A maioria das caricaturas apontava defeitos e ridicularizava a religião e a realeza pela prática de abuso de poder e de atitudes morais. Segundo o autor, essa era uma estratégia para camuflar as composições formais que remetiam à imagem real dos poderosos, transformando-as em metáforas visuais para gerar sentido grotesco e comparações entre as características humanas e as características dos desenhos correspondentes. A caricatura se vale de um ser real e constrói outro de natureza fictícia com traços ridículos.

Concordamos com as ideias de Landowski (1995) sobre caricatura. Para o autor, este é um elemento cujo papel é definidor nas charges, uma vez que nos apresenta um discurso referencial, no qual revela, por trás da máscara caricatural, um discurso verossímil. Baseando-nos na análise da interpretação de textos chárgicos com caricaturas, percebemos que estas são fundamentais para produzir efeitos de sentido gerados por todo o conjunto da charge: o texto imagético e o texto verbal. Ressaltamos que o sentido não está no texto; ele é produzido fora do plano textual, a referência apenas o direciona.

De acordo com Romualdo (2000), a caricatura apresenta um exagero das características de um indivíduo, de forma proposital, é claro; isso garante o riso fácil, mas também enaltece os traços mais marcantes da personalidade, podendo valorizar aspectos positivos ou ridicularizar aspectos negativos. Entretanto, antes de nos fazer rir, a caricatura utilizada como elemento na construção do discurso em charges deve nos fazer pensar sobre as reais características do seu referente, portanto, cabe ao leitor a tarefa interpretar esse exagero, isso ressalta a necessidade de compreender o contexto extraicônico.

#### 2.4.3 O signo verbal na charge

O uso do signo verbal em charge, justaposto ao imagético, é uma estratégia para se completar ou para se contrapor, de acordo com o sentido que se quer obter no texto chárgico. Há duas maneiras de usar o signo linguístico em charges: em forma de texto (para representar a fala do personagem) e em forma de paratexto (para representar a fala do enunciador). De acordo com Romualdo (2000), sua representação segue as mesmas formas das histórias em quadrinhos. Os signos linguísticos representam a fala dos

personagens, representam barulho, aparecem em legendas ou dentro de figuras, por exemplo, no jornal que um personagem está lendo.

Quando alguma palavra vem destacada de alguma forma (negrita, maior ou menor que as demais, de outra cor, mais apagada, tremida), está indicando alguma intenção do chargista; a palavra está tentando mostrar uma característica presente no texto, uma crítica, uma ironia, um sentimento, foi isso que levou Cagnin (1975) a afirmar que o elemento linguístico passa a ter também uma função figurativa, pois atua também como elemento pictórico, e esses destaques representam pistas para a interpretação.

O texto da fala dos personagens pode ser apresentado em balões ou fora deles, através de uma linha que identifica a qual personagem se vincula, ou ainda sem nenhuma marcação (quando demonstra risos e sons diversos).

De acordo com Romualdo (2000, p. 29), as formas dos balões são muito diversas, entretanto há duas formas bastante usuais.

- ✓ O balão-fala: o mais comum, com contorno bem nítido e contínuo. O apêndice sai da boca do falante em forma de seta;
- ✓ O balão-pensamento: neste, a linha de contorno é irregular, ondulada, quebrada ou de pequenos arcos ligados. O apêndice, formado por pequenas bolhas ou nuvenzinhas, sai do alto da cabeça do pensante.

Esses dois tipos de balões são convenção dos quadrinhos e são adotadas por todos os desenhistas.

É possível encontrar em charges outros tipos de balões, embora sua ocorrência não seja frequente. Contudo, quando aparecem, têm um significado específico. Vejamos:

- ✓ O balão-cochicho: a linha de contorno é pontilhada. É usado para representar a fala de personagem que não pode ser ouvida por outrem;
- ✓ O balão-berro: formado por arcos com as extremidades voltadas para fora;
- ✓ O balão-trêmulo: formado por linhas tortuosas, indica o medo do personagem falante;
- ✓ O balão de linhas quebradas: representa os sons e falas emitidos por aparelhos elétricos ou eletrônicos.

Mesmo quem não decifra o porquê dessas formas de balões não tem prejuízo enquanto realiza sua leitura, porque quando se lê um texto vinculado a imagens o que predomina é a relação entre a imagem e o signo verbal, portanto o leitor se baseia no conteúdo expresso.

Os balões muitas vezes trazem no seu interior sinais linguísticos como o ponto de interrogação (?) ou de exclamação (!) para expressar o posicionamento ou entendimento do personagem diante de uma situação. Cagnin (1975) denomina esses balões de “mudos”, pois não contêm nenhuma fala e representam sensações e sentimentos conforme a situação apresentada na história.

Também existem balões cuja mensagem é construída através de desenhos diversos (cobras, espirais, raios, cruzeiros etc.). Esse recurso é utilizado para representar palavras ou desaforos. Esses desenhos apresentam uma função linguística, pois substituem o texto verbal.

O elemento verbal é conhecido como paratexto quando tem caráter orientativo, ou seja, quando confirma ou reitera o que está sendo evidenciado pela imagem. O paratexto ora atua intitulando, ora contextualizando, ora explicando. Há ocasiões em que é perceptível que esta é a voz do chargista, pois ele precisa atestar uma contextualidade na condição de impessoalidade. Também pode ser entendida como a voz do enunciador discursivo, pois apresenta pistas que fortalecem as intenções da composição textual em sua totalidade. Entendemos, portanto, que a representação discursiva mostrada no paratexto é uma marca intencional para conduzir a interpretação do discurso de uma charge.

Quando uma charge apresenta imagem, texto e paratexto, este tem o papel de intitular a narrativa ou informar, de forma clara, o direcionamento do discurso. Evidenciamos aqui que o paratexto não é elemento fundamental, mas, quando aparece na charge, é responsável pelo direcionamento que se pretende dar à interpretação.

Utilizar provérbios simples ou provérbios alterados, relacionar imagens a nome de filmes ou parodiá-los, utilizar trechos de poemas ou de músicas, utilizar frases históricas, citar frases conhecidas são alguns dos jogos linguísticos que, em forma de paratexto, são associados às imagens para dar ao texto uma conotação intencional, de forma divertida, crítica e burlesca. Neste sentido, o paratexto faz menção a uma situação

ou evento anterior para que o leitor realize uma interpretação dialógica com outro acontecimento e associe características comuns ou adversas entre eles.

Comprovadamente, o estudo dos gêneros é tão importante quanto a própria capacidade de se comunicar; sendo assim, o nosso objetivo principal é perscrutar a construção do sentido no gênero charge. Para isso, consideramos que a intertextualidade e a ironia (detalhadas nos capítulos posteriores) merecem pormenorizável atenção. Ao priorizar esses dois aspectos inerentes à charge, tentamos extrair as pistas importantes para uma interpretação coerente e condizente com a informação veiculada por meio desse gênero. Para o êxito da pesquisa, exploramos o estudo dessas duas categorias tanto na linguagem verbal quanto na linguagem não verbal, já que na maioria das charges, para expor uma crítica sobre determinada temática, é necessário utilizar mais de uma semiose, caso contrário, não é possível compreender a mensagem em sua totalidade.

O gênero charge nos possibilita explorar a consciência individual, que Bakhtin, no dizer de Faraco (2009, p. 42), defende ser “construída na interação, e o universo da cultura tem primazia sobre a consciência individual”. “Essa consciência tem uma realidade semiótica constituída dialogicamente (porque o signo é social), e se manifestando semioticamente”. Para isso, usa-se o já dito e o ainda não dito para explorar um contexto e construir um novo texto enquanto se realiza a comunicação.

## **2.5 A multimodalidade na charge**

Configurar os significados de diferentes formas tem se tornado uma prática comum em muitos gêneros textuais. Estes são chamados de textos multimodais, porque sua construção utiliza mais de um modo de elaboração da mensagem. Dionísio (2006) observa que a relação entre imagem e palavra e a função retórica dos diversos recursos utilizados na construção de um gênero estão cada vez mais integrados. Se os modos podem ser compreendidos como a materialização dos recursos de representação da mensagem, a charge é multimodal porque o conteúdo dado à significação é veiculado por meio da imagem e do desenho.

Entendemos que todo modo possui uma lógica que lhe é peculiar, por exemplo, a fala utiliza a lógica temporal, visto que os sons são pronunciados numa sequência formadora de sentido. A imagem usa a lógica espacial e simultânea, pois a visualização

do todo se dá em um único momento. Cada modo, associado a outros modos, faz do texto um todo multimodal. No caso da charge, a multimodalidade é fundamentada na palavra e no desenho, ou apenas no desenho, que também é multimodal, por expor detalhes através das cores, dos gestos e expressões dos personagens, dos tamanhos, dos símbolos etc.

De acordo com Jewitt e Kress (2003), para se entender a multimodalidade é preciso compreender que o sentido é produzido, distribuído, recebido, interpretado e reconstruído de várias formas representacionais e comunicativas, não se limitando à fala e à escrita. Se imagem, música, gesto, movimento, efeitos sonoros, fala etc. produzem sentido, esses modos são, portanto, a materialidade dos recursos de representação, usados para a realização das interações sociais. Para os autores, a prática da escrita, por si só, já é um recurso multimodal, pois expressões que representam sensações e entonação, por exemplo, já são modos para representar o sentido dessa mensagem.

Os autores também esclarecem que os componentes elementares dos recursos modais são os signos, que nos mostram sempre um significante e um significado. Se a semiótica tradicional apresenta essa relação de sentido de forma arbitrária, a semiótica social fundamenta-se na atividade humana situada socialmente. Nesta perspectiva, o signo é dinâmico e transforma-se de acordo com a situação.

Sabemos que é possível fazer diversas inferências a partir do signo, por isso Jewitt e Kress (ibid., p.12) afirmam que

“o signo é evidência dos interesses de seu produtor no momento da representação e de seu envolvimento com o mundo a ser representado. O signo é também evidência dos interesses de seu produtor na comunicação, seu envolvimento com o mundo social no qual o signo é (parte de uma) mensagem.”

A multimodalidade é uma característica importante que contribui para a compreensão da charge. Graças a todos os elementos e recursos utilizados para a construção desse tipo de texto, ele se torna atrativo e nada enfadonho. O chargista, através do uso de ironia e do bom humor, por exemplo, diverte, critica, e estimula o leitor a participar da interação, num jogo de imagens e palavras que revelam uma verdade ao mesmo tempo em que dá abertura para que cada leitor construa sua própria verdade.

O texto ch\u00e1rgico tem o prop\u00f3sito de fazer o leitor refletir sobre os mais variados temas, dos mais pol\u00eamicos aos mais corriqueiros. \u00c9 na tentativa de n\u00e3o deixar esses temas passarem despercebidos aos olhos do leitor que o chargista faz uso dos recursos multimodais para tentar vituperar fatos e causar rea\u00e7\u00e3o no sujeito que est\u00e1 diante do texto, e a maneira como o assunto \u00e9 exposto \u00e9 o que garante que a charge vai conseguir seu objetivo.

A charge, estudada como g\u00eanero de fronteira, pode registrar um fato, recontar uma not\u00edcia ou revelar uma opini\u00e3o. Utiliza a narra\u00e7\u00e3o para apresentar sua vers\u00e3o sobre um acontecimento, descreve personagens e situa\u00e7\u00f5es por meio de caricaturas e outras formas imag\u00e9ticas, al\u00e9m de apresentar uma opini\u00e3o, tanto por meio do discurso verbal quanto por meio do discurso n\u00e3o-verbal.

Por seu descompromisso com a formalidade e desafiando a estrutura r\u00edgida e o car\u00e1ter s\u00e9rio dos textos jornal\u00edsticos, a charge usa o fato como pretexto para refletir e criticar de forma sat\u00edrica, humor\u00edstica e ir\u00f4nica fatos coet\u00e2neos. Apreciamos esse bombardeio de formas e de inten\u00e7\u00f5es como uma forma de comunica\u00e7\u00e3o evidenciada em diversas fei\u00e7\u00f5es, sem, contudo, perder sua seriedade e circunspe\u00e7\u00e3o.

## **2.6 A charge e sua a\u00e7\u00e3o social no espa\u00e7o sociocultural**

A charge tem o prop\u00f3sito de fazer o leitor refletir, enquanto sujeito social, sobre assuntos que por algum motivo foram destaque e, de alguma forma, provocaram questionamentos ou cr\u00edticas por parte da sociedade para a qual foi veiculada. A reflex\u00e3o a respeito de uma charge torna-se relevante se pensarmos que seu conte\u00fado cont\u00e9m todo um complexo ideol\u00f3gico de seu autor e da sociedade na qual se introduz. O leitor precisa observar, atrav\u00e9s de seus tra\u00e7os, uma den\u00fancia, um problema, o humor e uma cr\u00edtica.

De acordo com o que j\u00e1 foi exposto, a charge sempre reconta um fato do cotidiano. Como seus textos s\u00e3o temporais, se formos analisar uma charge de um ano atr\u00e1s, parecer\u00e1 um texto desatualizado, sem import\u00e2ncia para o dia de hoje. Evidentemente, quando as charges s\u00e3o republicadas, isso acontece n\u00e3o somente porque retratam a\u00e7\u00f5es que se repetem. Acreditamos que para a republica\u00e7\u00e3o de uma charge ser poss\u00edvel \u00e9 necess\u00e1rio a constata\u00e7\u00e3o de que esta cont\u00e9m elementos apelativos capazes de propag\u00e1-la em diferentes ocasi\u00f5es, n\u00e3o somente pela forma de abordar um assunto, mas



também pelo forte apelo visual, pelo poder de persuasão e por serem suscetíveis de interpretação.

BARROS (1994, p. 3) afirma que “a persuasão e a interpretação envolvem sistemas de valores, do enunciador e do enunciatário, que, como afirma Bakhtin, participam da construção dialógica do sentido”. Na charge essa concepção é extremamente utilizada, pelo seu caráter informativo, crítico e questionador. Devemos entender a charge como um mecanismo de denuncia, de exposição de fatos e de crítica, mas devemos também levar em consideração nossos valores e os valores do enunciador para tentarmos construir o sentido dialógico do gênero de forma que prevaleça a tolerância e a racionalidade.

De acordo com algumas reflexões de Bakhtin sobre o pensamento, a consciência individual é construída a partir da interação, por isso o universo cultural também terá grande influência para essa construção, pois, dialogicamente, através da elaboração de textos e fazendo-se ouvir em diferentes contextos semióticos, a comunicação certamente proporcionará aos interlocutores a estruturação de relações que confirmarão ou questionarão o já dito e possibilitarão acrescentar o ainda não dito, pois trata-se de um conjunto de fatores que constrói a cultura e a história social como um grande e infinito diálogo.

A charge, por ser um gênero bem humorado, muitas vezes de linguagem simples e rápida, é bastante lida e tem se desenvolvido cada vez mais como um elemento que esboça críticas e convida o leitor a participar do diálogo vinculado ao contexto situacional.

Graças à relativa estabilidade genérica descrita por Bakhtin (1997) e à evolução dos meios de comunicação, a charge vem se modificando por consequência das inovações tecnológicas. Com o advento dessa evolução, assistimos a um novo formato desse gênero: as charges virtuais, facilmente encontradas na Internet. Essa é a confirmação de que os gêneros se adequam às condições sócio-históricas e às possibilidades tecnológicas. Genuinamente, trata-se do mesmo gênero, divulgado em suportes diferentes e fazendo uso de combinações diferentes, como se observa em relação à animação, ao som, à temporalidade.

### 3. A INTERTEXTUALIDADE: DEFINIÇÃO E TIPOLOGIA

Todo discurso é a continuação de discursos anteriores, uma citação, explícita ou implícita de textos prévios. Todo discurso é suscetível de ser injetado em novos discursos, de formar parte de um texto, de um corpus textual de uma cultura. A intertextualidade, junto com a intencionalidade comunicativa, é requisito indispensável para o funcionamento discursivo.

Reyes

O conceito de intertextualidade no qual Bazerman (2007) apoia-se e no qual nos apoiamos para a análise desse trabalho foi utilizado, a princípio, por Júlia Kristeva em um trabalho de teoria literária intitulado *Desire in language: a semiotic approach to literature and art*<sup>3</sup>, em 1966. Neste trabalho, a autora caracteriza a produtividade textual a partir do conceito de dialogismo criado por Bakhtin, inclusive, em sua apresentação, publicada na revista *Critique* em 1967, a semioticista afirma que a intertextualidade aponta o texto como um “mosaico de citações”, ou seja, nenhum texto é original, pois estamos sempre compartilhando ideias e assumindo posições com base em referências de outros textos.

Júlia Kristeva, mesmo tendo recorrido a diferentes teorias e deslocado o conceito de intertextualidade para o centro de suas preocupações específicas, deixa claro que sua fundamentação sobre o tema é originária das ideias bakhtinianas.

Embora o termo intertextualidade não tenha sido utilizado nas obras de Bakhtin, a densidade com que o filósofo russo nos revela a importância de alguns elementos dentro do processo comunicativo já se referia à intertextualidade por meio de outros termos necessários para a realização da interação entre enunciador e enunciatário, como é o caso do dialogismo e da polifonia.

Segundo Fiorin (2008, p. 52), a abordagem que o autor russo faz sobre o conceito de enunciado e de texto apresenta-nos, em relação ao primeiro termo, uma “posição assumida por um enunciador”. O texto é, portanto, “a manifestação do enunciado, dotada de materialidade”. O enunciado é responsável pelo sentido, e o texto é o domínio dessa manifestação. Como o enunciado não se manifesta apenas verbalmente, o texto é todo conjunto de signos (verbal ou não verbal) que se apresenta de forma coerente. Essa explicação sobre enunciado nos releva que existem relações dialógicas<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Desejo em linguagem: uma abordagem semiótica da literatura e da arte.

<sup>4</sup> Termo criado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin

entre enunciados e entre textos. Confirmamos, portanto, que a intertextualidade embasada nas teorias de Bakhtin e trabalhada nessa pesquisa são relações dialógicas materializadas em textos.

Por concordar com as ideias de Bakhtin, nesse trabalho exploramos a intertextualidade a partir da perspectiva de que esta ocasiona uma interdiscursividade; contudo, queremos explicitar que nem toda interdiscursividade implicará uma intertextualidade, visto que nem todo texto mostra o discurso do outro. Para nós, está claro que quando há relações dialógicas entre textos caracterizamos como intertextualidade, esta ocorre por meio de uma interdiscursividade. Quando há relações dentro do texto, por exemplo, se o texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, estabelece apenas uma interdiscursividade. A esse respeito, Fiorin (2008, p. 52 e 53) afirma que:

Intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos. Para que isso ocorra, é preciso que um texto tenha existência independente do texto com que ele dialoga.

A intertextualidade é uma característica inerente a todos os gêneros que lemos, escrevemos, falamos, ouvimos, expressamos; isso ocorre porque as diferentes representações genéricas apresentam um material heterogêneo que estabelece relação com outros textos, com os quais dialoga, opondo-se ou apoiando-se, concordando ou discordando.

Com base em fatores de textualidade propostos por Val (1999), chegamos à conclusão de que, para compreender um texto, utilizamos, dentre outros elementos, a intertextualidade; portanto, sua compreensão depende do modo como o texto será interpretado, levando-se em consideração o diálogo que estabelece com outros textos. Pensando nisso, um dos nossos objetivos, nessa pesquisa, é exatamente examinar a relevância da intertextualidade para a interpretação de charges e verificar se os participantes conseguem estabelecer relações intertextuais coerentes para dar sentido ao texto.

Acreditamos que as pessoas utilizam inúmeros textos para entenderem o que leem, também se baseiam em outros conhecimentos, adquiridos em situações diversas, para criarem ou proferirem um enunciado, por isso, em relação ao objetivo citado

acima, queremos analisar que tipo de intertextualidade ou de qual conhecimento o leitor faz uso para melhor compreender e se posicionar diante de uma charge. Nossa hipótese é de que o leitor utiliza muito mais o conhecimento de mundo do que outros tipos de conhecimento para compreender as charges.

De acordo com Bazerman (2006), nossa originalidade e nossa habilidade enquanto construímos textos depende da maneira como juntamos as palavras para mostrar uma situação específica, depende das nossas necessidades e dos nossos propósitos. Para o autor, sempre utilizamos informações compartilhadas, que nos chegam através de outros textos, na verdade “nós criamos os nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão à nossa volta e do oceano de linguagem em que vivemos. E compreendemos os textos dos outros dentro desse mesmo oceano”, (BAZERMAN, 2006, p.88).

Ao realizarmos uma análise intertextual, podemos estudar não somente a relação que um enunciado estabelece com outros textos, mas também a maneira como um enunciador usa as palavras, como esse enunciador se posiciona diante de outros textos aos quais se refere (direta ou indiretamente). Podemos analisar a intertextualidade existente em um texto a partir de inúmeras perspectivas, considerando várias fatores, dentre eles o campo ou esfera no qual o texto circula, os conhecimentos do leitor sobre o assunto, a influencia da religião, da cultura e de crenças que este leitor possui etc.

Consoante Barros (1994), intertextualidade é um aspecto da interação verbal presente no texto, provocando um dialogismo no qual enunciador e enunciatário interagem verbalmente. Indiscutivelmente, a inclusão de outros textos na construção de uma charge tem o propósito principal de dialogar com fatos que originaram o referido discurso e, ainda, de colaborar para uma melhor interpretação da temática na medida em que polemiza o assunto através das informações citadas.

Segundo Fiorin (1994), a intertextualidade é um processo que permite a um texto incorporar outros textos que lhe reproduzam o sentido incorporado ou o transforme. O autor aponta três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização.

A citação confirma ou altera o sentido do texto citado, explicitamente reconhecida no novo texto (ex. a música Monte Castelo, do compositor Renato Russo, cita uma passagem bíblica: “ainda que eu falasse a língua dos anjos...”). Este processo também

pode ser feito em outra semiótica, recurso constantemente utilizado em charges. A alusão pode ser percebida no novo texto pela reprodução de construções sintáticas, ocasião em que certas figuras são substituídas por outras, porém mantendo as relações hiperonímicas com o mesmo hiperônimo (ex. minha terra tem macieiras...). A estilização ocorre quando há a recorrência ao estilo de outrem, tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo, quando reproduz um efeito de sentido individualizado (ex. o uso de um léxico preciosista).

Para Koch (2008), a intertextualidade tem sentido amplo ou restrito. O sentido amplo é a condição de existência do próprio discurso. Pode ser entendida como a interdiscursividade ou heterogeneidade constitutiva. O sentido restrito mostra a relação de um texto com outros textos previamente existentes.

O sentido amplo é a relação de um texto com outros textos previamente existentes. De acordo com a autora, influenciada por ideias de Maingueneau, de Pêcheux e de Verón, o sentido amplo representa o discurso que se produz (influenciado pelo já dito em outro discurso) como uma resposta direta ou indireta a um discurso prévio. Se o sentido amplo for analisado pelo viés semiológico, deve considerar três dimensões do princípio da intertextualidade: as operações produtoras de sentido no interior de um universo discursivo; a relação entre universos discursivos diferentes; a relação com outros discursos relativamente autônomos que não aparecem na superfície do discurso.

O sentido restrito é a relação de um texto com outro efetivamente produzido. Para que haja esse tipo de intertextualidade, devemos estabelecer relações entre:

1. Conteúdo e forma/conteúdo: conteúdo refere-se a uma mesma área ou corrente de conhecimento, enquanto forma/conteúdo pode acontecer em relação ao estilo ou em relação às variedades linguísticas.
2. Explícito e implícito: será intertextualidade explícita quando cita a fonte do intertexto, como, por exemplo, nas referências; para ser implícita não pode existir citações, e sim possibilitar que o leitor construa o sentido a partir de alusão, paráfrase, ironia.
3. Semelhanças e diferenças: na intertextualidade por semelhança, um texto segue a orientação de outro texto e nele se apoia para confirmar suas ideias; já

na intertextualidade por diferença, um texto cita outro para questioná-lo, ridicularizá-lo, ironizá-lo.

4. Como intertexto alheio, com intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciado genérico: muitos autores consideram apenas o intertexto alheio, ou seja, o discurso do outro; o intertexto próprio seria uma autotextualidade; já o intertexto genérico mostra enunciações cujo enunciador é indeterminado, a saber, os ditos populares, os provérbios.

A intertextualidade, pelo sentido que tem e pela função dentro de um texto, a nosso ver, passou a significar um processo inevitável à investigação das relações entre os diversos textos. Tornou-se um percurso para se obter uma melhor compreensão da leitura e problematizá-la. Como sinônimo das relações que um texto mantém com textos preexistentes, a intertextualidade passou a conduzir a interpretação. Diante disso, não podemos ignorar os desdobramentos de significados e entrelaçá-los, como a própria origem etimológica da palavra esclarece: *texere*, isto é, tecer, tramar. Daí intertexto, que significa “tecer no, misturar tecendo e, de forma figurada, entrelaçar, reunir, combinar”. (RUPRECHT, 1984).

Bazerman (2006, p. 92) define intertextualidade como:

“As relações explícitas e implícitas que um texto ou um enunciado estabelecem com os textos que lhes são antecedentes, contemporâneos ou futuros (em potencial). Através de tais relações, um texto evoca não só a representação da situação discursiva, mas também os recursos textuais que têm ligação com essa situação e ainda o modo como o texto em questão se posiciona diante de outros textos e os usa”.

A partir da descrição acima, Bazerman (2006) estabeleceu seis níveis de intertextualidade para que um texto evoque outros textos e apoie-se neles como um recurso para comprovar sua verdade:

O primeiro nível remete a textos anteriores como fonte de sentidos, ou seja, um texto apresenta declarações de outros textos, os quais são usados com valor nominal, repetindo essa informação autorizada para os propósitos do novo texto, por exemplo, alguns trechos de leis da Constituição podem ser utilizados para garantir a integridade física de um réu.

O segundo nível remete a casos em que temas sociais são apresentados em forma de discussão por intertexto explícito. Citar pontos de vista opostos entre vários grupos

sociais retrata um tema social intertextual.

O terceiro nível usa outras declarações para apoiar-se ou contrapor-se. A exemplo disso, podemos citar dados de uma enciclopédia ou citações de uma obra nas quais nos apoiamos para fundamentar nossas ideias.

O quarto nível ocorre de forma menos explícita, o texto pode apoiar-se em crenças, costumes, tradições familiares, sejam relacionadas a uma fonte específica, sejam percebidas como senso comum. A exemplo disso, criam-se textos que nos questionam sobre como estamos educando nossos filhos, que hábitos devemos adquirir para melhorar a qualidade de vida.

O quinto nível apresenta intertextualidade em sentido amplo, através do uso de tipos reconhecíveis de linguagem, de estilo e de gênero. Cada texto evoca mundos sociais particulares nos quais essa linguagem e essa forma linguística são utilizadas. Na charge, por exemplo, o chargista utiliza a caricatura, os desenhos de modo geral, a fala. A linguagem chágica apresenta um estilo ligado ao humor crítico.

O sexto nível de intertextualidade apresenta constatações de como o intertexto pode ser usado. Bazerman constata que as relações de intertextualidade podem ocorrer apesar dos textos distanciarem-se no tempo, no espaço, na cultura ou na instituição. Neste tipo de intertextualidade é necessário utilizar o alcance textual, isto é, “a distância até onde um texto viaja por meio de suas relações intertextuais”. (2006, p. 96).

Para entendermos o que Bazerman chama de alcance textual, precisamos fazer as seguintes considerações: um texto pode utilizar-se de empréstimos distanciados dele, seja no tempo, no espaço, na cultura ou na instituição. Isso pode ser percebido em algumas charges quando estas, por algum motivo, retratam fatos históricos, retratam espaços remotos, reproduzem comportamentos de outras culturas ou simplesmente reproduzem discursos perceptíveis em determinadas instituições ou eventos.

A famosa cena do Grito do Ipiranga, em que D. Pedro é pintado em cima de um robusto cavalo foi retratada em charge. Entretanto, só é possível interpretá-la a partir do alcance do fato histórico com o qual o contexto se relaciona intertextualmente, pois o leitor deve associar algumas características do fato à crítica proposta na charge. Mesmo com a presença de outros personagens, essa charge foi criada para apresentar um evento

político baseado no alcance de um outro evento: O dia da Independência. Essa estratégia foi usada para apresentar uma outra conotação ao contexto e tinha a intenção de criticar uma situação com a ajuda de um fato distante no tempo.

Para facilitar a compreensão do seu embasamento e anular qualquer dúvida, visto que alguns dos intertextos descritos acima são bastante semelhantes, o autor também criou seis técnicas de representação intertextual:

1. *Citação direta.* A citação direta é facilmente identificada por aspas, por caracteres em itálico ou por algum outro recurso que possa identificar, na fala ou na escrita, trechos de outra autoria, mesmo que o autor do enunciado atual possa e tenha a autonomia de excluir partes dispensáveis ao texto em questão.

2. *Citação indireta.* Através dessa técnica, o autor, com suas palavras, reproduz uma teoria, uma ideia ou o posicionamento de outro autor à medida que expõe sua interpretação e, mesmo mantendo o sentido original da citação, o autor do novo texto pode filtrar novos sentidos que permitam-no incorporar seus desígnios ao novo contexto.

3. *Menção a uma pessoa, a um documento ou a declarações.* A menção depende da familiaridade do leitor com o que diz a fonte original. Se, por exemplo, ao mencionar que em outra época havia posturas inconcebíveis diante de determinada situação, o segundo autor pode deixar algumas informações implícitas, pode também se basear em crenças generalizadas, sem ter a obrigatoriedade de apresentá-las ao leitor.

4. *Comentário ou avaliação acerca de uma declaração, de um texto ou de outra voz evocada.* O autor do novo texto se posiciona diante de uma declaração ou de um texto para inferir sua opinião.

5. *Uso de estilos reconhecíveis, de terminologia associada a determinadas pessoas ou grupo de pessoas, ou de documentos específicos.* Esse tipo de técnica possibilita que o autor use termos ou estruturas linguísticas reconhecidas no estilo de outros autores, ou use expressões que façam referência a atitudes e comportamentos característicos de determinado grupo de pessoas. Uma expressão que exemplifica claramente essa técnica é “aqui tudo acaba em pizza”.

6. *Uso de linguagem e de formas linguísticas que parecem ecoar certos modos de comunicação, discussões entre outras pessoas e tipos de documentos.* Os gêneros, o tipo de vocabulário, as frases feitas são utilizados nessa técnica. É comum a cada domínio da



língua o uso de algumas formas linguísticas próprias daquela esfera.

Se fizermos uma análise, mesmo de forma superficial, de uma charge, é possível identificarmos informações que fazem com que esse texto estabeleça conexões textuais com outros textos, numa clara relação de intertextualidade. Algumas pistas desses textos são sinalizadas através dos elementos multimodais, seja na caricatura, nos objetos, nos gestos, nas cores. Como é mais frequente e mais facilmente reconhecível as formas de intertextualidade mais formais, ou seja, as citações diretas e indiretas e a menção, nossa análise concentrar-se-á nessas formas mais explícitas por ocasião da análise dos dados referentes à intertextualidade em charges. Eventualmente poderemos mencionar formas mais implícitas de intertextualidade, em circunstâncias nas quais essas técnicas sejam percebidas.

### **3.1 A paródia como elemento de intertextualidade**

De acordo com Fávero (1994, p. 49), foi Aristóteles quem atribuiu em sua obra *Poética* “a origem da paródia como arte”. Por meio da paródia, o autor transmutou o gênero épico, até então utilizado para representar heróis. A paródia é reconhecida ao utilizar uma palavra em sentido literal e satírico e, imitando outra obra, mostra o lado grotesco das pessoas, as falhas e idiossincrasias da sociedade, sendo, ao mesmo tempo, irônico e engraçado.

Hannabuss (2002), ao estudar o efeito de infringir a normalidade da vida social por meio da paródia, especialmente na tentativa de apresentar a distorção dos fatos e dos costumes da sociedade, nos revela que a intenção desse tipo de recurso textual é ser cômico ou burlesco, podendo também apresentar humor negro em suas críticas e insinuações. Neste contexto, o autor salienta a noção de incongruência como um dos fatores mais relevantes para a composição de uma paródia, construída a partir de uma imitação intencionalmente distorcida dos fatos, determinando as atitudes e intenções de quem cria a parodia. As marcas que aparecem intencionalmente no texto podem ser inferidas por uma análise da simulação e do exagero dos elementos linguísticos do discurso.

Uma das características da paródia, apontadas por Hannabuss (ibid.), é modificar a versão original de um texto com o propósito de alterar aquilo que foi citado ou referido por meio da simulação sutil e descarada. Nesse contexto, podemos observar que

o autor considera a sutileza da simulação em função de uma mimese não-literal do fato parodiado, enquanto o descaramento compreende a forma pela qual a paródia é construída. Regularmente, o efeito é o riso sarcástico seguido da percepção do texto que está sendo parodiado.

Segundo Haroldo de Campos<sup>5</sup>, apud Fávero (1994), a paródia “não deve ser necessariamente entendida no sentido de imitação burlesca, mas inclusive em sua acepção etimológica”. Fávero defende que, na paródia, realiza-se uma dupla linguagem, o que faz com que seja impossível confundir vozes de outros discursos: a escrita transgressora articula-se sobre o texto original reestruturando-o e negando-o. Convém salientar que a transgressão só é possível por meio dos princípios de diálogo e de ambivalência, esta corresponde ao eixo vertical (texto – contexto) e ao eixo horizontal (emissor – destinatário), que se cruzam e geram a intertextualidade.

Em termos de procedimentos discursivos, a charge é composta, no plano do enunciado, de uma dualidade que, de um lado revela a imagem agradável que a vítima tem de si mesma sobre os eleitores, porém destinada a cair como uma máscara e, de outro, a imagem que visa justamente quebrar essa máscara com o objetivo de provocar o riso ou o sorriso diante dos fatos. Logo, temos um desdobramento de imagens ao nível da enunciação. Sendo assim, a paródia também pode ser analisada como um gênero dualista, uma vez que tende a provocar uma relação contraditória, resultado do elemento impulsionador do humor.

Percebemos que a paródia é, muitas vezes, destacada nas charges políticas sob o efeito de *background*<sup>6</sup>, induzindo o leitor a identificar e a refletir a respeito da correlação entre texto filosófico e satírico, concluindo uma intertextualidade intencional de percepção imagética e linguística.

É importante ressaltar que é tarefa do leitor justificar, no ato de leitura, a intencionalidade do discurso lido, propondo um viés discursivo traçado pelo autor a partir da análise das pistas ou marcas verbais e não verbais da charge. Nesse aspecto, o leitor deve compreender os mecanismos semânticos dos quais o chargista faz uso no momento da construção da charge (tais como as estratégias, recursos imagéticos, jogos

---

<sup>5</sup> CAMPOS, H. de. Apresentação a Oswald de Andrade. São Paulo: Agir, 1967.

<sup>6</sup>O conjunto de informações ou fatos cujo conhecimento é necessário para o entendimento de um assunto.

linguísticos, relação entre de figuras de linguagem e imagem etc.) para produzir sentido na ocasião em que acontece a leitura.

### 3.2 Dialogismo, polifonia e intertextualidade na charge

O conceito de dialogismo bakhtiniano surge na obra “Marxismo e Filosofia da linguagem” como forma de oposição às duas correntes de estudo da linguagem na época: o subjetivismo idealista, que considera o ato de fala como individual, e o objetivismo abstrato, que privilegia a língua enquanto sistema de signo abstrato e autônomo. Diante dessas duas correntes opostas entre si, Bakhtin (1992, p. 109) relata que a verdade não é encontrada diretamente no meio, entre a tese e a antítese, ela “manifesta uma idêntica recusa tanto da tese como da antítese e constitui uma síntese dialética”. De acordo com o autor, não há enunciação pura, o que há de fato é uma interação entre o que já foi enunciado e o que está sendo enunciado. Nessa perspectiva, não basta compreender uma enunciação, tampouco afirmar que ela é um ato subjetivo. É preciso compreender que qualquer enunciação mantém um diálogo com outras enunciações, de outros enunciadores. Dessa maneira, “a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto de condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (BAKHTIN, *ibid.*, p. 121). O dialogismo é, portanto, o princípio constitutivo da linguagem em uso, a condição para dar sentido ao discurso. Ainda nas palavras do autor:

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. [...] As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irredutíveis a estas e têm especificidade própria. Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa. Bakhtin (2002, p. 184).

Todavia, é necessário examinar o dialogismo discursivo considerando-se dois aspectos: o da interação verbal (entre o enunciador e o enunciatário do texto) e o da intertextualidade no interior do discurso.

Segundo Barros (1994, p. 2-4), “o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre enunciador e enunciatário no espaço do texto”. Nesse aspecto, o termo representa a interação entre o “eu” e o “tu” no texto, donde as constantes referências ao papel do “outro” durante a construção do sentido afirmam que nenhuma palavra é nossa, porquanto traz em si a perspectiva de outra voz. O dialogismo pode ser considerado também como o “diálogo entre os vários textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define”. Esse conceito de dialogismo é o mais difundido e explorado por Bakhtin.

A linguagem é, indiscutivelmente, dialógica, pois as relações dialógicas do discurso formam uma condição para que se possa constituir o sentido. O homem e a linguagem são, portanto, partes de um mesmo processo dialético e é a partir da palavra (polissêmica, polifônica e dialógica) que o sujeito se constitui e é constituído.

De acordo com Fiorin (2008, p. 24), há três conceitos de dialogismo embasados na teoria bakhtiniana. Sobre o primeiro conceito, o autor afirma que “todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado”. Portanto, nele “ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes”.

Para Fiorin (ibid. p. 27), a teoria de Bakhtin leva em conta as vozes sociais e as vozes individuais, o que possibilita que as relações dialógicas sejam examinadas sob o olhar filosófico, político, estético, econômico, mas também como fenômeno da fala cotidiana. Contudo, os conceitos de social e de individual não são simples nem estagnados, pois as pessoas quase sempre opinam socialmente. Por outro lado, “os enunciados não se dirigem tão somente a um destinatário imediato, mas também a um superdestinatário cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante da produção discursiva”.

O segundo conceito de dialogismo, que se mostra no fio do discurso, apresenta a incorporação pelo enunciador de uma voz ou de várias vozes no enunciado. Nessa perspectiva, o dialogismo é uma forma composicional. É uma maneira externa e visível de apresentar outras vozes no discurso.

Fiorin (ibid., p. 33) mostra que há duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado:

1. O discurso do outro é citado de forma clara e transparentemente separado do discurso de quem o cita, é chamado por Bakhtin de discurso objetivo, reconhecido pelo uso de aspas, discurso direto ou indireto, negação.
2. O discurso do outro é internamente dialogizado, não há separações nítidas entre o enunciado de quem cita e o de quem é citado. É apresentado por meio de paródia ou pela polêmica clara (afrontamento de duas vozes que polemizam abertamente entre si para defender ideias contrárias), e é velada (não se expressa abertamente, mas podemos perceber as duas vozes opostas num mesmo discurso) pelo discurso indireto livre.

No terceiro conceito de dialogismo, a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que o sujeito participa. Por essa razão, Bakhtin não assujeita o sujeito, isto é, não o revela submisso às estruturas sociais, também não é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade. Nesta concepção, o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro.

As contribuições de Bakhtin a respeito de dialogismo constituem um conjunto de conceitos que determinam a postura dialógica diante do discurso. Assim, o que nos interessa na ideia bakhtiniana de dialogismo é a possibilidade de interpretar os enunciados de acordo com as relações que eles têm uns com os outros, estando em contato direto ou não, estando separados pelo tempo, pelo espaço, pela cultura etc.

Para caracterizar as relações intertextuais das charges, é necessário estudar também, além do conceito de dialogismo, o conceito de polifonia, pois, pelas suas características, vê-se que um texto chágico é dialógico e polifônico, já que, por meio da intertextualidade, mantém relações dialógicas com outros textos e apresenta várias “vozes” em sua constituição.

O conceito de polifonia foi introduzido às ciências da linguagem por Bakhtin (2002) para evidenciar, no romance de Dostoiévski, relações recíprocas entre autor e herói. Seguindo o raciocínio bakhtiniano, podemos afirmar que polifonia caracteriza os textos em que se podem perceber muitas vozes, em oposição aos textos monofônicos, que não revelam os diálogos que os constituem. Sobre isso, Bakhtin (apud FARACO, 2009, p. 77) afirma que:

Aparece um herói cuja voz é constituída exatamente como a voz do próprio autor num romance de tipo comum. Uma palavra do herói sobre si mesmo e sobre seu mundo é tão plena quanto a palavra do autor costuma ser; não está subordinada à imagem objetificada do herói como apenas uma de suas características, nem serve ela de porta-voz da palavra do autor. Ela possui extraordinária independência na estrutura da obra; é como se soasse ao lado da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes dos outros heróis.

Muitas vezes dialogismo e polifonia são utilizados como sinônimos. Para fazer a diferenciação entre os dois conceitos, Barros (1994, p. 6) explica que “o diálogo é condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos”. Os textos polifônicos mostram as vozes que participam do discurso; nos textos monofônicos, essas vozes são disfarçadas, para se ter a aparência de que só existe uma voz. Isso deixa claro que todo texto é dialógico, porque ele nunca é puro, sempre apresenta muitas vozes sociais, todavia o dialogismo polifônico permite que o leitor identifique as várias vozes que são evidenciadas no texto; já no dialogismo monofônico as vozes não são mostradas, mas isso não quer dizer que elas não existam.

Quando Bakhtin desenvolveu o princípio dialógico, estava atestando que um enunciador usa as palavras de outros enunciadores, absorvendo-as, elaborando-as e reestruturando-as para postular diálogos entre discursos sociais que estabelecem a interação constitutiva de toda e qualquer produção discursiva, e a polifonia, que é a materialização de vozes oriundas de diversos textos dentro de outro texto, representa a multiplicidade de consciências independentes que representam o ponto de vista de vários enunciadores sobre o mundo, também representa o diálogo entre visões diferentes de mundo.

Segundo Bezerra (2005, p.194), o que caracteriza a polifonia, em Bakhtin, é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Esse regente rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia de forma que as pessoas coisificadas se transformem em individualidades. A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço dialógico, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes que não se misturam, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objetivo do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios

discursos, possuem independência na estrutura da obra, e soam como se estivessem ao lado da voz do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens.

De acordo com Brandão<sup>7</sup> (apud. VASCONCELOS, 2006, p. 65), ao examinar a polifonia em textos diversos, Bakhtin destaca vários mecanismos de enunciação. O filósofo russo observa que, em alguns textos, como os de Dostoiévski, de caráter literário, e os da literatura popular, chamados de literatura carnavalesca, o autor usa uma série de máscaras às quais atribui vozes diferentes que falam simultaneamente, mas sem nenhuma preponderância de uma sobre a outra. Ao contrário, no monologismo, apenas uma voz se ouve, e as várias consciências que aparecem na obra, por exemplo Gogol<sup>8</sup>, são plurilalentes e funcionam como objetos do narrador.

A charge, embora monológica em relação ao seu suporte, o jornal, torna-se dialógica na sua estrutura, pois são manifestadas vozes autônomas que têm individualidade e consciência de seus próprios discursos. Como a charge assume todas as características de texto polifônico, não é difícil perceber as várias vozes sociais que falam simultaneamente, formando um conjunto de vozes cruzadas, complementares, concorrentes ou contraditórias. Por essa razão, o gênero possibilita ao leitor interpretar um único acontecimento de diversas maneiras; e cada temática explorada pode gerar inúmeras discussões, já que se configura como um gênero cujo texto está inacabado à espera de um posicionamento de quem o está lendo.

---

<sup>7</sup> BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. 2ª. reimpressão da 7ª.ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, s.d. (Coleção Pesquisas).

<sup>8</sup> Nikolai Vassilievitch Gogol, (1809-1852), novelista e dramaturgo russo, que compõe a trindade máxima da prosa russa juntamente com Dostoiévski e Tolstoi. Grande criador de tipos humanos de caráter universal, sua obra crítico-humorística, expressão do Realismo nas letras russas, revela aspectos odiosos da época czarista. BARSA, 1981, V.8, p.251.

#### 4. A IRONIA NA CHARGE

Os brasileiros estão acostumados com a ironia, nada mais comum do que duas pessoas que se amam se agredirem ironicamente, ou as pessoas dizem o contrário do que realmente pensam, mas coloque-se isso num texto e o comum é as pessoas não entenderem. Essa é a maior ironia de todas. Se há uma técnica para escrever com ironia? Não, é só ser irônico, brasileiromente.

Luís Fernando Veríssimo

Para iniciar uma investigação sobre a ironia e para entender sua função em uma comunicação, o primeiro conceito que procuramos para o termo foi pesquisado no dicionário, onde encontramos a seguinte definição:

**ironia** *s.f.* **1** Rubrica: retórica: figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empr., para definir ou denominar algo [A ironia ressalta do contexto.] **1.1** Rubrica: literatura: esta figura, que se caracteriza pelo emprego inteligente de contrastes, us. literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos. **2** m.q. **asteísmo** ('uso sutil e delicado da crítica irônica'). **3** qualquer comentário ou afirmação irônica. **4** Derivação: por extensão de sentido, uso de palavra, expressão ou acepção de caráter sarcástico; zombaria. **5** Derivação: sentido figurado, contraste ou incongruência entre o resultado real de uma sequência de acontecimentos e o que seria o resultado normal ou esperado **5.1** Derivação: sentido figurado. acontecimento ou resultado marcado por esse contraste ou incongruência Ex.: uma i. do destino. (Dicionário eletrônico HOUAISS da língua portuguesa 1.0).

Sabemos que essa é uma definição tradicional de ironia e que parece sugerir questionamentos ou discordâncias através da contradição. É evidente que a ironia tem uma amplitude muito maior, suas intenções vão muito além da definição do dicionário e, muitas vezes, o que se diz ou se realiza pode ser irônico mesmo que não haja essa intenção. De fato, toda linguagem é uma rede de relações determinadas pela combinação de substituições permanentes de domínios semânticos por outros domínios semânticos, o que causa a expansão e reconstrução dos significados. Para tanto, é preciso ter em mente que o alcance do irônico se dá pela irracionalidade no contexto situacional, no qual linguagem e ironia, por inerência, são sempre reinterpretações do subjetivo.

Quando se fala em ironia, muitas pessoas ligam o conceito a um recurso da escrita ou da fala, todavia este é um recurso da linguagem que está presente em gestos, em ações, em pinturas, em desenhos, em comportamentos e até em desfechos de histórias.

De acordo com a perspectiva das gramáticas, a ironia é uma figura de pensamento originária da visão tradicional da retórica. Seguindo essa perspectiva, a ironia assume o



valor semântico de uma antífrase: “diz-se ‘A’ para levar a entender ‘não-A’”. Considerada unicamente como uma figura, a ironia busca modificar o sentido literal primitivo para obter um sentido derivado. Os sentidos ‘A’ e ‘não-A’ também são imputados a um único responsável” (ROMUALDO, 2000, p. 78). Nesse jogo de palavras, devemos saber identificar o literal e o figurado considerando sempre a relação entre o homem, a linguagem e o meio.

Ao nos aprofundarmos nos estudos sobre ironia, percebemos uma possibilidade de dar novo sentido ao conteúdo de uma comunicação, o que pode gerar um efeito de estranhamento, de ruptura do sentido, dando novo sentido ao que se diz, ao que se escreve, ao que se realiza, a partir da relação entre um conceito e observações contrárias a esse conceito.

Segundo Esteves (2009, p. 22), a ironia apresenta uma “estreita relação entre o dito espirituoso, o gracejo humorado, e o sarcasmo quase cínico, numa relação íntima com o humor, por isso há um empolamento multiplicativo do argumentável”. Portanto, é na ambiguidade irônica que se cria inúmeras possibilidades de contrastar sentidos, criando efeitos diversos para aquilo que se quer negar. Essa relação foi demonstrada pelo autor no exemplo:

*“Noel Coward, escritor e ator inglês, encontrou uma novelista americana, Edna Farber, que usava uma roupa de homem: – Você quase parece um homem! - disse-lhe ele. – Você também. - respondeu-lhe ela.”*

Enquanto o escritor achava que sutilmente iria criticar as vestimentas da novelista, esta, ironicamente criticou o modo de ser e de se comportar do escritor, numa mistura entre o espirituoso e o sarcástico bem humorado.

#### **4.1 A origem da ironia**

De acordo com Moisés (2001, p. 294), o termo ironia vem do grego *eironeia* e quer dizer interrogação dissimulada. Sua origem parte da necessidade de interrogar e provocar o surgimento de novas ideias.

Segundo Muecke (1995), o termo ironia aparece em traduções da Poética como uma versão da peripeteia (peripécia) aristotélica (súbita inversão de circunstâncias). Ainda de acordo com o autor, os primeiros registros de *eironeia* surgem na República de

Platão. Aplicada a Sócrates, significa uma forma de tapear as pessoas, pois o filósofo começou a jogar com palavras para estimular seus discípulos a formar opinião, para que no momento seguinte pudesse confundi-los e mostrar que seus posicionamentos não eram coerentes. Para Demóstenes, um *eiron* era aquele que alegava ser incapaz para fugir de suas responsabilidades de cidadão. Teofrasto acreditava que um *eiron* era astucioso e reservado, pois escondia suas inimizades alegando amizade e dando uma falsa impressão de seus atos.

Aristóteles, talvez por ter Sócrates em mente, considerava a *eironeia* uma dissimulação jactanciosa. Mais ou menos na mesma época, a palavra, que a princípio caracterizava um modo de comportamento, chegou a ser aplicada em circunstâncias enganosas da linguagem. Ironia, atualmente, na maioria dos contextos em que é empregada, funciona como uma figura de retórica, ou seja, censura por meio de um elogio irônico ou elogio mediante uma censura irônica.

Para Brait (2008), a ironia pode ser estudada a partir das atitudes filosóficas de Sócrates e da maneira como Platão e Aristóteles interpretaram os diálogos socráticos. Segundo a autora, Sócrates percebe a ironia como atitude e como linguagem. Se falarmos em atitudes irônicas, é a linguagem que possibilita a apreensão e compreensão desse processo. Como Sócrates estuda esse fenômeno da linguagem a partir da perspectiva enunciativa e discursiva, podemos afirmar que o autor discute a ironia de forma interdisciplinar. Atualmente, a ironia também é estudada a partir da apreensão de diálogos que acontecem no cruzamento de enunciações, de enunciadores e de locutores.

De acordo com Brait (ibid. p. 29-30), “diferentes vozes, Sócrates, Platão, Aristóteles e diversos interlocutores foram representados por estratégias de linguagem, por mecanismos discursivos de produção, recepção e interpretação dos diálogos”. Por isso o conceito de ironia como atitude deve considerar: a) seu caráter inaugural em relação ao estudo desse fenômeno e sua persistência em diferentes domínios; b) a possibilidade do aproveitamento dessa concepção em determinados discursos de configuração irônica, com base no instrumental e em sua interpretação pragmática; c) a articulação das concepções atitude-construção verbal, a partir de uma perspectiva enunciativa.

De acordo com a explicação de Brait compreendemos que a ironia, desde o período socrático, é um mecanismo importante para a comunicação, aparece em vários domínios discursivos (literário, jornalístico, religioso, jurídico, publicitário etc.) e seu processo de construção do sentido é determinado pela necessidade social dos interlocutores.

## 4.2 Alguns tipos de ironia

A ironia estudada pela Retórica é um metalogismo ou tropo. Juntamente com a antífrase<sup>9</sup>, a lítotes<sup>10</sup> e o eufemismo<sup>11</sup> constitui um desvio quanto à lógica da língua. Portanto, a contradição não é um recurso linguístico específico da ironia, mas é, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1980), assim como o tropo semântico, um recurso empregado a determinada palavra ou expressão para gerar contradição.

Tradicionalmente, o sentido de ironia mais adotado por interlocutores é o descrito em dicionário, cuja definição já foi mostrada na introdução dessa seção. Esta, por sua vez, enfatiza uma contradição explícita para mostrar uma contra-verdade ou uma contradição implícita, na qual devemos comparar as intenções argumentativas. Concordamos com Esteves (2009, p. 22) quando ele afirma que a ironia estabelece uma “relação estreita entre o dito e o espirituoso, o gracejo humorado, até ao sarcasmo quase cínico, numa relação íntima com o humor”. Essa relação nos faz perceber que há referências para as quais a ironia faz contrastes, tanto explícitos quanto implícitos, o que gera, no verbal ou no não verbal, a multiplicação dos sentidos de uma sentença ou imagem.

De acordo com o Dicionário Houaiss, a ironia também está relacionada ao asteísmo, que significa, segundo o mesmo dicionário, “o uso sutil e delicado na crítica irônica”. Entendemos que através do asteísmo podemos censurar ou criticar com certa elegância e polidez linguística. Houaiss ainda refere-se à ironia como uma forma de zombaria. O dicionário explica que a zombaria é uma “ação ou dito depreciativo; atitude

---

<sup>9</sup> emprego de uma palavra ou frase com sentido oposto ao verdadeiro [Usa-se para efeito estilístico, para obedecer a um tabu, ou por ironia, como, p.ex., “*muito bonito*”! por “*que coisa feia*”!]

<sup>10</sup> figura que combina, freq. num eufemismo, a ênfase retórica com a ironia, não raro sugerindo uma ideia pela negação do seu contrário (p.ex., *não estar em seu juízo perfeito* por *estar maluco*; *não ser nada baixo* por *ser muito alto*)

<sup>11</sup> palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira ou mesmo tabuística

ou manifestação de desdém, menosprezo ou ridicularização de alguém ou algo; escárnio, achincalhão”. Uma análise atenta nos faz perceber que a ironia, de fato, pode apresentar uma visão crítica a respeito de comportamentos, características ou acontecimentos, assim como a zombaria.

Achamos relevante comentar as definições do dicionário Houaiss sobre ironia porque é essa relação que interessa ao nosso trabalho. Notoriamente, em charges, o jogo irônico, criado pelos recursos linguísticos e extralinguísticos, enfatiza a contradição, o asteísmo e a zombaria. Contudo, devemos entender que a contradição não é um traço essencial da ironia, e sim um de seus recursos. Da mesma forma, o asteísmo não pode ser entendido como sinônimo de ironia, já que é uma das formas de uso dela. Em relação à zombaria, podemos afirmar que, de fato, esta é uma forma de ironia.

De acordo com Berrendonner (1987), outras figuras de linguagem como a metáfora, o paradoxo, a hipérbole, o anacoluto etc., assumem propósitos semelhantes aos da ironia, pois autorizam um novo significado ao texto, causando inversão ou contradição no sentido do discurso denotativo.

Muecke (1995, p. 40), citando um fragmento crítico de Peter Firchow, afirma que:

A ironia (romântica) é a única dissimulação involuntária e, ainda assim, totalmente deliberada (...) tudo deveria ser jocoso e sério, francamente aberto e profundamente escondido. Originada da união entre o *savoir vivre* e o espírito científico, da conjunção de uma filosofia perfeitamente instintiva com uma perfeitamente consciente, contém e desperta um sentimento de indissolúvel antagonismo entre o absoluto e o relativo, entre a impossibilidade e a necessidade de comunicação completa.

De acordo com Kierkegaard (1991, p.216-217), a ironia é uma figura que ocorre frequentemente no discurso retórico e cuja característica está em dizer o contrário do que se pensa. Para o autor, a forma mais corrente de ironia consiste em dizermos num tom sério o que, contudo, não pensamos seriamente. A outra forma, dizer em tom de brincadeira algo que se pensa a sério, ocorre raramente. Às vezes, a figura de linguagem irônica tem uma propriedade que também é característica para toda ironia, *uma certa nobreza*, que provém do fato de que ela gostaria de ser compreendida, mas não diretamente, e tal nobreza faz com que essa figura olhe como que de cima para baixo o discurso simples que cada um pode compreender sem dificuldades.

O conceito de ironia é bastante vasto, pois esse é um fenômeno aplicável em diferentes formas de comunicação e aberto a inúmeras interpretações, e nenhuma dessas interpretações é absolutamente correta, já que autoriza ao receptor, em contextos variados, dar ao discurso o sentido que ele imagina ser adequado ao deduzir quais eram as intenções do emissor na ocasião. Por essas razões, não saberíamos apontar uma definição única para contemplar toda a amplitude da ironia, nem citar elementos que a caracterizem ou situações típicas para o seu uso.

Sabemos que a ironia é um jogo em que uma expressão, uma imagem, um gesto duplicam seu sentido e o explícito leva a um implícito. Há sempre um não dito que se esconde por traz do dito e só será revelado se associarmos o texto a um contexto e o enunciado a um referente.

Para Esteves (2009), a ironia causa dois efeitos fundamentais: institui uma nova perspectiva sobre o tema, resultado direto da tensão e da oposição, e reordena uma afirmação, no sentido de que a contradição favorece abertura para uma nova possibilidade de argumentar e de pensar, algo que só se concretiza após a ironização. Como a ironia redefine um posicionamento, possibilita que o enunciatário faça uma reavaliação crítica do que foi dito no enunciado.

A seguir faremos a exposição de alguns tipos de ironia explicados e aplicados sob diferentes perspectivas. Queremos deixar claro que este é um recurso explorado por diversos autores que embasam sua teoria sobre o tema a partir da perspectiva que mais lhes convém. Antecipamos que nossa opção, nessa pesquisa, foi trabalhar com a perspectiva polifônica apresentada por Beth Brait. Justificaremos a razão dessa escolha em momento oportuno.

#### a) Ironia como menção

Dan Sperber e Deirdre Wilson (apud Neves, 2006) entendem a ironia como eco do enunciado que pertence a outro locutor, com forte apelo ao contexto. De acordo com os autores, quando empregamos uma expressão, designamos o que essa expressão designa; quando mencionamos uma expressão, designamos essa expressão, ou seja, quando empregamos uma expressão, fazemos uso do que essa expressão representa, mas quando mencionamos uma expressão, ela faz uso dela mesma e não do que deveria representar.

Para entender a ironia como menção, devemos entender os propósitos do emissor enquanto faz sua crítica. Para Sperber e Wilson “a menção deve ser interpretada como o eco de um enunciado ou de um pensamento no qual o locutor assinala a falta de ajuste ou de pertinência. Essa concepção permite descrever de forma mais elaborada um leque maior de ironias do que a concepção tradicional”.

A concepção de ironia desenvolvida pelos dois autores mostra que os elementos subentendidos são os responsáveis pela validação da menção. Para entender melhor, de acordo com a concepção clássica, equivale ao sentido literal e ao sentido figurado de uma expressão. O que determina essa aplicação é o mecanismo do eco que determina o alvo e caracteriza a concepção de ironia como menção.

O eco distante e devoluto caracteriza ironia sem alvo determinado, já o eco próximo e acurado caracteriza que o alvo é a pessoa de quem é feito eco. Sendo assim, o emissor pode fazer eco a si mesmo (auto-ironia) ou fazer eco ao destinatário, portanto é a clareza do eco que traduz a menção.

#### b) Ironia como paradoxo

Berrendonner (1987) propõe uma visão da ironia como paradoxo, já que o locutor invalida sua enunciação ao dizer algo ironicamente. O autor apresenta falhas na teoria da menção e a julga ineficiente para o reconhecimento de um discurso irônico, pois se existem analogias entre o caráter irônico e o discurso referido, também devemos considerar que há dúvidas em relação ao seu funcionamento em vários aspectos.

Na tentativa de preencher as lacunas não esclarecidas por Sperber e Wilson, Berrendonner (1987, p. 163-176) elaborou sua teoria dos ditos de menção; na verdade é a diferenciação entre as diversas formas de menção:

Menção explícita (ou direta) – é caracterizada pelas seguintes propriedades: a)  $E\emptyset$  = enunciação referida<sup>12</sup> é diferente de  $E1$  = enunciação meta<sup>13</sup>; b) a estrutura sintática do enunciado possibilita que, através da segmentação façamos a distinção entre  $E\emptyset$  e  $E1$ ; c) opacidade referencial, ou seja, uma referência tem  $E\emptyset$  como origem de suas coordenadas

---

<sup>12</sup> De acordo com Berrendonner (1987), enunciação referida ( $E\emptyset$ ) é o enunciado proferido de fato, em seu sentido literal ou denotativo.

<sup>13</sup> Enunciação meta ( $E1$ ) é o sentido esperado pelo locutor, um sentido figurado ou conotativo.

e a outra refere-se a E1. Uma enunciação é referencialmente opaca quando possui duas redes de referência dêitica completamente fechadas, ou seja, um dêitico que pertença ao enunciado referido somente terá valor com relação a E $\emptyset$ , seu valor nunca poderá se estabelecer em direção a E1. O discurso que faz uso de aspas é o exemplo mais expressivo das menções explícitas.

Menção evocada (ou indireta) – caracterizada pelas propriedades a e b, entretanto não utiliza c, ou seja, esse tipo de menção não faz uso de opacidade referencial, portanto é mais utilizada em orações negativas.

Enunciação autoevocativa – evidenciada pela autorreferencialidade. Aqui, E1 e E $\emptyset$  não são enunciações distintas, pois representam o mesmo ato locutório, ou seja, são duas características diferentes do mesmo ato locutório, portanto, constituem o mesmo ato de enunciação.

Enunciação-eco indireta – caracterizada apenas pela propriedade a. Nesse contexto, as enunciações podem ser relacionadas a enunciados diferentes, contudo, a diferença entre essa menção e as anteriores é o fato do enunciador não poder se segmentar sintaticamente em dois constituintes, mesmo com a constatação de duas vozes distintas. Nesse caso, a enunciação é o eco, é a reprodução de múltiplas enunciações.

Eco direto – caracterizado pelas propriedades a e b, mas não pela propriedade c. Apresenta uma dupla rede de referentes dêiticos. Assemelha-se ao estilo direto, pois o E1 refere-se a um acontecimento locutório mencionado em eco, E $\emptyset$ , mesmo que o todo do enunciado faça referencia a E1.

Para Berrendonner, um outro tipo de menção seria correspondente à ironia com efeito de antífrase, no qual uma enunciação crítica, E1, ficaria subentendido em uma enunciação E $\emptyset$ . Dessa forma, o emissor enuncia e, ao mesmo tempo, apresenta uma discordância entre os sentidos de E1 e E $\emptyset$ , ou seja, dá origem a uma antífrase para mostrar uma contradição argumentativa, uma ironia.

### c) Ironia como tropo

Catherine Kerbrat-Orecchioni, em seu artigo “*L’ironie comme trope*” (1980), classificou a ironia como um tropo. Segundo a autora, a ironia como tropo não é

compatível com ironia como processo citacional, entretanto a ironia não deve ser entendida como um eco porque nem todos os ecos são irônicos. Segundo a autora, o eco irônico constitui-se de uma inversão semântica, ou seja, quando Lø cita L1 com a intenção de distanciar os conteúdos para mostrar uma ideia oposta.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni, a ironia como tropo acontece na seguinte circunstância: quando existe um único significante ao qual se atribuem dois níveis semânticos e/ou pragmáticos, os quais são hierarquizados como sentido literal (conotado) primeiro e sentido derivado (denotado) segundo.

Um exemplo simples de tropo irônico pode ser identificado em uma situação comum do dia-a-dia: um enunciador A, após uma discussão com seu cônjuge e tendo passado algum tempo sem se comunicarem, pergunta: “Tudo bem?”. O outro enunciador responde: “Tudo ótimo!”. O sentido literal, S1, com valor positivo, atualiza-se primeiro. Havendo a possibilidade de ser uma inaceitável, então se busca um S2, construído a partir do S1 com a ajuda do contexto. Nesse caso, o verdadeiro sentido é S2, pois ele garante a coerência interna e a adequação externa, conforme assegura Kerbrat-Orecchioni (1980, p.111):

*Le trope opère ainsi un renversement de la hiérarchie usuelle des niveaux sémantiques: dès lors qu'elle [l'ironie] est identifiée, la valeur dérivée se trouve promue au rang de valeur dénotative, cependant que le sens littéral se trouve dégradé sous forme de trace connotée<sup>14</sup>.*

Percebemos que através do tropo há uma inversão semântica da hierarquia habitual do sentido da proposição, o que faz o sentido figurado ocupar o lugar do sentido literal, uma vez que, como tropo, é esse o sentido que prevalece. É por isso que as proposições que possuem um tropo precisam ser interpretadas de modo mais complexo. Além disso, o tropo irônico pode ser interpretado de forma aleatória, visto que seus marcadores são pistas presumíveis e não certezas indefectíveis.

Para Kerbrat-Orecchioni, a especificidade do tropo irônico constitui-se de uma característica semântica e outra pragmática. Por isso é necessário esclarecer que muitas proposições irônicas nem sempre são constituídas por uma antífrase. Há casos em que uma hipérbole ou uma lítotes, por exemplo, apenas apresentam um deslocamento

---

<sup>14</sup> “O tropo opera, dessa forma, uma inversão da hierarquia usual dos níveis semânticos: assim que ela [a ironia] é identificada, o valor derivado é promovido ao posto do valor denotativo, no entanto o sentido literal é enfraquecido sob forma de traço conotado.” (tradução livre)



semântico, porque ao enunciar S, o enunciador deixa fazer entender não-S, entretanto não-S nem sempre é o contrário de S; por essa razão a ironia às vezes é apenas uma zombaria, sem nenhuma antífrase.

A ironia como tropo presume a existência de dois significados, S1 e S2, no qual o sentido assumido por Lø é S2. Podemos concluir, portanto, que Lø também é responsável por S1, posto que, mesmo sem o assumir, é quem o profere, o que torna possível atribuir uma dupla carga semântica a um mesmo significante, por um mesmo enunciador. Para Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 123) “*le maniement de l’ironie suppose un dédoublement de l’énonciateur, corrélatif du dédoublement sémantique qui la constitue*”<sup>15</sup>.

Na conclusão de seu trabalho, Catherine Kerbrat-Orecchioni salienta o caráter ambíguo da ironia, pois o sentido conotativo, como fenômeno irônico, invalida o sentido denotativo.

#### d) Ironia como fenômeno polifônico na visão de Ducrot

Ducrot (1987), ao desenvolver a teoria polifônica da enunciação, mostra a ironia como um recurso para estabelecer a polifonia no discurso, ou seja, em um enunciado pode-se perceber a presença de mais de um enunciador. Apesar de só podermos visualizar um único enunciador no discurso, é possível encontrar mais de uma voz por traz do sujeito empírico.

Ducrot descreve a ironia sob a perspectiva polifônica inspirado no artigo “*Les ironies comme mentions*” de Sperber e Wilson (1978), e no capítulo 5 da obra “*De La ironia*”, de Berrendonner (1981). Para o autor, a ironia sempre é tratada como uma antífrase, ou seja, diz-se A para levar ao entendimento de não-A.

Ao analisar a obra de Sperber e Wilson (1978), Ducrot substituiu a expressão “mencionar um discurso” pela expressão “fazer ouvir uma voz”, por achar que o termo “mencionar” parece ambíguo. Ducrot (1987, p.198) afirma que:

para que nasça a ironia, é necessário que toda marca de relato desapareça, é necessário “fazer como se” este discurso fosse realmente sustentado, e sustentado na própria enunciação. (...) Falar de modo irônico é, para um locutor

---

<sup>15</sup> “A administração da ironia supõe um desdobramento do enunciador, correlativo ao desdobramento semântico que a constitui. (tradução livre)

L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda.

De acordo com as ideias de Ducrot, a ironia surge de uma proposição que um locutor diz, porém não se responsabiliza por ela, deixando claro que a considera absurdo. Essa proposição revela o posicionamento do enunciador (originador do enunciado irônico).

Conforme Ducrot, (1977, 1987) a língua não é um simples código, pois não se constitui de significados restritos e imutáveis. Fazendo uso do dialogismo bakhtiniano, o autor concebe a língua como essencialmente polifônica, e a ironia pressupõe a existência de um enunciador responsável pela opinião exposta no enunciado. Como o enunciado irônico está marcado por diferentes vozes, a compreensão da ironia considera o aspecto literal e o aspecto subentendido de uma proposição.

Segundo Ducrot (1977), é por meio dos implícitos e dos pressupostos que podemos chegar ao não-dito no discurso. A ironia pode, então, ser compreendida dessa forma, já que o enunciado revela apenas parte das proposições da representação conceitual, ficando outra parte subentendida.

#### e) Ironia como fenômeno polifônico na visão de Beth Brait

A abordagem que Brait (2008) faz sobre ironia baseia-se na perspectiva discursiva segundo o qual este recurso apreende um conjunto de discursos e, mais especificamente, uma forma particular de interdiscurso. Esse é um dos motivos que nos levaram a adotar essa perspectiva em nosso trabalho. Soma-se a isso a possibilidade que essa vertente tem de mostrar, por meio do interdiscurso irônico, o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais e até mesmo estéticos, muitas vezes encobertos por discursos sérios e possíveis de serem criticados ou ironizados em outras formas genéricas, como é o caso da charge. Além disso, a ironia polifônica mostrada pela autora nos remete a Bakhtin e consegue reunir, num conjunto coerente, o posicionamento irônico e a intertextualidade por meio de fatos e vozes que formam um complexo interdiscurso.

O tratamento da ironia como elemento participativo da composição textual encaminha o leitor a construir o sentido irônico do texto enquanto consideram-se outros

elementos textuais (compostos por gestos, cores, tamanhos, símbolos, caricaturas) e interpreta-se o explícito e o implícito, revelado através das diversas vozes do discurso. Além disso, percebemos a saliência irônica como um conjunto de procedimentos discursivos que podem ser utilizados em qualquer tipo de texto, para revelar um chiste, para caracterizar um desenho caricatural, para causar um efeito de humor.

Brait (ibid.), baseada em conceitos teóricos como os de Benveniste, Bakhtin e seu Círculo, Pêcheux e Authier-Revuz, faz sua fundamentação a respeito de ironia por meio da interdiscursividade e dos diferentes mecanismos estruturadores do texto. A autora trata a ironia como um procedimento intertextual e interdiscursivo. Assim, podemos considerar que esta é uma estratégia comunicativa causadora de efeitos de sentido na medida em que mobiliza diferentes vozes e instaura a polifonia. De maneira geral, esse processo é constantemente explorado nos limites de uma frase ou em partes de um texto. Como nossa análise de ironia está voltada unicamente para o gênero charge, devemos considerar aspectos particulares que dizem respeito ao plano de expressão do jornal, que, utilizando-se de diferentes isotopias, neste jogo entre imagens e palavra, entre o sério e o engraçado, exploram, dentre outras coisas, a cultura da população.

Para Brait (idem, p.72), “a intertextualidade, que pode ser uma das denominações para algumas formas de discurso reportado, assume no discurso uma função crítica, quer para estabelecer um perfil da vítima, do alvo a ser atingido, quer para assinalar pólos de abertura”. De acordo com a autora, a ironia é um mecanismo que, através de dialogismo, apresenta um paradoxo argumentativo cuja função é modificar uma ideia, polemizar ou mesmo se defender.

Para que o discurso seja irônico, todos os elementos contextuais “promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário” (BRAIT, idem, p. 75), de forma que o leitor possa compreender que o enunciado é a tradução de um desejo e não de uma realidade.

Consoante Brait (idem), a ironia também pode ser identificada a partir de atitudes e de procedimentos diversos, essa é a ironia das coisas, das situações, dos seres. Como atitude, pode ser constituída em uma situação, com um traço da personalidade ou de caráter – elementos pertencentes à individualidade de cada pessoa. Esse tipo de ironia é

definido por alguns autores como “ironia situacional”, “ironia do mundo”, “ironia não-verbal”, ou “ironia referencial”.

Conhecer e aplicar a teoria polifônica da ironia em geral tem grande utilidade em nossa análise do gênero charge, pois funciona como estratégia argumentativa do discurso de caráter lúdico, ou, de outro modo, argumentar pelo riso é uma estratégia poderosa para difundir e influenciar opiniões e ideias. Em textos chárgicos, por exemplo, a ironia nos convida a refletir, por meio do icônico e do verbal, sobre algo sério. Sobre isso Bakhtin (2002) esclarece que não é o cômico que se torna sério, mas o contrário. Principalmente nos gêneros que envolvem o riso, os símbolos sérios são preteridos e colocados em contiguidade com manifestações e símbolos populares, uma vez que se desfazendo essa distância tornamo-lo cômico.

Essa abordagem da ironia nos ajudará a analisar mais um de nossos objetivos: verificar se os leitores percebem o tom irônico da charge e quais recursos eles utilizam para ter essa compreensão, considerando informações fornecidas por meio da intertextualidade, do texto verbal e do texto imagético. Nossa hipótese é que os leitores percebem a ironia muito mais pelo texto verbal do que pelos recursos imagéticos.

### **4.3 A ironia na charge**

Uma das características mais presentes na charge é a ironia, cuja função é criticar e debochar, de forma humorística, certas situações. A ironia sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica do enunciador, provocando um riso de zombaria a respeito de um acontecimento real.

As charges mostram, na maioria das vezes, atores políticos em situações que contrariam os preceitos morais, desconstruindo a hombridade e a honestidade, por isso são submetidos ao escárnio irônico. Sabemos que o texto chárgico recorre ao irônico para denunciar relações político-sociais e econômicas que estão sob suspeita em seu contexto sócio-histórico, é um recurso para enfatizar inconveniências.

Na charge, a ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar. Consiste em não dar às palavras nem à imagem o seu sentido real ou completo, exatamente para significar o oposto do que se diz. É um disfarce para expressar uma coisa por outra. O chargista não quer que sua opinião seja aceita como verdade, mas

quer sua mensagem seja interpretada e compreendida. Compreendemos que a função da ironia na charge é deixar o texto leve, levando o leitor à crítica, à reflexão e ao humor.

O discurso irônico utilizado em charges é um recurso para estimular algum tipo de reação do leitor. Para facilitar a compreensão da ironia, o chargista, muitas vezes, utiliza também a mimese irônica<sup>16</sup> em suas charges. A intenção da ironia na charge é expressar múltiplas possibilidades de sentido ao explorar situações perceptíveis de discordância pela sociedade, por isso está sempre imitando estilos e padrões típicos, como o padrão de políticos, por exemplo.

As charges irônicas estão bastante próximas do chiste<sup>17</sup> e do cômico<sup>18</sup>, mas só podem ser compreendidas se os interpretadores entenderem o jogo multimodal próprio da charge. Nesse jogo, deve-se considerar também o contexto e as atitudes e expectativas tanto do chargista quanto do leitor, já que ela acontece e não simplesmente existe. Em consequência dessa condição, a ironia pode ser mal-entendida e às vezes pode nem ser percebida, fato já comprovado na análise dos questionários aplicados nessa pesquisa.

De acordo com Hutcheon (2000), o interpretador é quem vai decidir se “a elocução é irônica ou não e, então, qual sentido irônico particular ela pode ter”. Ao publicar uma charge, o chargista ironista<sup>19</sup> não tem o poder de escolher o interpretador de seu texto, diferente do que acontece em algumas situações específicas em que um emissor ironiza e espera que um destinatário escolhido por ele interprete e entenda o sentido irônico. Considerando alguns contextos específicos de comunicação, no qual enquadrámos a charge, a autora questiona quem, de fato, deve ser considerado o ironista, uma vez que a ironia só se realiza quando interpretada, e esse processo de interpretação e atribuição de ironia acontece à revelia das intenções do chargista.

Duarte (1994, p. 55) refere-se ao ironista como o sujeito que “percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos”, ou seja, quem produz a ironia. Nesse contexto, ironista e interpretador são os protagonistas do

---

<sup>16</sup> A mimese irônica imita o estilo ou o ponto de vista de outrem, na voz, no estilo, nos gestos.

<sup>17</sup> O chiste, dentro desse contexto, é o espirituoso, o humor fino e adequado gracejo, facécia, pilhéria.

<sup>18</sup> O cômico, no contexto utilizado, é aquilo que tem por efeito suscitar o riso ou a zombaria; ridículo, risível.

<sup>19</sup> Com base na definição de ironista, descrita por Hutcheon (2000), chargista ironista é quem cria charges irônicas.

discurso irônico, contudo não podemos nos esquecer do alvo da ironia, pois é a partir desse elemento que ela é produzida e entendida.

A esse respeito, Brait (ibid., p. 138) comenta que:

O ironista, o produtor da ironia, encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso e, por meio desse procedimento, contar com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza. O conteúdo, portanto, estará subjetivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciador, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário, sua perspicácia para o enunciado e suas sinalizações, por vezes extremamente sutis. Essa participação é que instaura a intersubjetividade, pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou cultural e socialmente comungados ou, ainda, constitutivos de um imaginário coletivo. É a organização discursivo-textual que vai permitir esse chamar a atenção sobre o enunciado e, especialmente, sobre o sujeito da enunciação.

Independente das intenções do chargista ou do jornal que veicula a charge, o gênero sempre revela um enunciador crítico e criativo que, sem burlar as normas do discurso jornalístico, faz uma leitura pertinente a respeito de um fato no momento em que este acontece. O caráter lúdico, utilizado com a finalidade de denunciar e criticar, é uma atitude para revelar um enunciador instaurando vários locutores, que, na interpretação das entrelinhas, defendem os valores característicos de sua cultura.

## 5. METODOLOGIA

Nesse capítulo, apresentamos o tipo de pesquisa que estamos desenvolvendo, os participantes e os procedimentos de análise que legitimam nossa investigação.

### 5.1 Base Metodológica

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, visa analisar a relevância da intertextualidade e da ironia para o processo de interpretação de charge. A amostra escolhida, dentro desse contexto de investigação qualitativa, é analisada muito mais pela possibilidade de gerar discussões e explicações sobre questões anteriormente determinadas do que pela necessidade de uma abordagem estatística, por isso os percentuais dos gráficos que apresentados posteriormente são exclusivamente para detalhar conhecimentos chárnicos que os próprios participantes da pesquisa afirmaram ter.

Para o alcance do nosso propósito, partindo dos dados coletados com a aplicação de um questionário, utilizamos o método indutivo, por ser um processo de chegar a regras e leis gerais pela observação das regularidades, para, então, chegarmos a algumas conclusões relativas à dificuldade dos leitores em reconhecer a manifestação da ironia no discurso não verbal e a algumas observações sobre o comportamento leitor dos sujeitos ao relacionar intertextos. Utilizamos, portanto, o processo indutivo por ser o mais adequado para a nossa pesquisa, já que faz, de forma ascendente, constatações que partem de particularidades às leis gerais. Isso nos ajudou a constatar algumas generalizações relativas à interpretação do gênero charge no tocante ao emprego de mecanismos para o estabelecimento do sentido do texto.

Nossa técnica é descritiva, visto que estamos mostrando o comportamento de uma pequena população diante do texto. Esse grupo específico de participantes nos serve como um exemplar para que possamos verificar características de sua interpretação, já que não podemos conferir de forma aleatória características que influenciam na análise, tais como histórico familiar, posturas culturais, práticas sociais.

### 5.2 A caracterização da amostra

A amostra analisada em nossa pesquisa é composta por dados de um questionário a respeito de seis charges, sendo três publicadas no *Jornal O Povo*, do Ceará; uma

publicada no *Jornal O Liberal*, do Pará; uma publicada no *Jornal O Tempo*, de Minas Gerais e, ainda, uma publicada exclusivamente na internet, no site [www.cambito.com.br](http://www.cambito.com.br). As charges foram selecionadas entre os meses de novembro de 2009 e junho de 2010. Neste ínterim, pudemos escolher as charges que julgamos serem adequadas aos nossos propósitos, explicados nos próximos parágrafos.

Quanto à charge escolhida na mídia digital, não há nenhuma especificidade ou diferenciação em relação às características das charges utilizadas em jornal impresso. Ressaltamos que a mesma poderia ter sido utilizada no meio de comunicação impresso, já que não possui a animação típica das charges animadas criadas para o ambiente *online*. Esta charge foi escolhida porque continha uma característica que procurávamos: intertextualidade associada diretamente à imagem, dessa união poder-se-á perceber o teor irônico do discurso.

A escolha das referidas charges deu-se pela presença marcante da ironia e da intertextualidade, elementos sobre os quais versamos no questionário. Todas as charges abordam assuntos amplamente divulgados na mídia. Essa característica fez-se necessária por entendermos que os sujeitos interpretantes precisariam dispor dessas informações para dar respostas que contribuíssem para a nossa análise. Acrescentamos, ainda, que as charges tratam diretamente de assuntos de natureza política. A opção por explorar charges de cunho político deu-se por essa ser uma temática presente em quase todo o universo chágico ao qual tivemos acesso. Embora alguns jornais, excepcionalmente, tenham publicado charges de outras temáticas, estas não continham todas as características que escolhemos para estudar em nossa pesquisa.

Em função da relação das charges com a realidade, desenvolvemos um breve texto no capítulo de análise para explicitar acontecimentos que motivaram a criação das charges presentes nessa pesquisa, ou seja, explicitaremos o contexto social que as originou.

Outro critério que nos estimulou a escolher as referidas charges foi poder enquadrá-las em três grupos específicos: 1. Charges sem texto verbal; 2. Charges com pouco texto verbal e 3. Charges com muito texto verbal. Dessa maneira, pudemos avaliar se o texto verbal é dispensável ou não para o processo interpretativo de charges, ou se funciona, associado à imagem, como elemento de igual valor para a interpretação.



Salientamos que todas as charges têm muitas informações imagéticas, reforçadas pelas cores e, em alguns casos, por símbolos.

Formulamos o questionário e, depois de validá-lo, escolhemos as charges que seriam exploradas na pesquisa. Neste momento aplicamo-lo a um grupo de alunos do curso de Letras.

### **5.3 Participantes**

Os participantes da pesquisa são 25 alunos do curso de Letras, de semestres variados, já que a disciplina para a qual eles estavam matriculados pode ser cursada por alunos de diferentes períodos. Quando aplicamos o questionário, eles estavam entre o quarto e o oitavo semestre. Escolhemos alunos universitários e também do curso de Letras por supormos que esse público lê sobre atualidades e interessa-se por notícias e reportagens relativas à política do país. Esse conhecimento é necessário porque a maioria das charges explora acontecimentos de cunho político ou diretamente ligados à política.

Entendemos que os universitários do curso de Letras supostamente atendem a dois requisitos: 1) são habituados a ler, inclusive sobre atualidades, visto que são professores em potencial e, portanto, é importante que estejam sempre informados para que também possam incentivar práticas de leitura; 2) estão cientes de que devem ter algum conhecimento a respeito de gêneros textuais explorados em atividades de interpretação de texto, tanto em livros didáticos quanto em provas de concursos, como é o caso da charge.

O primeiro quesito procura garantir que os participantes, de fato, compreendam o assunto abordado e não se distanciem da temática proposta em cada charge. O segundo quesito tenta garantir que estes participantes tenham consciência do propósito comunicativo da charge enquanto gênero do meio jornalístico. Por estas duas razões, aplicamos um questionário, durante o horário de aula, em uma sala em cuja ocasião continha vinte e cinco alunos presentes, todos do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

#### **5.4 Procedimentos de coleta e análise dos dados**

O primeiro procedimento foi a validação do questionário, ou seja, fizemos uma pré-testagem com universitários de cursos variados com o intuito de percebermos se as questões estavam claras e se nos davam respostas eficazes. Esse processo se deu em dois momentos: primeiro aplicamos individualmente a cinco pessoas de diferentes cursos; depois, aplicamos a uma turma de segundo semestre do curso de Comunicação Social. Após alguns ajustes, procuramos definir quais charges melhor atenderiam aos nossos objetivos. Após analisar e refletir sobre a intertextualidade e ironia presente em um universo extenso, selecionamos as seis charges que iriam compor a amostra da pesquisa.

Nesse momento da pesquisa, procuramos estabelecer, para cada charge, quatro elementos fundamentais:

1. Relação com acontecimentos divulgados na mídia por mais de uma vez;
2. Personagens facilmente categorizados pelas pistas do texto;
3. Presença de ironia (através do texto verbal ou imagético);
4. Presença de algum dos tipos de intertextualidade elencados por Bazerman.

Depois de adequamos o questionário, dividimo-lo em duas partes: a primeira parte refere-se a questões a respeito da familiaridade dos leitores em relação ao gênero charge; a segunda parte apresenta questões exclusivamente interpretativas em relação às charges selecionadas.

No terceiro momento, aplicamos o questionário para, enfim, termos os dados referentes à percepção dos sujeitos diante dos textos. De posse das interpretações, passamos a analisar todas as informações dadas pelos participantes.

Com o intuito de realizar uma análise consistente e coerente, escolhemos seguir alguns passos para desenvolver nossa análise e tirar nossas conclusões:

1. Caracterização dos leitores em relação ao gênero charge. Para essa fase, inicial em nossa análise, utilizamos as respostas que os leitores deram ao questionário preliminar, que os indaga acerca do referido gênero, mas ainda não se refere a nenhuma charge especificamente. Em relação às características de cada participante, fizemos um levantamento cujo resultado apresentamos, ora através de

comentários, ora através de gráficos. No levantamento caracterizamos o tipo de leitor que participa da pesquisa em relação à sua facilidade para acessar o gênero, a respeito da frequência com que lê charges, a respeito do grau de proficiência leitora que possui tratando-se do referido gênero, a respeito do tipo de linguagem mais relevante para a interpretação de uma charge.

2. Levantamento, cujo resultado apresentamos através de gráficos, a respeito da percepção da ironia nas charges da pesquisa;
3. Apresentação, por meio de tabelas, de algumas respostas dadas pelos participantes, referentes à intertextualidade, à ironia e à linguagem mais relevante, para que sirvam de exemplo enquanto tecemos nossos comentários e para que sustentem nossas constatações.
4. Apresentação, de forma discursiva, do tipo de intertextualidade de que os leitores fazem uso através de classificações com base nos tipos de intertextualidades descritos por Bazerman (2006) e da categoria intertextual na qual os leitores se incluem, com base em agrupamentos criados por nós exclusivamente para classificar a coerência das respostas dadas pelos leitores a respeito da co-relação que fizeram entre a charge e outros assuntos. Essa categorização será detalhada nas próximas páginas;
5. Apresentação, de forma discursiva, da percepção irônica dos leitores, considerando a ironia presente nas charges como um fenômeno polifônico, de acordo com Brait (1996). Para essa análise, criamos categorias para definir dois tipos de leitores: 1. os que conseguem perceber ironia na charge; 2. os que não conseguem perceber ironia em charge. Essas duas categorias foram criadas com base nos elementos que os leitores identificaram como participantes do discurso irônico. Para a realização dessa análise nos apoiamos tanto na intertextualidade quanto na relevância dos elementos verbais e imagéticos.

## 6. ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, analisaremos os dados levantados dos questionários aplicados. Antes, porém, apresentaremos uma explicação sobre conhecimentos e acontecimentos que contextualizaram a criação das charges utilizadas em nosso trabalho. Achamos importante fazer essa explicação por entendermos que com essas considerações ficará mais claro para o leitor dessa pesquisa compreender o contexto no qual estamos nos baseando para a realização da análise.

### 6.1 Contexto utilizado para a criação das charges

#### Charge 1



*Jornal O Liberal (PA) – 03/12/2009*

Esta charge, criada pelo chargista J. Bosco para o *Jornal O Liberal*, apresenta dois entregadores motorizados que, certamente, se dirigem a pontos diversos de Brasília, já que as motos estão se movimentando em direções opostas, para entregar pizza e panetone. A compreensão de que os motoqueiros estão na capital da república se dá pela identificação, ao fundo, do monumento que representa o Congresso Nacional do Brasil. Nessa charge, procura-se remeter as imagens de pizza e panetone a práticas políticas ilícitas, algo cada vez mais comum dentro dessa categoria profissional.

A referida charge faz alusão a dois fatos: o primeiro fato nos mostra que em Brasília tudo “acaba em pizza”, ou seja, nada que se investiga acaba com a punição dos culpados. A frase, que surgiu entre jogadores de futebol, em especial na Sociedade

Esportiva Palmeiras, dita pelo cronista esportivo Milton Peruzzi, significa que “algo errado terminou sem qualquer punição”. A expressão teve origem na década de 1960 quando o Palmeiras enfrentava uma crise de cartolas. Por conta disso, uma briga se iniciou no clube e quatorze horas depois ela continuava. O problema é que deu fome em todos os envolvidos na confusão e eles, então, resolveram ir a uma pizzaria. Depois de muito chope e pizza, a paz voltou e a briga terminou. Peruzzi, que era jornalista da Gazeta Esportiva, aproveitou e, no dia seguinte, colocou a manchete: Crise do Palmeiras termina em pizza. Depois disso, a famosa frase é usada costumeiramente para referir-se também a escândalos políticos que, na visão de muitos brasileiros, terminam sem solução.

O segundo fato citado por meio da imagem é o escândalo do panetone, exposto ao público no final de novembro de 2009. De acordo com a mídia, o crime envolvia o governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e mais alguns políticos e assessores que, para justificar o desvio de dinheiro público, conhecido como Mensalão de Brasília, alegou ter comprado panetone para distribuir aos pobres.

A intertextualidade ocorre quando associamos a figura da pizza e do panetone às atitudes e posturas dos políticos que se fazem de cegos para não punir seus colegas de trabalho. Outra intertextualidade ocorre, também no campo visual, ao interpretar que o monumento ao fundo está caracterizando a capital brasileira.

A intertextualidade mostrada nessa charge explora o segundo nível definido por Bazerman (2006), pois esse nível remete a casos em que temas sociais são apresentados em forma de discussão por intertexto explícito, e o escândalo político retratado é um exemplo disso. Em relação à técnica, percebemos que a charge faz menção a pessoas (políticos), a acontecimentos (mensalão do DEM) e a declarações (tudo acaba em pizza em Brasília).

A ironia ocorre com a afirmação de que na capital federal nada é levado a sério, a representação indireta e simbólica da falta de seriedade na apuração dos fatos, ao mesmo tempo em que expõe a postura dos parlamentares, julga-os e faz deboche com base na afirmação do então governador, ou seja, agora também há de se distribuir panetone.

A interpretação da charge exige total ativação do contexto extraicônico para se chegar à interpretação plena, pois os elementos implícitos, nesse contexto, induzem o leitor a fazer relações entre o que veem na imagem e o que sabem sobre as práticas e posturas dos políticos.

### Charge 2



*Jornal O Povo* (CE) – 24/05/2010

A charge acima, criada pelo chargista Clayton, para o *Jornal O Povo*, retrata um problema de política internacional. Na ocasião em que foi criada, havia um impasse, entre o presidente dos Estados Unidos e o presidente do Brasil, gerado a partir da discussão a respeito da existência de urânio no Irã. Segundo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, é injusto o Irã sofrer punições da Organização das Nações Unidas (ONU) por causa de seu programa nuclear. Lula afirmou que os Estados Unidos iniciaram uma guerra contra o Irã por temer a existência de armas químicas que nunca foram criadas, disse também que esse erro não pode se repetir. Lula cobrou ainda que houvesse diálogo entre o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, e criticou a atitude de Obama de condenar o Irã antes mesmo de ouvi-lo.

Alguns países do Ocidente suspeitam que o programa nuclear iraniano tem o objetivo de construir armas nucleares, mas Teerã, capital e principal cidade da República Islâmica do Irã, afirma que seu objetivo é a geração de eletricidade para fins

pacíficos. Segundo autoridades dos EUA, o Irã teria manipulado o Brasil e a Turquia com o objetivo de ganhar tempo e adiar a imposição de novas sanções.

Observando os inúmeros elementos intertextuais que compõem a charge, podemos destacar uma citação direta, através de caricatura, dos presidentes do Brasil e dos Estados Unidos, ambos vestidos com uniformes dos esportes mais difundidos em seus países: futebol e futebol americano, respectivamente. As cores dos uniformes representam claramente as cores das bandeiras de ambos os países. Uma outra relação intertextual está sendo mostrada com a imagem da bola que contém o símbolo do urânio. Com essa representação, explora-se a declaração que o presidente Lula fez em relação ao seu apoio ao Irã, grande produtor desse elemento químico.

Está sendo dito que os EUA são uma grande potência, muito mais forte que o Brasil, isso está evidenciado pelo tamanho de Barack Obama e por seu porte robusto, comparado com o tamanho de Lula e, ainda, pelo fato de os jogadores do futebol americano terem capacidade tática e força bruta. Eles se empurram, bloqueiam e perseguem uns aos outros. É frequente ver no futebol americano uma metáfora para a guerra. A violência dentro do campo é tanta que os jogadores, pesando 150 quilos ou mais, precisam usar um capacete para proteger o crânio e a face.

Apesar de tanta força, ironicamente, quem tem o passe da bola é o presidente do Brasil, supostamente mais fraco que o adversário, pois seu esporte é muito menos agressivo e não exige dos jogadores esse porte físico vigoroso.

Se ainda houver dúvida em relação aos personagens da charge, ela é esclarecida com a inserção dos paratextos “Lula 9”, “Obama” e “USA”. O primeiro paratexto reafirma tratar-se do presidente do Brasil e confirma também que ele está jogando futebol, pois durante muito tempo a camisa de número 9 fez muito sucesso entre os torcedores da seleção brasileira. O segundo paratexto confirma que o personagem é Barack Obama e, unido ao terceiro paratexto, reforça que ele é americano.

Essa charge utiliza o segundo e o quinto nível de intertextualidade, pois remete a um assunto em que um fato com características sociopolíticas foi apresentado e está sendo discutido por intertexto explícito através do uso de tipos reconhecíveis de linguagem (caricatura e símbolo do urânio), que evocam mundos sociais particulares para gerar humor crítico.

### Charge 3



*Jornal O Povo (CE) – 24/12/2009*

A charge 3 é outra criada por Clayton, inspirada na divulgação do valor salário mínimo. Durante o mês de dezembro de 2009, foi discutido o novo valor do salário mínimo que passou de R\$ 465,00 para R\$ 510,00. O reajuste de 9,68%, definido no dia 22 de dezembro de 2009, passou a valer a partir do dia 1º de janeiro de 2010, conforme calendário estabelecido pela política de valorização do salário mínimo, negociada pelo governo com as centrais sindicais há dois anos (em relação ao ano de 2009).

O reajuste do salário mínimo, pronunciado no final de dezembro de 2009, começou a vigorar a partir do mês de janeiro. Por essa razão parece ser um presente que o Lula está oferecendo ao povo na época do Natal. Como sempre é o presidente quem anuncia o novo valor do salário mínimo, nessa charge ele aparece vestido de Papai Noel, fazendo menção à época em que muitas pessoas dão presentes baseando-se em histórias fantásticas envolvendo o personagem lendário que realiza os sonhos de todos aqueles que acreditam na magia do Natal.

Além da intertextualidade que envolve o Natal, período de renovação e de mudanças, há outros elementos intertextuais, como a cor vermelha, que também é a cor da bandeira do Partido dos Trabalhadores, criado pelo presidente Lula e ao qual até hoje ele pertence.

O chargista utiliza o segundo nível de intertextualidade para explorar um tema



socioeconômico e discuti-lo em forma de intertexto explícito. O quinto nível também é utilizado na charge, por meio da caricatura, para nos mostrar uma crítica à figura do presidente Lula.

A ironia está presente no paratexto “salário mínimo” e no tamanho do presente ao qual se refere. O salário mínimo é o menor dos presentes que o “papai Lula” traz consigo, tão pequeno que cabe na palma de sua mão. Para indicar seu minúsculo tamanho (o que remete ao seu baixo valor) as letras também aparecem bem pequenas. A ironia também é percebida na comparação entre o tamanho do presente que está na mão do presidente e o tamanho dos presentes que estão dentro do saco, inclusive surgem vários questionamentos a respeito de quem seriam os destinatários de presentes tão grandes e o que seriam esse presentes.

#### Charge 4



*Jornal O Povo (CE) – 02/06/2010*

Nesta charge, Clayton cria uma situação em que um fato político dialoga diretamente com um fato esportivo. Logo que o PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira – decidiu quem seria seu candidato a presidente do Brasil, Aécio Neves, que esperava ser o escolhido, recusou-se a fazer parte da chapa de José Serra como seu vice. Começou aí a dificuldade do candidato à presidência da república, José Serra, para escolher um político que pudesse compor sua chapa eleitoral como seu vice.

À época, o time do Ceará Sporting Club estava ocupando a vice-liderança no campeonato brasileiro de futebol e, para que o leitor entenda toda a intertextualidade presente na charge, achamos conveniente explicar porque existe um homem (vovô) vestido com o uniforme do time do Ceará.

Segundo Aníbal Câmara Bonfim, um dos fundadores do América Futebol Club, em 1920, o time do Ceará ganhou o apelido de vovô porque os meninos do América costumavam treinar no campo do Ceará. O presidente do clube na época, Meton de Alencar Pinto, começou a tratar os rapazes de meus netinhos. Quando encontrava os garotos do América no campo alvinegro, Meton brincava: “Vamos, meus netinhos, vamos aprender bem para açoitá-lo Fortaleza. Mas respeitem o Vovô aqui”. E foi assim que o Ceará começou a ser chamado de “Vovô”.

As caricaturas, associadas ao contexto verbal, confirmam que os dois personagens representam o time do Ceará e o presidente José Serra, numa menção aos acontecimentos políticos e aos acontecimentos esportivos. Observando a informação do paratexto e considerando que existe um jogo linguístico com a palavra **vice**, que aparece em negrito na fala de José Serra para enfatizar a sua incansável busca por um candidato à vice-presidência da república, entendemos que o político tem bastante pressa para definir quem realmente será seu vice, visto que, naquela ocasião, os outros candidatos já tinham tomado essa decisão.

Nessa charge, explora-se o segundo nível de intertextualidade para abordar um tema político e discuti-lo com a ajuda de um intertexto desportivo. O quinto nível também é utilizado na charge, por meio da caricatura, para nos mostrar uma análise crítica a respeito de um fato envolvendo o presidente José Serra.

A ironia aparece de forma gestual, quando o Vovô balança o dedo negativamente, opondo-se a fazer parte da chapa de José Serra. A intenção desse gesto é fazer a leitura de que ninguém quer ser o vice de José Serra.

## Charge 5



*Jornal O Tempo* (MG) – 03/05/2010

Esta charge, criada por Duke para o *Jornal O Tempo*, apresenta uma sequência narrativa em que um aposentado, em momentos distintos, assiste ao noticiário. Quando uma charge utiliza essa estratégia de leitura de um quadro após o outro quer marcar a cronologia da sequência narrativa.

O contexto intericônico foi utilizado para abordar, de uma única vez, três assuntos relevantes para pessoas com mais de 60 anos. O primeiro assunto interessa principalmente aos homens, pois é nessa época da vida em que muitos deles começam a sofrer de impotência sexual. Em relação ao segundo assunto, é mais ou menos nesse período da vida e, às vezes, até antes, que muitas pessoas começam a sofrer de hipertensão. Outro assunto que muito interessa aos aposentados diz respeito à questão do reajuste salarial. Todos os anos essa classe de pessoas vive a expectativa de receber um reajuste que possa suprir suas necessidades básicas.

Os fatos que contribuíram intertextualmente para a composição chágica foram os seguintes:

Primeiro o Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu extinguir a patente do Viagra, remédio para o tratamento de disfunção erétil. A decisão certamente possibilitará a produção do medicamento genérico pelo mercado farmacêutico e, com a

quebra da patente, pode favorecer o consumo do medicamento por muitas pessoas de classe econômica menos favorecida. Para termos noção do quanto se vai economizar, é só compararmos os custos: uma caixa de Viagra com quatro comprimidos custa, em média, R\$ 130,00. Com a chegada dos genéricos, a expectativa é de que o preço caia pela metade, ou seja, a caixa com quatro comprimidos do genérico custará mais ou menos R\$ 65,00.

O segundo assunto foi bastante divulgado na imprensa televisiva: o Ministro da Saúde, José Gomes Temporão, recomendou que as pessoas fizessem sexo como uma das alternativas para prevenir problemas de hipertensão. A afirmação foi feita durante entrevista coletiva em que ele apresentou dados que mostram um aumento na proporção de brasileiros com a doença. Os dados comprovam ainda que o aumento do número de hipertensos ocorreu em todas as faixas etárias, mas os idosos são os mais atingidos: 63% têm o problema.

O terceiro assunto diz respeito ao ajuste do benefício concedido aos aposentados, essa foi uma decisão que perdurou durante um bom tempo neste ano de 2010. Até que se chegasse a uma definição, muitas dúvidas permearam na cabeça de inúmeras lideranças políticas, tais como a do próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que delongou ao máximo a demarcação. No início de janeiro já tinha saído o primeiro reajuste, equivalente a 6,14%. Entre o fim de abril e início de maio, o governo anunciou um novo reajuste no valor de 7%, e seria retroativo para aqueles que ganhassem acima de um salário mínimo. Mesmo assim, o valor ainda estava abaixo do que fora prometido pelo governo e acabou não agradando os aposentados.

O texto explora o primeiro nível de intertextualidade, pois apresenta declarações de outros textos, os quais são usados para reforçar os propósitos do novo texto.

A ironia da charge aparece exatamente com a divulgação da terceira notícia, associada à reação do aposentado, marcada verbalmente pela palavra “brochei”. É irônico ter medicamentos mais baratos se o salário dos aposentados não permite que essas pessoas possam comprá-los. Quanto aos que sofrem de impotência e são hipertensos, não terão condições de comprar o Viagra com um salário tão baixo. É importante destacar o jogo linguístico que insere a ironia : VIAGRA/ OBA/ BROCHEI.

Não é de se esperar que com Viagra mais barato e com tanta empolgação, uma pessoa acabe brochando. Neste jogo semântico, contrariamente ao que se espera da sequência narrativa, depois de criar-se a expectativa de final feliz, ocorre um desfecho sem êxito.

### Charge 6

"NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA  
TINHA UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Acesso em 01/05/2010

Esta charge, como já havíamos dito, foi feita exclusivamente para o site [www.cambito.com.br](http://www.cambito.com.br), mesmo assim, tem todas as características de uma charge de jornal impresso. Nós a escolhemos pela riqueza de sua intertextualidade verbal e não-verbal. De um lado, os versos de Carlos Drummond de Andrade nos oferecem pistas para interpretar vários assuntos. Da mesma forma, as cores que sugerem o desenho da bandeira do Brasil nos possibilitam fazer várias inferências a respeito do que se quer criticar.

Primeiramente, gostaríamos de registrar que essa charge não se refere a um fato específico, e sim a uma prática que o texto mostra de forma generalizada, pois se refere aos escândalos políticos que frequentemente têm sido denunciados em nosso país. Sabemos que se trata do Brasil pela intertextualidade visual. O desenho verde remete à bandeira do Brasil, símbolo de nossa pátria, que traz, na diagonal, uma faixa semelhante a que também existe na bandeira brasileira e, dialogando com o poema, representa um

caminho pelo qual não se pode andar por existir uma grande pedra bloqueando a passagem.

A pedra é realmente um objeto materializado, mas o paratexto que nela existe revela que essa pedra é formada por corrupção, ou seja, reafirma que há muitas práticas ilegais na política brasileira, principalmente se compararmos o tamanho da pedra e o tamanho dos personagens. Sabemos que o foco é a política porque as pistas, bandeira + a palavra corrupção (que aparece em negrito e em tamanho maior), nos remetem ao cenário político. A presença de dois personagens e o diálogo entre eles nos autoriza interpretar que ambos estão encarregados de retirar todas as pedras do caminho. Aí está a ironia: uma pequena marreta na mão de um dos personagens não é suficiente para destruir uma pedra tão grande.

Observamos que essa charge utiliza o quinto nível de intertextualidade, através do uso de um tipo reconhecível de gênero (poema), e a técnica da citação direta para repetir um trecho da poesia de Drummond, enquanto dialoga e denuncia algumas posturas políticas comuns em nosso país. O sexto nível de intertextualidade também está presente nesta charge, pois o poema nos força a utilizar o alcance textual para estabelecer relações intertextuais.

## **6.2 Resultados relacionados à familiaridade dos leitores com a charge**

Em relação aos participantes da pesquisa, procuramos coletar algumas informações a respeito de sua familiaridade com o gênero charge. Essa é uma etapa importante para nos ajudar a traçar o perfil do leitor.

Em princípio, investigamos se os leitores têm fácil acesso ao gênero, se leem charge com frequência, se preferem fazer a leitura no jornal impresso ou na internet. Antes que eles comessem a interpretar as charges, perguntamos qual elemento (verbal ou visual) facilita a compreensão de uma charge. Não perguntamos se eles percebem haver intertextualidade nas charges, pois a condição para que uma charge exista é a intertextualidade, ou seja, o texto chárgico é a reinterpretação de eventos que, por algum motivo, causaram algum tipo de discussão.

Embora essa primeira etapa seja quantitativa, é essencial para caracterizar como o leitor se define em relação à leitura do gênero charge.

Para essa primeira etapa, obtivemos as seguintes informações dadas pelos leitores:

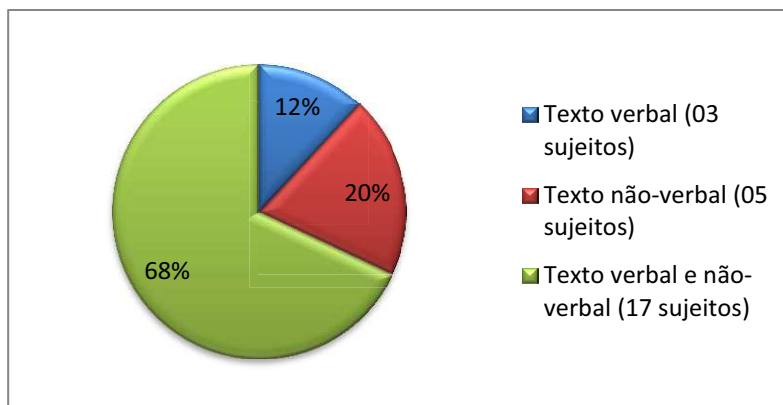
Em relação ao gênero charge, a maioria dos participantes tem acesso ao gênero com facilidade; dos 25 respondentes, apenas 3 não têm muito contato com esse tipo de texto, ou porque não têm computador ou porque não têm acesso ao jornal impresso com frequência.

Embora muitos sujeitos tenham acesso a charges com facilidade, 15 pessoas afirmaram que as leem raramente, ou porque não as veem como texto ou porque não se sentem atraídos pelo gênero. Os 10 que lêem muitas vezes são atraídos pela animação e pelo pouco conteúdo verbal.

Percebemos que muitas pessoas acreditam que sabem fazer leitura de charge, que é um texto fácil de interpretar, que não é preciso muito esforço para entender sua mensagem. Das 25 pessoas, apenas três (12%) descrevem-se como não proficientes na leitura de charges, ou seja, 88% consideram-se proficientes na leitura de charge. Entretanto, quando fomos analisar as respostas da segunda parte do questionário, percebemos haver contradição em relação à proficiência que afirmaram ter, visto terem apresentado dificuldade para responder as questões de interpretação, tanto em relação ao assunto abordado em cada charge, quanto em relação à percepção da ironia presente no texto.

Em relação ao maior facilitador para uma boa interpretação do texto chárstico, de acordo com 17 participantes, o texto verbal e o não-verbal são necessários para que isso aconteça; 5 participantes julgam o texto não-verbal mais importante. Somente três sujeitos consideraram o texto verbal mais relevante para a interpretação do gênero. Esses resultados nos fizeram refletir sobre a relevância dos dois tipos de texto para a interpretação textual.

Gráfico 1 - Elemento mais relevante para a compreensão das charges



Não questionamos os leitores em relação à intertextualidade, apenas pedimos para que eles relacionassem os intertextos que participam dialogicamente do texto chárstico.

Em relação à ironia, 7 pessoas (28%) responderam que esse recurso ocorre sempre no gênero charge; 16 pessoas (64%) afirmaram que nesse gênero quase sempre há ironia. Somente 2 sujeitos (8%) informaram que a ironia é um fenômeno linguístico raro em charges. Essas respostas foram dadas pelos participantes antes de eles terem acesso à amostra.

Como a maioria dos participantes afirmou ser leitora proficiente do texto chárstico e também ter consciência de que a ironia compõe a maioria desses textos, esperávamos que esse fosse um elemento facilmente identificável, entretanto, no momento da análise, constatamos que, mesmo sabendo da existência de ironia na charge, os leitores não conseguiam verbalizar o elemento irônico. Acreditamos que a dificuldade em apontar a ironia seja motivada pela dificuldade de relacionar o discurso verbal e o discurso não-verbal.

Observe, agora, nos gráficos abaixo, a percepção da ironia sob ponto de vista dos participantes após a visualização de cada charge. Em azul, apresentamos a quantidade de pessoas que perceberam; em vermelho, a quantidade de pessoas que não perceberam.



Gráfico 2

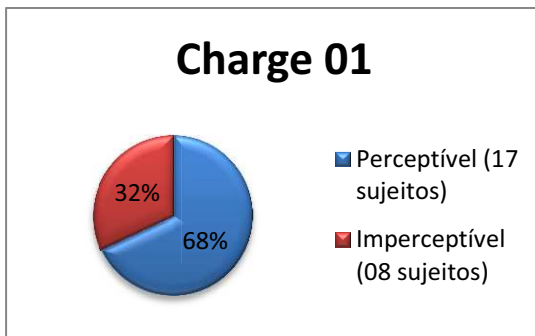


Gráfico 3

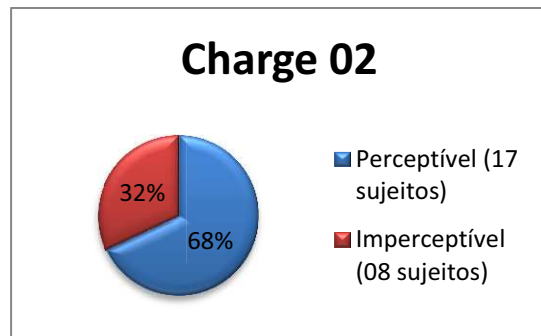


Gráfico 4

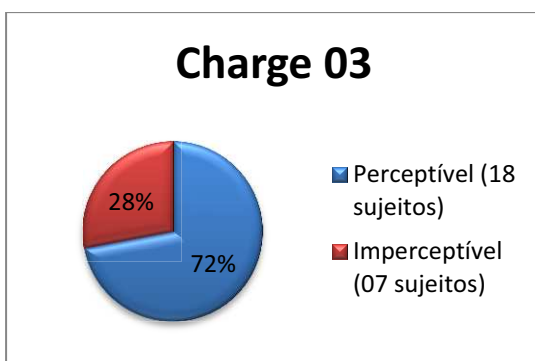


Gráfico 5

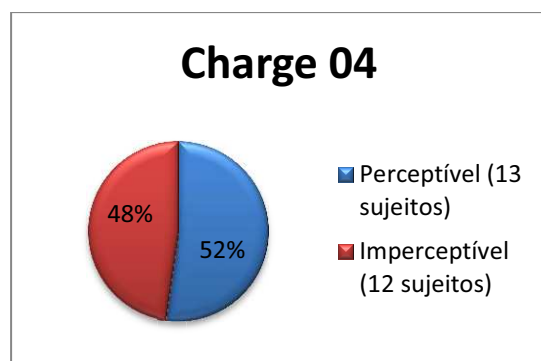


Gráfico 6

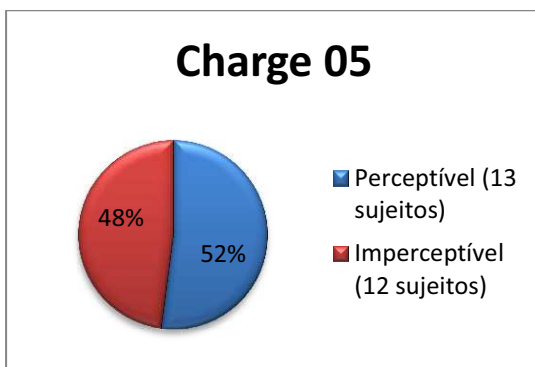
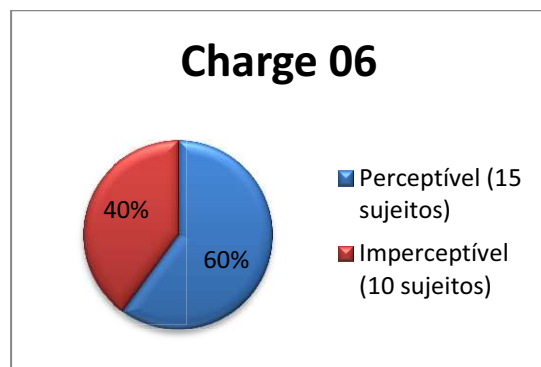


Gráfico 7



### 6.3 Análise da intertextualidade e da ironia nas charges

Para essa etapa optamos por transcrever algumas informações dos participantes e analisá-las, separando-as em três grupos de acordo com o tipo de charges, a saber: charge que não possui texto, representado pela charge 1; charge que possui pouco texto, representado pelas charges 2 e 3; charge que possui muito texto, representado pelas charges 4, 5 e 6.

Para analisar a intertextualidade, criamos três categorias nas quais enquadrámos os participantes com base nas respostas dadas por eles:

- ✓ Intertextualidade satisfatória, representada pela sigla ISA: essa categoria está embasada em respostas que comprovam a boa interpretação que os leitores fizeram, por meio da intertextualidade, estabelecendo uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem à charge e a abordagem do assunto dentro do texto;
- ✓ Intertextualidade insatisfatória, representada pela sigla IIN: essa categoria está embasada em respostas que evidenciam deduções feitas pelos leitores a partir da visualização das charges. Chamamos de dedução a informação que não se comprova somente com a leitura da charge.
- ✓ Intertextualidade negativa, representada pela sigla INE: essa categoria está embasada em respostas comprovadoras de que os leitores relacionaram as charges a fatos e conhecimentos que não participaram da construção do texto chárstico.

Em relação à ironia, criamos duas categorias para classificar os leitores. Essa classificação também foi feita com base nas respostas dos participantes acerca do(s) elemento(s) ou recurso(s) utilizado(s) para realizar o discurso irônico dentro do texto chárstico.

- ✓ Leitores que conseguem perceber e verbalizar a ironia na charge. São assim categorizados aqueles que responderam satisfatoriamente sobre a forma como o discurso irônico se manifesta dentro do texto. Ao fazermos referência a esse tipo de leitor, utilizamos a sigla LPVIC (leitor percebeu e verbalizou a ironia na charge).
- ✓ Leitores que não conseguem perceber ou verbalizar a ironia na charge. São assim categorizados aqueles que responderam insatisfatoriamente sobre a forma como o discurso irônico se manifesta dentro do texto ou deixaram de responder. Ao fazermos referência a esse tipo de leitor, utilizamos a sigla LNPVIC (leitor não percebeu ou não verbalizou a ironia na charge).

Para discutir os nossos objetivos específicos, transcrevemos algumas respostas dadas pelos participantes e comentamos as informações relacionando-as com a teoria e cruzando os achados com as nossas hipóteses para chegarmos às constatações.

### Grupo 1 - Charge sem texto verbal

Para fazer constatações a respeito dessa categoria, analisamos as respostas do questionário em relação à charge 1. Para a interpretação da referida charge, devemos considerar as seguintes características presentes no texto ou dialogando intertextualmente com ele:

Elementos que facilitam a interpretação na charge 1:

Verbal	Não-verbal	Referente	Intertextualidade	Ironia
Não existe	- Congresso nacional; - pizza; - panetone;	- crítica ao escândalo do mensalão; - impunidade em relação aos crimes cometidos por políticos.	- mensalão do DEM; - afirmação de que o dinheiro era para comprar panetone para distribuir aos pobres. - crença de que, em Brasília, há muitas práticas ilícitas no que se refere à política; - ditado popular: “tudo acabar em pizza”.	- símbolo da pizza, do panetone e do Congresso Nacional, num conjunto intertextual.

Vejamos, então, as informações de alguns participantes:

Respostas analisadas na interpretação da charge 1		
Intertextualidade	Ironia	Texto mais relevante
A “farrá do panetone” ocorrida em Brasília, escândalo em que um político afirmou usar um “dinheirinho” para o Panetone./O fato de tudo dar “em pizza” (em nada) em Brasília. (P1) <sup>20</sup>	Os entregadores de pizza e panetone e o Palácio do Planalto ao fundo. (P1)	Texto não-verbal
O escândalo político envolvendo o governador de Brasília, além de muitos outros corruptos. (P4)	Sentido implícito. (P4)	Texto não-verbal

<sup>20</sup> A letra refere-se a um dos participantes, e o número é a identificação específica acerca da pessoa que respondeu a essa questão.

O fato de tudo em Brasília “terminar em pizza”. (P5)	Porque tudo em Brasília termina em pizza. (P5)	Texto não-verbal
As recorrentes notícias sobre corrupção em Brasília. A ideia popular que relaciona imbróglio, confusão, corrupção a pizza. (P7)	Sem resposta (P7)	Texto não-verbal
As motos são urbanas e o trânsito corrido nos fala de transitoriedade, rapidez em que se tornou a vida moderna. (P11)	Rapidez do consumo, mas direção opostas. (P11)	Texto não-verbal
O fato de as CPIs sempre darem em “pizza”/ e o dinheiro que um político disse ter destinado a compra de panetones. (P16)	O desenho da pizza e do panetone. (P16)	Texto não-verbal
Não entendi essa charge. (P17)	Sem resposta (P17)	

Como nessa categoria o leitor deveria se valer apenas do texto não-verbal, houve pessoas que não conseguiram realizar uma interpretação condizente com o fato retratado, talvez por não saberem informações suficientes em relação ao assunto ou por não entenderem a função das imagens.

O texto chárstico nos revela uma intertextualidade de segundo nível, pois remete a um fato de natureza social. Esse fato é discutido na charge por intertextos explícitos, marcados pelas imagens do panetone e do Congresso Nacional e, ainda, reforçado por meio da imagem da pizza.

Nessa charge, a ironia acontece a partir da polifonia intertextual, com interpretação dos explícitos e dos implícitos, revelados através das diversas vozes do discurso. Para perceber a ironia, o leitor precisa associar os inúmeros discursos representados pelas imagens e perceber um certo tipo de deboche bem humorado.

Nessa interpretação, 15 leitores conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem à charge e a abordagem do assunto. Esses leitores reconheceram o valor semântico de pizza e panetone no contexto de Brasília. Enquadramos os referidos leitores no grupo ISA. Ressaltamos que, dentro desse grupo, 9 participantes foram capazes de associar as imagens ao discurso irônico, ou seja, esses são leitores chamados por nós de LPVIC. Enquadramos os outros 6 participantes no grupo LNPVIC, dentre os quais 2 não associaram corretamente, a exemplo do P4, que respondeu ver a ironia de forma implícita. Para nós, essa resposta demonstra que o leitor

não soube verbalizar o discurso irônico. Há ainda 4 participantes que não identificaram a ironia, a exemplo do P7 e do P17.

Uma resposta como a do P1 comprova que ele tanto compreendeu a mensagem quanto soube distinguir a função dos elementos não-verbais dentro do texto. Sem nenhum embaraço, também foi capaz de unir as informações intertextuais para compor um discurso irônico.

Um outro leitor, o P5, demonstrou que sua interpretação foi muito mais pelo seu conhecimento de mundo do que pelo conhecimento do fato, pois ele sequer mencionou a razão de haver um panetone no texto. Utilizando essa lógica, 4 participantes fizeram deduções não autorizadas pela charge, eles pertencem ao grupo IIN. Nenhum dos quatro conseguiu apresentar a manifestação da ironia na charge, portanto chamamo-los de LNPNVIC. Há ainda 3 sujeitos que não responderam satisfatoriamente, a exemplo do P11, que distanciou-se da temática do texto, e três que não responderam nada, como o P17; são, portanto, agrupados conforme as características, no grupo de leitores INE e, também, no grupo LNPNVIC.

Em relação à charge 1, constatamos que a linguagem não-verbal foi suficiente para a maior parte dos participantes realizarem relações intertextuais no ato da interpretação, mas foi insuficiente para que 16 participantes percebessem o discurso irônico. Antes de justificarem a presença da ironia, 17 participantes afirmaram que essa charge continha ironia; após a interpretação, apenas 9 sujeitos apontaram em que consiste essa ironia, o que nos permite afirmar que o discurso irônico é de difícil percepção quando se tem apenas imagem.

### **Grupo 2 - Charge com pouco texto verbal**

Dentro dessa categoria, analisamos as respostas do questionário em relação às charges 2 e 3.

Elementos que facilitam a interpretação na charge 2:

<b>Verbal</b>	<b>Não-verbal</b>	<b>Referente</b>	<b>Intertextualidade</b>	<b>Ironia</b>
- Lula 9 - USA	- caricatura do presidente Lula e do presidente Barack	- crítica ao impasse entre Brasil e EUA por	- programa nuclear de produção de urânio no	- posse da bola (representada

- Obama	Obama; - cores das bandeiras do Brasil e dos EUA no uniforme dos jogadores; - uniforme do futebol americano e do futebol de campo; - bola como símbolo do urânio; - expressão facial dos jogadores - domínio da bola pelo camisa 9.	consequência das relação amigáveis que Lula mantém com o presidente do Irã .	Irã; - punição do Irã pela ONU, por causa do urânio produzido no país; - discórdia entre os EUA e o país islâmico; - o presidente dos EUA está chateado com o presidente do Brasil por este estar apoiando o presidente do Irã.	pelo símbolo do urânio) nos pés do pequeno presidente brasileiro e não nos pés do presidente americano, como se haveria de esperar, já que os EUA são uma grande potência mundial.
---------	--	--	--	--

Vejam as informações de alguns participantes em relação a essa charge:

Respostas analisadas na interpretação da charge 2		
Intertextualidade	Ironia	Texto mais relevante
O acordo firmado entre o Brasil e Irã sobre a produção de urânio para energia nuclear, fato que desagradou muito o presidente dos EUA. (P1)	Lula com a bola radioativa. (P1)	Texto não-verbal
O Brasil é muito pequeno em relação ao poder, se comparado aos EUA. (P2)	Sem resposta (P2)	Texto não-verbal
O fato de conhecer a trajetória de ambos os presidentes: Lula (Brasil) e Barack Obama (EUA). (P4)	Sem resposta (P4)	Texto verbal
O caso da simpatia do Lula pelo Irã e sua ousadia em enfrentar o poderio dos EUA./ O jogador de futebol brasileiro é baixinho; o jogador de futebol americano é grandalhão. (P7)	Sem resposta (P7)	Texto não-verbal
Conhecimento da política e das relações entre Brasil e EUA./ Esportes praticados nos dois países e embate que se dá. (P11)	O chute do presidente é um risco nuclear. (P11)	Texto não-verbal
Através dos jornais e revistas sabemos da polêmica entre EUA e Brasil a respeito da questão nuclear (bola de futebol) do Irã. (P13)	O tamanho dos EUA em relação ao Brasil. (P13)	Texto não-verbal
O conhecimento da imagem do Lula,/ a roupa do Lula, a camisa dos EUA que o outro jogador usa. (P24)	Lula querendo fazer o gol. (P24)	Texto não-verbal

Nessa charge, o leitor deve atentar para o texto não-verbal e associar a ele as pistas do texto verbal somente para ter a certeza de que se trata do presidente Lula e do presidente Barack Obama. Nesse contexto, observamos que muitos respondentes não conseguiram realizar uma interpretação condizente com o fato retratado.

O texto chárgico nos revela uma intertextualidade de segundo e quinto níveis, pois remete a um assunto de natureza social e também usa tipos reconhecíveis de linguagem, representados pelas duas caricaturas e pelo símbolo do urânio para evocar três mundos sociais distintos: o de Lula, o de Barack Obama e o de Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã. Esses elementos representam intertextos explícitos. Os elementos implícitos são os fatos que desencadearam o desconfortável relacionamento político entre os presidentes do Brasil e dos EUA.

Nessa charge, a ironia pode ser identificada a partir das atitudes e dos procedimentos entre os dois presidentes, essa é a ironia das coisas, das situações, dos seres. Como atitude, está sendo construída em uma situação, com traços da personalidade e da individualidade de cada personagem. Esse tipo de ironia é situacional e também, a exemplo da primeira charge, encaminha o texto para o deboche bem humorado.

Nessa interpretação, 15 leitores conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem à charge e à abordagem do assunto. Eles reconheceram o valor semântico das imagens no contexto da política mundial. Esses leitores fazem parte do grupo ISA. Entretanto, dentro desse grupo, apenas 6 participantes foram capazes de associar as imagens ao discurso irônico, ou seja, esses são os leitores denominados LPVIC . Enquadramos os outros 9 participantes no grupo LNPVIC, dentre os quais 6 não associaram corretamente, a exemplo do P11, que afirmou “O chute do presidente é um risco nuclear”. Essa afirmação não justifica a ironia, e o recurso não é representada pela possível realização de um chute, mas sim pelo passe de bola que Lula detem, apesar da baixa estatura em relação ao gigante dos EUA. Temos ainda 3 sujeitos que não identificaram a ironia, a exemplo do P7.

Nesta charge, mais uma vez, o P1 demonstra que compreendeu a mensagem e soube distinguir a função dos elementos não-verbais dentro do texto. De acordo com os dados, ele foi capaz de unir as informações intertextuais para apontar em que consiste o discurso irônico.

O leitor chamado aqui de P2 demonstrou que sua interpretação foi muito mais pelo seu conhecimento de mundo do que pelo conhecimento do fato. Quando ele afirma que “O Brasil é muito pequeno em relação ao poder, se comparado aos EUA”, não está percebendo o foco da discussão, está deixando influenciar pelos conhecimentos políticos, econômicos e culturais dos dois países, isso nos fez enquadrá-lo no grupo IIN. Ele também não conseguiu verbalizar a ironia na charge, portanto chamamo-lo de LNPVIC.

Há 9 sujeitos que não responderam satisfatoriamente quais elementos intertextuais deram origem à charge, a exemplo do P24, que respondeu “O conhecimento da imagem do Lula/ a roupa do Lula, a camisa dos EUA que o outro jogador usa”. O que deu origem à charge foram fatos, e não coisas, por isso enquadramo-los no grupo de leitores INE. Eles também foram enquadrados no grupo LNPVIC, ou por não terem percebido o discurso irônico de forma implausível, ou por não terem respondido nada, como o P24 e o P7, respectivamente.

Em relação à charge 2, constatamos que a linguagem não-verbal, associada ao pouco texto verbal foi suficiente para que 15 participantes realizarem relações intertextuais no ato da interpretação, mas foi insuficiente para que 10 participantes conseguissem associar adequadamente os diálogos intertextuais presentes no discurso.

Em relação ao discurso irônico, antes de justificarem a presença da ironia, 17 participantes afirmaram que essa charge era irônica; após a interpretação, apenas 6 respondentes apontaram adequadamente em que consiste essa ironia, os outros 19 sujeitos responderam de forma inconsistente ou deixaram sem resposta. Isso nos permite afirmar que o discurso irônico é de difícil percepção quando se associa pouco texto verbal à imagem. Todavia vamos verificar se essa afirmação também reincide na interpretação da charge 3.

Elementos que facilitam a interpretação na charge 3:

<b>Verbal</b>	<b>Não-verbal</b>	<b>Referente</b>	<b>Intertextualidade</b>	<b>Ironia</b>
- salário mínimo	- caricatura do Lula; - roupa de Papai Noel	- crítica ao pequeno aumento no salário mínimo; - aumento do salário	- o salário mínimo representa muito pouco para o brasileiro; - o Papai Noel simboliza a época do Natal;	- tamanho do salário mínimo em relação aos outros presentes. - Um minúsculo



- presente pequeno - presentes grandes	anunciado no período natalino; - o trabalhador brasileiro que ganha apenas 1 salário mínimo fica sempre com a menor parte.	- o presidente Lula oferece o salário mínimo em forma de presente de Natal, como se ele fosse o Papai Noel; - os grandes presentes (grandes salários) não são para a população de baixa renda.	pacote nas mãos de Lula para ser entregue ao povo.
---	---	---	--

Eis as informações de alguns participantes:

Respostas analisadas na interpretação da charge 3		
Intertextualidade	Ironia	Texto mais relevante
O “grande” reajuste do salário mínimo que o “Papai Lula” anunciou aos brasileiros no dia 24 de dezembro. (P1)	Sem resposta (P1)	Texto verbal e não-verbal
O fato de saber que o salário mínimo, no Brasil, é insuficiente para manter uma vida digna e de que o reajuste do mesmo não foi satisfatório. (P4)	Sentido implícito. (P4)	Texto verbal e não-verbal
Fala sobre o aumento insignificante que foi dado ao salário mínimo e que foi tão alardeado pelo presidente da República. (P6)	O salário mínimo recebeu um aumento que não foi aumento. (P6)	Texto verbal e não-verbal
Crise econômica mundial/ e compras de fim de ano. (P9)	Sem resposta (P9)	Texto não-verbal
Papai Noel/ o saco de presentes e o presente que ele traz na época do Natal/ política nacional. (P10)	O salário mínimo do trabalhador. (P10)	Texto verbal e não-verbal
No Natal esperamos bons presentes,/ mas o aumento do salário não deu nem para a ceia. (P23)	O tamanho do presente “salário mínimo”. (P23)	Texto verbal e não-verbal
Desigualdade social brasileira. (P25)	O tamanho dos presentes (25)	Texto verbal e não-verbal

Analisar as respostas em relação à interpretação dessa charge nos permitiu fazer constatações muito peculiares. Não conseguimos precisar o que influenciou esse resultado, sobretudo porque somente 1 participante julgou essa charge difícil, os demais afirmaram que era fácil ou muito fácil.

Para a interpretação dessa charge, o leitor deve atentar para o texto verbal, pois este é um dos elementos importantes na elucidação de dúvidas em relação à proposta discursiva e em relação à voz irônica. Aqui observamos que muitos respondentes não direcionaram a interpretação para o referencial que deu origem à charge.

O texto chágico nos revela uma intertextualidade de segundo e quinto níveis, pois remete a um assunto de teor sócio-econômico, assim como utiliza um tipo reconhecível de linguagem, representado pela caricatura do presente Lula e por meio da suposição de que existe uma versão de Papai Noel, um dos símbolos imaginários do Natal. Nesse contexto, a charge apresenta-nos um intertexto explícito. Os elementos implícitos que suscitam a crítica dizem respeito ao valor do salário mínimo no Brasil, principalmente se for comparado com o valor do salário de um político.

Nessa charge, o tratamento da ironia como elemento participativo da composição textual encaminha o leitor a construir o sentido irônico do texto enquanto consideram-se elementos multimodais (compostos por gesto, cores, tamanhos, símbolos, caricatura) e interpretam-se o explícito e o implícito, revelados através das diversas vozes do discurso. A voz irônica achincalha e faz pilhéria com o valor do salário mínimo.

Nessa interpretação, 12 leitores conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem à charge e à abordagem do assunto. Eles interpretaram as imagens no contexto de política econômica nacional, veja o exemplo: “O ‘grande’ reajuste do salário mínimo que o “Papai Lula” anunciou aos brasileiros no dia 24 de dezembro (P1)”. Esses leitores pertencem ao grupo ISA. Ainda, dentro desse grupo, 7 participantes foram capazes de associar as imagens ao discurso irônico, ou seja, esses são os leitores denominados LPVIC, como, por exemplo, o P10, que percebeu a ironia no “salário mínimo do trabalhador”. Enquadramos os outros 5 participantes no grupo LNPVIC, dentre os quais 2 não associaram corretamente, a exemplo do P6, que apenas afirmou “o salário mínimo recebeu um aumento que não é aumento”; e 3 não identificaram a ironia, a exemplo do P1.

A resposta do P10 comprova que ele tanto compreendeu a mensagem quanto soube distinguir a função dos elementos não-verbais dentro do texto. Sem dificuldade, também foi capaz de unir as informações multimodais para compor um discurso irônico. No quadro de respostas em relação à charge 3 (pág. 96), podemos interpretar as

respostas do participante: ele cita os elementos que participam da construção ch\u00e1rgica ao passo que faz associa\u00e7\u00f5es a fatos pol\u00edticos. Sem dificuldade, apresenta a ironia dos fatos.

Nessa charge, 08 leitores demonstraram que sua interpreta\u00e7\u00e3o foi muito mais pelo seu conhecimento de mundo do que pelo conhecimento do fato, o que os enquadra no grupo IIN. Para exemplificar, citamos as respostas dadas pelo P4: “O fato de saber que o s\u00e1rio m\u00ednimo, no Brasil, \u00e9 insuficiente para manter uma vida digna e de que o reajuste do mesmo n\u00e3o foi satisfat\u00f3rio”. Fato curioso foi perceber que dentro dessa categoria, mesmo os leitores tendo feito interpreta\u00e7\u00f5es n\u00e3o autorizadas pelo texto, 5 deles conseguiram perceber a ironia do discurso, a exemplo disso temos a resposta do P23: “o tamanho do presente s\u00e1rio m\u00ednimo”, o que nos fez enquadr\u00e1-los na categoria LPVIC. 3 respondentes foram enquadrados na categoria LNPVIC, dos quais dois n\u00e3o deram resposta e 1 n\u00e3o respondeu adequadamente.

H\u00e1 5 sujeitos que n\u00e3o responderam satisfatoriamente quais elementos intertextuais deram origem \u00e0 charge, a exemplo do P9 e do P25, que citaram caracter\u00edsticas irrelevantes para esse contexto, por isso enquadramo-los no grupo de leitores INE. 2 deles s\u00e3o LPVIC, apesar de terem feito uma leitura errada, como, por exemplo, o P25. Os outros 3 s\u00e3o LNPVIC, por n\u00e3o terem respondido nada, a exemplo do P9.

Constatamos, em rela\u00e7\u00e3o \u00e0 charge 3, que, no ato da interpreta\u00e7\u00e3o, houve um n\u00famero muito grande de intertextos utilizado pelos leitores, isso fez com que 13 deles n\u00e3o conseguissem associar adequadamente os di\u00e1logos polif\u00f4nicos \u00e0 proposta do discurso.

Constatamos, tamb\u00e9m, que a linguagem verbal, associada ao texto n\u00e3o-verbal, foi fundamental para que se percebesse a ironia. Antes da an\u00e1lise, 18 participantes afirmaram que essa charge era ir\u00f4nica; ap\u00f3s a interpreta\u00e7\u00e3o, 14 participantes apontaram quais elementos suscitavam o discurso ir\u00f4nico. Isso nos permite afirmar que, diferentemente do que aconteceu na interpreta\u00e7\u00e3o da charge 2, a ironia pode ser reconhecida em um g\u00eanero como a charge, mesmo quando associada a pouco texto verbal, vai depender dos impl\u00edcitos que o elemento verbal evocam enquanto se relacionam textualmente com a imagem.

### Grupo 3 - Charge com muito texto verbal

Dentro dessa categoria, analisamos as respostas do questionário em relação às charges 4, 5 e 6.

Elementos que facilitam a interpretação na charge 4:

Verbal	Não-verbal	Referente	Intertextualidade	Ironia
- paratexto - texto 1: “E aí, que tal também ser meu Vice?” - texto 2: “Olha o dedinho!”	- caricatura do candidato José Serra; - caricatura do Vovô (personificado) - uniforme esportivo com as cores do time do Ceará	- crítica à dificuldade que o candidato José Serra estava encontrando para escolher um candidato a vice-presidente para compor sua chapa.	- à época, o time do Ceará era vice-líder do campeonato brasileiro de futebol; - Aécio Neves não quis ser vice na chapa de José Serra; - José Serra estava desesperado à procura de um vice para compor sua chapa.	- o gesto do vovô, que balança o dedo negativamente, após o convite do candidato a presidente.

Contemplemos, então, as informações de alguns participantes:

Respostas analisadas na interpretação da charge 4		
Intertextualidade	Ironia	Texto mais relevante
A dificuldade que José Serra está tendo para arranjar seu vice nas eleições para presidente. (P3)	Nem mesmo o “vovô” quer ser vice do Serra. (P3)	Texto verbal e não-verbal
Relação entre as eleições para presidente/ e o Ceará em segundo lugar no Brasileiro. (P5)	Eleições para presidente, Serra sem vice e Ceará como vice no Brasileiro. (P5)	Texto verbal e não-verbal
O Serra não se preocupa com quem será o seu vice. (P8)	Sem resposta (P8)	Texto verbal e não-verbal
O fato do time do Ceará ter sido vice-campeão e também o Ceará não ter conseguido ser indicado a candidato nestas eleições. (P12)	Até o Ceará recusa apoiar o Ciro (o dedinho negativo) (P12)	Texto verbal e não-verbal
Fracasso de Ciro nas eleições que nem o Ceará quis ser seu vice. (P13)	A cara dos personagens, o diálogo entre ambos e a negação. (P13)	Texto verbal e não-verbal
Mistura de política atual/ e campeonato de	Sem resposta (P18)	Texto verbal e não-verbal

futebol brasileiro. O símbolo do time cearense é um vovô (representa sabedoria). (P18)		
Um candidato a presidente/ e uma torcida. Quem sabe o Ceará simboliza o Ciro Gomes. Ninguém quer ser o vice de Serra. (P22)	Nem o Ciro quer o PSDB. (P22)	Texto verbal e não-verbal

Na charge 4, o leitor deve observar as informações do texto não-verbal e associar a elas as pistas do texto verbal. Somar as informações dos dois textos não basta, é preciso saber que se trata do time do Ceará e do candidato José Serra, pois, naquele momento, apenas esse candidato estava à procura de um vice.

Observamos que a maioria dos participantes conseguiu interpretar a charge relacionando os intertextos aos fatos que o texto propunha retratar. Contudo, alguns leitores confundiram os personagens caricaturados, o que ocasionou interpretações inverídicas.

Em relação à intertextualidade, a charge explora o segundo nível para abordar uma temática política de interesse para a sociedade, que, associado ao quinto nível, por meio de caricatura de tipos reconhecíveis, evoca mundos sociais distintos e cria um jogo linguístico envolvendo duas perspectivas (esportiva e política).

Os elementos implícitos apresentam a posição do time do Ceará no campeonato brasileiro e os acontecimentos políticos que levaram José Serra a procurar insistentemente por alguém para compor sua chapa.

Nessa charge, a ironia acontece a partir da atitude gestual de um dos personagens, é a ironia da reação. Como atitude, está sendo construída em uma situação, influenciada pela personalidade e pela individualidade de cada personagem. Esse tipo de ironia é situacional e, a exemplo da primeira e da segunda charge, encaminha o texto para o deboche bem humorado.

Na interpretação dessa charge, 18 leitores conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem ao texto. Eles reconheceram o valor semântico das imagens, que, associadas ao texto verbal, apresentam dois fatos de contextos diferentes dialogando polifonicamente. Esses leitores fazem parte do grupo

ISA. Todavia, dentro desse grupo, apenas 3 participantes foram capazes de associar as imagens ao discurso irônico, ou seja, dos 17 respondentes desse grupo, apenas 3 são LPVIC, a exemplo do P3, que afirma “nem mesmo o vovô quer ser vice do Serra”. Excepcionalmente, muitos leitores entenderam a charge, embora não tenho identificado a ironia explícita.

Categorizamos os outros 14 participantes do grupo ISA no grupo LNPVIC, porque 6 não entenderam o que corresponde ao discurso irônico, a exemplo do P5: “Eleições para presidente, Serra sem vice e Ceará como vice no Brasileiro”; e 8 não identificaram ou não verbalizaram a ironia, a exemplo do P18, que não se pronunciou.

Um caso especial refere-se aos participantes identificados como P12 e P13, veja as respostas no quadro. Eles apresentam dois fatos intertextuais: um que foi recorrente na construção da charge e outro que não faz sentido na construção do sentido do texto: os dois leitores reconhecerem Ciro Gomes na caricatura, entretanto o político não estava à procura de um vice, o que já negaria a possibilidade de ser ele o personagem caricaturado. Apesar de os leitores não terem compreendido o texto, conseguiram identificar o discurso irônico nesse contexto. De acordo com nossos critérios de análise, esses são exemplo de leitores INE, e, contraditoriamente, leitores LPVIC.

Somente 1sujeito, P8, interpretou os elementos intertextuais que deram origem à charge de acordo com seus conhecimentos de mundo: “O Serra não se preocupa com quem será o seu vice”. Para nós esse é um leitor IIN. Por não ter percebido a ironia, foi enquadrado também na categoria LNPVIC.

Com relação à interpretação e percepção irônica, ainda temos 5 leitores enquadrados no grupo INE e também no grupo LNPVIC, estes afirmaram não ter entendido o assunto discutido na charge.

Em relação à charge 4, constatamos que a linguagem verbal foi essencial para que muitos respondentes obtivessem êxito em suas interpretações. A associação dos dois textos forneceu pistas para que 17 participantes entendessem as relações dialógicas relevantes para o sentido do discurso.

O discurso irônico, aparentemente fácil de ser compreendido, tem-se apresentado como característica obscura para muitos leitores. Estes têm respondido pouco a respeito de tal discurso ou não têm respondido nada, o que nos causa a impressão de que há

incerteza ou insegurança ao afirmar no que de fato consiste a ironia. Percebê-la por meio de imagens, gestos e cores não é tarefa fácil, é preciso que o leitor compreenda a articulação dos elementos multimodais na efetivação da mensagem. Temos constatado que perceber a ironia em charge não é tão simples quanto se imagina. Dos 25 sujeitos, apenas 5 apontaram adequadamente em que consiste a ironia nesse texto; dos outros 20 sujeitos, 5 deixaram sem resposta e 15 responderam de forma inconsistente. Isso nos permite afirmar que perceber o discurso irônico independente da quantidade de texto verbal presente na charge e está relacionado muito mais às relações intertextuais que corroboram o texto.

#### Elementos que facilitam a interpretação na charge 5:

Verbal	Não-verbal	Referente	Intertextualidade	Ironia
- 3 falas pronunciadas através da TV; - 3 falas do personagem.	- TV transmitindo informação; - aposentado assistindo à TV.	- crítica ao pequeno reajuste salarial dos aposentados; - baixo valor da aposentadoria impossibilita a compra de medicamentos	- quebra da patente do Viagra; - prática de sexo no combate à hipertensão; - reajuste dos aposentados.	- associação da terceira notícia com a fala do personagem: “BROCHEI”

Vejamos uma amostra das respostas dadas por alguns participantes:

Respostas analisadas na interpretação da charge 5		
Intertextualidade	Ironia	Texto mais relevante
A economia influencia a vida dos aposentados, enquanto o Viagra cai de preço,/ a aposentadoria também cai. (P5)	A queda de preços e da aposentadoria. (P5)	Texto verbal
A excitação com as boas notícias na televisão levam à excitação sexual. A terceira notícia, financeira, causa disfunção e o fim da excitação sexual. (P7)	Sem resposta (P7)	Texto verbal
O governo está procurando reduzir ao máximo o dinheiro da aposentadoria, pois o Brasil está se tornando um país velho. (P8)	Sem resposta (P8)	Texto verbal
Os políticos iludem a população com pequenos benefícios (baratear remédio) e no final das contas não fazem nada para melhorar a vida do povo (nem um aumento digno). (P13)	A alegria do personagem que se transforma em tristeza. (P13)	Texto verbal

Notícias boas vêm acompanhadas de uma ruim. (P18)	Sem resposta (P18)	Texto verbal
As notícias que o velho vê na televisão são importantes. (P24)	O texto do primeiro e do terceiro quadrinho. (P24)	Texto verbal

Na charge 5, o elemento fundamental para que haja a compreensão é o texto verbal que, em conjunto com o texto não-verbal, apresentam o assunto de forma sequenciada.

Antes mesmo de fazermos as considerações em relação aos leitores, queremos ressaltar que muitos respondentes conseguiram interpretar a charge relacionando os intertextos aos fatos que o texto propunha expor e ao tópico que pretendia criticar, porém o elemento obscuro dessa charge diz respeito à percepção da ironia.

A charge explora o primeiro nível de intertextualidade para apresentar declarações de outros textos, os quais são usados para reforçar a crítica e estabelecer um discurso irônico, já que essa é uma temática bastante polêmica e envolve, ao mesmo tempo, política, economia e saúde pública.

O discurso irônico só se confirma com a divulgação da terceira notícia, associada à reação do aposentado, representada pela expressão “BROCHEI”. Portanto, o conteúdo, irônico está subjetivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciador, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário, sua sagacidade para o enunciado e suas sinalizações. Essa participação é que instaura a intersubjetividade, pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou culturais e socialmente comungados ou, ainda, constitutivos de um imaginário coletivo.

Na interpretação dessa charge, 16 leitores, como o P5, que responde “A economia influencia a vida dos aposentados, enquanto o Viagra cai de preço,/ a aposentadoria também cai.”, conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem ao texto. Eles associaram as imagens ao texto verbal, que, nessa relação dialógica, instaura um grande número de vozes. Esses leitores fazem parte do grupo ISA.

Dentre os participantes do grupo ISA, apenas 3 conseguiram associar as imagens ao discurso irônico; portanto os 3 são LPVIC, a exemplo do P24. Os outros 13 sujeitos são LNPVIC, dentre os quais 9 não justificaram em que consiste o discurso irônico e 4



justificaram de forma incorreta, como, por exemplo, o P5: “A queda de preços e da aposentadoria”.

Os participantes P10 e P14 não relacionaram nenhum fato para comprovar a compreensão do texto, tampouco perceberam o discurso irônico, por isso, categorizamo-los como leitores INE e LNPVIC. Ainda nessa categoria de leitores podemos incluir o P8 e o P18 que relacionaram os intertextos de forma incorreta e também não responderam em que consiste a ironia da charge.

Temos 5 sujeitos, como o P7 e o P13, que interpretaram os elementos intertextuais que deram origem à charge de acordo com seus conhecimentos de mundo. Esses são leitores IIN. Desses, 3 não perceberam a ironia, e foram classificados como LNPVIC, e 2 identificaram o elemento irônico, o que os enquadra na categoria LPVIC.

Em relação à charge 5, constatamos que a linguagem verbal foi essencial para que muitos respondentes obtivessem êxito em suas interpretações. A associação dos dois textos forneceu pistas para que 16 participantes entendessem as relações dialógicas relevantes para o sentido do discurso.

O discurso irônico, entretanto, com a presença dessa grande quantidade de texto verbal, tornou-se um elemento muito confuso para muitos dos participantes. Dos 25 sujeitos, apenas 5 apontaram adequadamente em que consiste a ironia nessa charge, ou seja, o que aconteceu em relação à charge 4 comprovou-se também na charge 5: muito texto verbal não garante que o leitor perceba a ironia com mais facilidade, todavia robustecem e garantem uma melhor interpretação dos discursos que contribuem para o entendimento do texto, pois, ao interpretar apenas as imagens, parece que os leitores procuram algo que comprove suas deduções, e essa comprovação é mostrada por meio da palavra. Esta é a confirmação daquilo que a imagem apresenta e representa para o leitor.

Elementos presentes na charge 6:

Verbal	Não-verbal	Referente	Intertextualidade	Ironia
<p>- o paratexto “Corrupção”</p> <p>- o paratexto extraído do poema de Carlos Drummond de Andrade;</p> <p>- o diálogo entre os personagens.</p>	<p>- caminho com as características e cores da bandeira brasileira;</p> <p>- uma pedra com sentido figurado;</p> <p>- dois homens minúsculos;</p> <p>- uma marreta minúscula.</p>	<p>- crítica à corrupção política no Brasil;</p> <p>- crítica à impunidade dos crimes cometidos por políticos.</p>	<p>- o trecho do poema sugere uma visão intersubjetiva sobre a corrupção;</p> <p>- a pedra instiga os leitores a refletir sobre as atitudes de muitos políticos brasileiros;</p> <p>- crença de que, no Brasil, não é fácil aniquilar a corrupção.</p>	<p>- o tamanho da pedra em relação ao tamanho das pessoas e da marreta que supostamente seria utilizada para destruí-la.</p>

Vejamos agora algumas respostas de participantes:

Respostas analisadas na interpretação da charge 6		
Intertextualidade	Ironia	Texto mais relevante
Os grandes escândalos ocorridos no Brasil que envolvem os políticos. (P1)	A “pequena” pedra de corrupção no caminho dos brasileiros. (P1)	Texto verbal
A corrupção é a grande causadora de todo o mal existente no Brasil. (P2)	Sem resposta (P2)	Texto verbal
Faz uma analogia ao poema de Drummond, sobre a pedra no meio do caminho, que no caso da política brasileira é a corrupção, mas não se trata de uma pedrinha qualquer, é quase uma montanha. (P6)	Sem resposta (P6)	Texto verbal
A demagogia dos políticos diante da corrupção e a sua falta de preparo. (P7)	Sem resposta (P7)	Texto verbal
Os escândalos em Brasília devido aos desvios de verbas durante esse primeiro semestre de 2010 noticiado em todos os jornais do país. (P12)	As pessoas e a marreta pequenas, e a pedra grande. (P12)	Texto verbal
O fato de o Brasil ser um dos países mais corruptos do mundo. (P19)	Sem resposta (P19)	Texto verbal
O Brasil é um país de políticos corruptos. (P23)	O tamanho das imagens, (desproporcionais). (P23)	Texto verbal

Para interpretar a charge 6, o leitor deve observar as informações do texto verbal e associá-las ao texto não-verbal para estabelecer uma relação lógica entre a proposta do tema e a reflexão que o leitor é convidado a fazer. Não basta reunir as informações dos dois textos, é necessário estabelecer um diálogo intersubjetivo e intertextual entre o trecho do poema, o conceito de corrupção no Brasil e as ações que propõem findar essa prática em nosso país.

Semelhante ao que aconteceu em relação à interpretação da charge 4 e 5, muitos participantes conseguiram relacionar os intertextos e compreender a proposta chárstica. Em relação à percepção da ironia, voltamos a constatar que esse é um elemento indefinível para a maioria dos sujeitos.

A charge explora o quinto nível de intertextualidade por meio de um tipo reconhecível de linguagem e gênero (o trecho de um poema de Carlos Drummond de Andrade) para abordar a polêmica realidade que compromete o conceito de política no Brasil. O sexto nível de intertextualidade também está presente nessa charge, para revelar o alcance textual (explorado por meio do poema) distanciado no tempo, no espaço e na cultura.

A referida charge expõe a ironia a partir da relação estabelecida entre o tamanho da pedra, o tamanho das pessoas e o tamanho da marreta. As imagens, associadas à fala dos personagens, evidenciam um conjunto de discursos que desnuda determinados aspectos culturais, muitas vezes encobertos por discursos sérios. Além disso, a ironia polifônica mostrada na charge consegue reunir, num conjunto coerente, o posicionamento irônico e a intertextualidade por meio de fatos e vozes que formam um complexo interdiscurso.

Na interpretação dessa charge, 17 leitores conseguiram estabelecer uma relação coerente com fatos/conhecimentos que deram origem ao texto. Eles foram capazes de associar a representação semântica das imagens ao texto verbal e construir o sentido do discurso, a exemplo do P6: “Faz uma analogia ao poema de Drummond, sobre a pedra no meio do caminho, que no caso da política brasileira é a corrupção, mas não se trata de uma pedrinha qualquer, é quase uma montanha”. Esses leitores formam o grupo ISA.

Como a ironia continua sendo o elemento com maior dificuldade de percepção em todas as charges analisadas, dentre os 17 leitores classificados como ISA, apenas 2

foram capazes de associar as imagens ao discurso irônico, ou seja, nesse considerável universo, apenas 2 são LPVIC. Para exemplificar, citamos a resposta do P23: “O tamanho das imagens, (desproporcionais)”.

Categorizamos os outros 15 participantes do grupo ISA no grupo LNPVIC, já que 7 não responderam satisfatoriamente sobre quais elementos textuais correspondem ao discurso irônico, a exemplo do P1: “A ‘pequena’ pedra de corrupção no caminho dos brasileiros”, e 8 participantes deixaram a questão sem resposta, como, por exemplo, o P6.

Somente 2 sujeitos, P2: “A corrupção é a grande causadora de todo o mal existente no Brasil” e P19: “O fato de o Brasil ser um dos países mais corruptos do mundo”, interpretaram os elementos intertextuais que deram origem à charge de acordo com seu conhecimento de mundo, fato que nos fez considerá-los leitores IIN. Ambos não perceberam a ironia, por isso também pertencem à categoria LNPVIC.

Com relação aos leitores que não associaram corretamente os intertextos à proposta chágica, temos 6 participantes inclusos no grupo INE, a exemplo do P7, que afirmou existir “demagogia dos políticos diante da corrupção e a sua falta de preparo”, ou seja, os intertextos não lhe foram suficientes para compreender a proposta da charge.

A respeito da percepção irônica dos leitores do grupo INE, verificamos que estes apresentaram características diversificadas: 1 leitor, P12, conseguiu identificar o discurso irônico, ou seja, mesmo sem compreender o texto, é leitor do tipo LPVIC, observe sua resposta: tema: “Os escândalos em Brasília devido aos desvios de verbas durante esse primeiro semestre de 2010 noticiado em todos os jornais do país”; ironia: “As pessoas e a marreta pequenas, e a pedra grande”; 3 leitores, como o P24, responderam de forma insatisfatória (LNPVIC) e os outros 2, P7 e P9, não responderam (LNPVIC).

Em relação a essa charge, percebemos que a linguagem verbal foi essencial para o êxito de muitas interpretações. Ao associar o textos verbal ao texto não-verbal, 17 participantes construíram relações dialógicas relevantes para dar sentido ao discurso.

Com a finalização dessa última análise, pudemos, mais uma vez, constatar que o discurso irônico é o elemento mais destoante para a maior parte dos sujeitos, pois não é fácil para o leitor interpretar o texto e percebê-lo como um conjunto de cores, formas e

sons que, de alguma forma, servem para retratar e criticar acontecimentos verídicos. Essa constatação reincidiu nas interpretações de todos os grupos chárgicos.

O que podemos concluir, em relação a essa charge, é que a presença de muito texto verbal não garantiu que o leitor percebesse a ironia com facilidade, apenas assegurou mais entendimento em relação ao assunto abordado pelo chargista.

Considerando toda a pesquisa, chegamos à conclusão de que os leitores participaram desse processo comunicativo à medida que refletiam sobre os fatos das charges que geraram a comunicação, e utilizaram seu conhecimento prévio para a interpretação de cada uma. Com isso, os leitores foram capazes de fazer a leitura de forma crítica, pois eles não se mantiveram passivos diante dos textos que lhes foram oferecidos.

Percebemos que, em muitas interpretações, os leitores reconheceram a intencionalidade do discurso implícito e conseguiram fazer uma reflexão sobre acontecimentos que, de fato, fizeram ou ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Constatamos que a intertextualidade foi relevante para dar sentido à maioria das interpretações dos leitores, que se utilizaram do elemento verbal e/ou não-verbal, além do conhecimento prévio sobre o assunto para compreender a mensagem.

Comprovamos ainda, que os leitores não se utilizaram adequadamente desses mesmos recursos para compreender o discurso irônico do texto, por isso essa categoria merece atenção especial, pois esse foi o elemento problemático da análise. Foram poucos os participantes que conseguiram perceber e verbalizar a presença da ironia, embora esse recurso seja importante na medida em que revela peculiaridades de determinados acontecimentos.

Como o discurso irônico não foi fácil de se perceber pela maioria dos leitores da amostra, isso nos preocupou, pois para que esses leitores aproveitassem todas as pistas textuais para interpretar o texto, precisariam apropriar-se de todos os recursos disponíveis para o estabelecimento da comunicação. Nessa amostra, pareceu-nos que os leitores se prenderam muito às pistas textuais para conseguirem algumas respostas, desconsiderando, em alguns momentos, a importância do não-verbal para a compreensão do obscuro e do elemento irônico que, em todos os casos, fortaleceu a crítica e instigou o leitor a ver o não dito.

Como a compreensão de um texto não está só na decodificação da palavra, compreendemos que nossos leitores precisam desmistificar as inúmeras formas de representação da mensagem. Para compreender toda a intertextualidade e a ironia de um gênero multimodal, como é o caso da charge, precisamos refletir mais sobre o que está além do dito, precisamos considerar a intenção dos gestos, das expressões, das cores, dos tamanhos, dos formatos e, sobretudo, a temática textual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A charge, à primeira vista, pode causar a impressão de que este é um texto cômico e de fácil compreensão, criado apenas para divertir o leitor a partir de fatos reais. Na verdade, esse é um gênero que possui uma difícil tarefa: dizer muito em um espaço delimitado, fazendo uso de criatividade e criticidade, numa leitura bem humorada de fatos que interessam à sociedade na qual acontecem. Por ser um gênero opinativo, sua maior função é esboçar crítica num tom irônico e jocoso.

Os temas retratados na charge, na maioria das vezes, remetem diretamente a personagens e eventos políticos; contudo, também retratam alguns acontecimentos de outra natureza ou reúnem dois categorias em uma único texto, como, por exemplo, esporte e política, violência e esporte.

Para compreender uma charge, o leitor precisa ser bem informado a respeito de assuntos da atualidade, caso contrário, corre o risco de fazer deduções não autorizadas pelo texto. Também deve ser atento e cuidadoso ao analisar os elementos que provocam ironia, pois, como esse é um texto que condensa muitas informações de formas diversas, nem sempre essa é uma categoria de fácil percepção.

O chargista sempre expõe seu ponto de vista ou o ponto de vista de um jornal a respeito do assunto a ser retratado e convida o leitor a participar desse discurso dialógico em que várias vozes vão se pronunciar, portanto, é um gênero interativo e inacabado. Cabe ao leitor construir sentidos, a partir dos elementos verbais e imagéticos, e se posicionar diante deles no momento da interação.

Com a proposta de verificar se os leitores compreendem os intertextos que dão sentido ao texto chárigo, se percebem a ironia presente no gênero e, ainda, se são influenciados mais pelo texto verbal do que pelo texto não-verbal, fizemos um estudo a partir de respostas dadas por 25 estudantes universitários do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. As constatações às quais chegamos são expostas nos próximos parágrafos.

Em relação à proficiência leitora em charge, constatamos que os participantes muitas vezes conseguem compreender a proposta discursiva do referido gênero. No

tocante à ironia, pudemos perceber que os leitores, em geral, têm muita dificuldade para identificar a ironia, comum ao gênero.

Em relação ao discurso irônico, temos algumas considerações a fazer. Aparentemente fácil de ser compreendida, a ironia tem-se apresentado como característica obscura para muitos leitores. Isso nos permite afirmar que perceber a ironia em charge não é tão simples quanto se imagina. Uma de nossas hipóteses (de que a ironia é percebida muito mais pelo texto verbal do que por imagens) foi negada, pois, ao analisar as respostas dos três grupos chárgicos, comprovamos que a identificação do discurso irônico independe da quantidade de texto verbal, e está relacionado muito mais às relações intertextuais que corroboram o texto. Outra comprovação foi de que os leitores têm dificuldade para relacionar o discurso verbal e o discurso não-verbal para extrair o recurso irônico, todavia também é de difícil percepção quando apresentada unicamente em charges com texto não-verbal. Constatamos que o que facilita o reconhecimento do discurso irônico na charge são os implícitos que o texto evoca, seja por meio do elemento verbal ou por meio do elemento imagético.

Em relação à intertextualidade como elemento que fortalece a interpretação, constatamos que a charge composta apenas por linguagem não-verbal muitas vezes é insuficiente para que o leitor compreenda seu discurso. Também comprovamos que a linguagem não-verbal, associada a pouco texto, é suficiente para que muitos leitores compreendam a mensagem do texto.

Em relação às charges com muito texto verbal, percebemos que a linguagem verbal é essencial para que os leitores realizem com êxito suas interpretações. A associação dos dois textos forneceu pistas para que os participantes entendessem as relações dialógicas relevantes para o sentido do discurso.

Em relação à hipótese de que as charges são compreendidas mais facilmente quando possuem texto verbal, afirmamos que essa pressuposição se confirmou, visto que muitos leitores de apoiaram nas pistas do elemento verbal para compreender o contexto das charges.

Em se tratando da hipótese de que os intertextos, associados ao elemento irônico são a condição para que se consiga interpretar adequadamente as charges, isso nos foi



negado, pois os leitores conseguem identificar relações intertextuais e compreender a charge, mesmo sem compreender a ironia.

Uma última hipótese, a de que os leitores usam mais o conhecimento de mundo do que outros tipos de conhecimentos para compreender as charges, também não se confirmou, pois muitas respostas dadas pelos participantes comprovam o uso de conhecimento interacional.

Com a finalização dessa pesquisa, pudemos garantir que o discurso irônico foi o elemento mais confuso para a maior parte dos sujeitos, essa constatação reincidiu nas interpretações de todos os grupos chárgicos; apesar disso, as respostas comprovam que a charge pode ser interpretada satisfatoriamente sem a compreensão do elemento irônico.

Sugerimos, para pesquisas futuras, um estudo sobre as várias formas de manifestação da ironia, inclusive em gêneros multimodais, para que se possa estudar sua representatividade além do texto verbal. Seria importante também estudar o aspecto cognitivo dessa categoria de análise.

No que diz respeito à intertextualidade, poder-se-ia explorar mais a fundo as várias técnicas de manifestações de intertextualidade, considerando-se gêneros diversos.

Ainda no tocante ao que pode ser explorado a partir do gênero charge, sugerimos aprofundar o estudo sobre a multimodalidade, vista aqui de forma resumida, aspectos pragmáticos baseados no não dito, aspectos da leitura no que diz respeito a explícitos, pressupostos e subentendidos entre outros.

Encerramos a pesquisa com a conclusão de que, em se tratando de leitura, nenhuma visão contempla o todo, há sempre algo mais para se ler nas entrelinhas.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARAGÃO, V. P. S. de. **O não dito construído pelo viés do humor nas charges**. 202p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. (Trad.) Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. (Trad.) Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Trad.) Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucutec, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. (Trad.) Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. (Trad.) Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Problemas na poética de Dostoiévski**. (Trad.) Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.
- BARROS, Adriana S. **As não coincidências do dizer: análise metadiscursiva da configuração textual charge**. 133p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, 2006.
- BARROS, Anny Q. de S. **A intertextualidade e a polifonia no gênero charge**. 117p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- BARROS, D. P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In BARROS, D. P. de. e FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.
- BARSA, Enciclopédia. Encyclopaedia Britannica Editores Ltda.: Rio de Janeiro-São Paulo, 1981.
- BATISTA, A. D. **Os implícitos nas histórias em quadrinhos**. 87p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. (org.) Dionisio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Escrita, gênero e interação social**. (org.) Dionisio, A. P.; Hoffnagel, J. C.

(Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** (Org.) Dionísio, A. P.; Hoffnagel, J. C. (Trad.) Hoffnagel, J. C. São Paulo: Cortez, 2009.

BERRENDONNER, A. **Elementos de pragmática linguística.** Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1987.

BEZERRA, P. Polifonia. In BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2008.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica.** Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo.** (Trad.) Machado, A. R; Cunha, P. São Paulo: EDUC, 1999.

CADORE, L. A. **Curso prático de português.** Programa completo. 2º grau. São Paulo: Ática, 1996.

CAGNIN, A. L. **Os quadrinhos.** São Paulo: Ática, 1975

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge.** 101p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CERVO, A. L. **Metodologia científica.** São Paulo: Makron Books, 1996.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: Galves, C. et al (Org.). **O texto: leitura e escrita.** Campinas: Pontes, 1988.

COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender.** (Trad.) Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** (Trad.) Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: Karwoski, A. M.; Gaydeczka, B.; Brito, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Lucerna: Rio de Janeiro, 2006.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola.** (Trad. e Org.) Rojo, R. H. R.; Cordeiro, G. S. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUARTE, L. P. Ironia, humor e fingimento literário. **Cadernos de Pesquisa do NAPq.**

Belo Horizonte: FALE/UFMG, n. 15, p. 54-78, 1994.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística (dizer e não dizer)**. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ESTEVES, J. M. **Ironia e argumentação**. Covilhã: LabCom, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FÁVERO, L. L. Paródia e dialogismo. In BARROS, D. P. de. e FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.

FIORIN, J. L. Polifonia Textual e Discursiva. In BARROS, D. P. de. e FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FRANCO, K. R. **O princípio da cooperação na construção do humor em charges**. Disponível em : <http://www.filologia.org.br/xcnlf/4/12.htm>. Acesso em 24/10/2009.

FONSECA, J. da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Editora Artes e Ofício, 1999.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2003.

GRICE, P. H. Lógica e conversação. (Trad.) João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, **Fundamentos Metodológicos da Linguística (vol IV): Pragmática - Problemas, Críticas, Perspectivas da Linguística**. Campinas: UNICAMP, 1982.

HANNABUSS, Stuart. **Inspiration or infringement: parody and the law**. Robert Gordon University, Aberdeen, UK: Library Review, vol.S1. Number 2, 2002, p.79-89. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/0024-2535.htm>. Acesso em: 01 de março de 2010.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

JEWITT, C.; KRESS, G. R. **Multimodal Literacie**. New York: Peter Lang, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'ironie comme trope. **Poétique**. Paris: Seuil, n. 41, p. 108-127, 1980.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

KLEIMAN, A. B. **Leitura: Ensino e pesquisa**. São Paulo: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1999.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **D.E.L.T.A.**, vol. 15, especial, p. 165-180, 1999.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo, Contexto, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LANDOWSKI, E. Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges. **Face**. São Paulo, v.4 n° 2, jul/dez, 1995.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. (Trad.) Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA, H. **História da caricatura no Brasil**. 1c volume. Rio de Janeiro: José Olympo, 1963.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. (Trad.) Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

\_\_\_\_\_. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOISÉS, M. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MUECKE, D.C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NEIS, I. A. Por uma Gramática Textual. **Letras de Hoje** – Revista da PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, nº 44, p. 35-52, 1981.

NERY, L. Charge: cartilha do mundo imediato. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, RJ, vol. 7, (2001). Disponível em [http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/7Sem\\_10.html](http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/7Sem_10.html). Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

NEVES, M. A. G. das. **Aspectos cognitivos na construção da ironia**. Rio de Janeiro, 194 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.

PAGLIOSA, E. L. B. **Humor**: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PESCUMA, D. e CASTILHO, A. P. F. de. **Projeto de pesquisa** – O que é? Como fazer?: um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d'água, 2008.

PINA, P. K. C. Uma caça ao leitor. **Especiaria** – Revista da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA. Ano V, nº 9/10, p. 57- 67, jan/ dez. 2002.

PIRANDELLO, L. **O Humorismo**. (Trad.) Dion Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1996.

POSSENTI, S. Pelo humor na Linguística. **D.E.L.T.A.**, Vol. 7, nº 2, p. 491- 519, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os humores da língua**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, P. E. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. 431p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROCHA, V.S. R. da. **A construção do sentido em tiras**. 88p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

RUPRECHT, H-G. **Intertextualité. Texte**. Paris: Les Editions Trintexte, 1984.

SEGOLIN, F. **Personagem e anti-personagem**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.

SOUZA, H. V. A. de. **A charge virtual e a construção de identidades**. 127p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

TEIXEIRA, L. G. S. **O traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de

1860 a 1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sentidos do humor, trapaças da razão:** a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. **D.E.L.T.A.**, Vol. 6, nº 1, p. 55 -82, 1990.

VAL, M. da G. C. **Redação e textualidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VASCONCELOS, V. A. de F. **A Polifonia nas charges de Oldack Esteves:** Carnavalização, transtextualidade, transgressão. 194p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

AVANÚZIA MATIAS (MESTRANDA EM LINGUÍSTICA – UFC)

1. Preencha:

Nome: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Faculdade: \_\_\_\_\_ Semestre: \_\_\_\_\_

2. Na sua opinião, o gênero charge é de?

fácil acesso                       difícil acesso

3. Você costuma ler charges, com que frequência?

leio muitas vezes                       leio raramente

4. Onde você costuma ler charges?

no jornal impresso                       na Internet                       no jornal impresso e na Internet

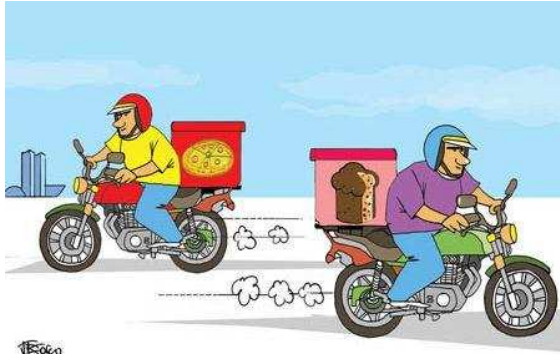
5. Em relação à leitura da charge, você se considera?

um leitor proficiente                       um leitor **não** proficiente



ANEXO 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



Jornal O Liberal – 03/12/2009 – Charge 1



Jornal O Povo – 24/05/2010 – Charge 2



Jornal O Povo – 24/12/2009 – Charge 3



Jornal O Povo – 02/06/2010 – Charge 4



Jornal O Tempo (MG) – 03/05/2010 – Charge 5

"NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA  
TINHA UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



www.cambio.com.br

Acesso em 01/05/2010 – Charge 6

1. Na sua opinião, o que facilita a compreensão de toda e qualquer charge?

o texto verbal       o texto não verbal

Posicione-se em relação à resposta que você assinalou.

---

2. Assinale o que foi mais relevante para que você compreendesse o tom jocoso nas charges.

texto verbal       texto não-verbal       texto verbal e texto não-verbal

Justifique sua resposta.

---

---

3. Além da leitura dos textos e das imagens de cada charge, você deve ter se utilizado de outros conhecimentos ou lembrado de fatos (intertextualidade) que o ajudaram a construir o sentido das charges. Explícite no quadro abaixo alguns conhecimentos ou fatos que foram decisivos para que você compreendesse cada uma das charges.

CHARGES	OUTROS CONHECIMENTOS OU FATOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A COMPREENSÃO DAS CHARGES
CHARGE 1	
CHARGE 2	
CHARGE 3	
CHARGE 4	
CHARGE 5	
CHARGE 6	

4. Você concebe haver diferença entre HUMOR – IRONIA – SÁTIRA?

SIM       NÃO

Justifique sua resposta.

---

5. Considerando sua resposta ao item 4, como você classifica o gênero textual charge: humorístico, irônico ou satírico?

---

6. Na sua opinião, as charges trazem ocorrência de **ironia**:

sempre       quase sempre       raramente

7. Em quais das charges apresentadas você percebeu a ocorrência de ironia:

charge 1     charge 2     charge 3     charge 4     charge 5     charge 6

Justifique, nas charges que você assinalou, quais elementos ou recursos apresentam discurso irônico.

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

4 \_\_\_\_\_

5 \_\_\_\_\_

6 \_\_\_\_\_

8. Dentre as charges de tom irônico, diga, na linha superior, quais **elementos** (dentro do texto) e, na linha inferior, quais **conhecimentos** (fora do texto) você utilizou para visualizar esse tom irônico.

CHARGES	PERCEPÇÃO DA IRONIA
CHARGE 1	_____
	_____
CHARGE 2	_____
	_____
CHARGE 3	_____
	_____
CHARGE 4	_____
	_____
CHARGE 5	_____
	_____
CHARGE 6	_____
	_____

9. Considere as seis charges exploradas nesta atividade, analise o grau de dificuldade de compreensão que você teve em cada uma delas e numere-as usando o código abaixo:

**ATENÇÃO:** cada número pode ser repetido quantas vezes for necessário. Por exemplo, se você achou todas as charges fáceis, preencha todos os quadros com o número 2.

(1) muito fácil    (2) fácil    (3) difícil    (4) muito difícil

charge 1     charge 2     charge 3     charge 4     charge 5     charge 6

TABELA PARA ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE E DA IRONIA UTILIZADA PELOS SUJEITOS NA INTERPRETAÇÃO DAS CHARGES

PARTICIPANTE	INTERTEXTUALIDADE E IRONIA UTILIZADAS NA INTERPRETAÇÃO DAS CHARGES					
	CHARGE 01	CHARGE 02	CHARGE 03	CHARGE 04	CHARGE 05	CHARGE 06
01 INTERTEXTUALIDADE	A “farra do panetone” ocorrida em Brasília, escândalo em que um político afirmou usar um “dinheirinho” para o Panetone./O fato de tudo dar “em pizza” (em nada) em Brasília.	O acordo firmado entre o Brasil e Irã sobre a produção de urânio para energia nuclear, fato que desagradou muito o presidente dos EUA.	O “grande” reajuste do salário mínimo que o “Papai Lula” anunciou aos brasileiros no dia 24 de dezembro.	A posição do time do Ceará na série A do campeonato Brasileiro/ e a aproximação das eleições para presidente.	A quebra da patente do fabricante do estimulante sexual e o anúncio que ficaria mais barato por conta dos genéricos concorrentes./ O reajuste na aposentadoria.	Os grandes escândalos ocorridos no Brasil que envolvem os políticos.
IRONIA	Os entregadores de pizza e panetone e o Palácio do Planalto ao fundo.	Lula com a bola radioativa.				A “pequena” pedra de corrupção no caminho dos brasileiros.
02 INTERTEXTUALIDADE	Todas as irregularidades que acontecem em Brasília em relação à política terminam em pizza, ou seja, não dá em nada.	O Brasil é muito pequeno em relação ao poder, se comparado aos EUA.	Diante de todo o dinheiro que o Brasil possui, o salário mínimo é realmente mínimo.	Com a popularidade do Ceará, agora na vice liderança, Serra o convida para ser seu vice, mas ele recusa talvez por não confiar no Serra.	Muitas notícias boas e uma notícia ruim para um aposentado: o reajuste de salário de apenas 7%, um absurdo.	A corrupção é a grande causadora de todo o mal existente no Brasil.
IRONIA	Tudo termina em pizza em Brasília					
03 INTERTEXTUALIDADE	Ato de corrupção na política, cometido pelo governador de Brasília.	A dificuldade imposta pelos EUA no que tange às relações comerciais bilaterais.	O anúncio do salário mínimo feito pelo presidente Lula,/ que ocorre sempre no fim do ano.	A dificuldade que José Serra está tendo para arranjar seu vice nas eleições para presidente.	O reajuste do salário dos aposentados é sempre um assunto polêmico nos meios de comunicação	O problema da corrupção no Brasil é uma grande pedra indestrutível.
IRONIA	As imagens	A grandeza dos EUA perante o Brasil.	O presente do povo (salário mínimo) é o menor de todos.	Nem mesmo o “vovô” quer ser vice do Serra.		A grande pedra que simboliza o grande problema do Brasil.
04 INTERTEXTUALIDADE	O escândalo político envolvendo o governador de Brasília, além de muitos outros corruptos.	O fato de conhecer a trajetória de ambos os presidentes: Lula (Brasil) e Barack Obama (EUA).	O fato de saber que o salário mínimo, no Brasil, é insuficiente para manter uma vida digna e de que o reajuste do mesmo não foi	O fato de conhecer a trajetória do candidato à presidência da república: José Serra,/ e do time de futebol cearense.	O fato de conhecer o discurso pronunciado pelo ministro da saúde/ e também dos reajustes salariais prometidos,	O fato de ter consciência de que a corrupção no Brasil é demasiadamente grande e, por isso, muito difícil de ser extirpada.

IRONIA	Sentido implícito									
05	O fato de tudo em Brasília "terminar em pizza".	O Brasil tem representado menos e na sombra dos EUA, como uma alusão que onde os EUA está o Brasil quer estar.	Sentido implícito. Enquanto o preço de tudo sobe, o salário continua o mesmo, em relação aos preços, ele parece diminuir.	Relação entre as eleições para presidente/ e o Ceará em segundo lugar no Brasileiro.	porém não cumprido.	A economia influencia a vida dos aposentados, enquanto o Viagra cai de preço,/ a aposentadoria também cai.	A corrupção é um escândalo, não é uma coisa fácil de combater.			
IRONIA	Porque tudo em Brasília termina em pizza.	O Brasil sempre fica na sombra dos EUA.	Tudo sobe, menos o salário.	Eleições para presidente, Serra sem vice e Ceará como vice no Brasileiro.	A queda de preços e da aposentadoria.	A comparação entre pedra no caminho e corrupção.				
06	Satiriza a corrupção em Brasília, com entrega de pizzas e bolos para todos os lados.	O confronto entre Brasil e EUA na Copa das Confederações mostra a diferença de poder entre os Países.	Fala sobre o aumento insignificante que foi dado ao salário mínimo e que foi tão alardeado pelo presidente da República.	Como o candidato à presidência, José Serra, ainda não tem vice, convida/ o time do Ceará "vovô", que é vice no Brasileiro, mas é uma alusão a Tasso Jereissati.	Fala das novidades para as pessoas da terceira idade: o Viagra ficou mais barato./ o ministro recomendou fazer sexo./ mas o grande foi desestimulante aumento do salário mínimo.	Faz uma analogia ao poema de Drummond, sobre a pedra no meio do caminho, que no caso da política brasileira é a corrupção, mas não se trata de uma pedrinha qualquer, é quase uma montanha.				
IRONIA	Um entregador de pizza a caminho de Brasília.		O salário mínimo recebeu um aumento que não foi aumento.							
07	As recorrentes notícias sobre corrupção em Brasília. A ideia popular que relaciona imbróglia, confusão, corrupção a pizza.	O caso da simpatia do Lula pelo Irã e sua ousadia em enfrentar o poderio dos EUA./ O jogador de futebol brasileiro é baixinho; o jogador de futebol americano é grandalhão.	O minúsculo aumento do salário mínimo./ Papai Noel dando de presente.	Problemas políticos enfrentados por Serra./ O vovô, símbolo do Ceará, time cearense que alcançou a vice-liderança no campeonato brasileiro.	A excitação com as boas notícias na televisão levam à excitação sexual. A terceira notícia, financeira, causa disfunção e o fim da excitação sexual.	A demagogia dos políticos diante da corrupção e a sua falta de preparo.				
IRONIA			O Presentinho E o salário minúsculo.							
08	A questão do trânsito, para dar mais agilidade à demora.	Nos EUA, onde se pratica o futebol americano, os jogos são muito fortes e utilizam a força bruta, por isso os jogadores são os maiores. No Brasil, os	No Natal, quem vende fatura muito, mas o salário é muito reduzido. O dinheiro fica concentrado nas mãos de um só.	O Serra não se preocupa com quem será o seu vice.	O governo está procurando reduzir ao máximo o dinheiro da aposentadoria, pois o Brasil está se tornando um país velho.	A corrupção está no meio do caminho para o desenvolvimento do país.				

		jogadores de futebol são menores.						
IRONIA	Rapidez, porém os motoqueiros estão gordos.	Os desenhos e a situação política.						
09 INTERTEXTUALIDADE	Corrupção, impunidade, mensalaço, escândalo.	Crescimento do Brasil perante os EUA.	Crise econômica mundial/ e compras de fim de ano.	Campeonato brasileiro de 2010/ e Campanha Presidencial de 2010.	Reajuste salarial dos aposentados e/ comentários de um Ministro do governo Lula.			SEM JUSTIFICATIVA
IRONIA	Porque aparece vendedores de pizza para falar de impunidade.							
10 INTERTEXTUALIDADE	Os escândalos de Brasília, representados por pizza e panetone.	Lula e Obama em conflito na política internacional.	Papai Noel/ o sacco de presentes e o presente que ele traz na época do Natal/ política nacional.	Atualidades	Atualidades			O bloco de pedras no meio do caminho representa a política.
IRONIA	Em Brasília tudo acaba em pizza. (representados por pizza e panetone)	EUA e Brasil disputando a bola do Irã.	O salário mínimo do trabalhador.	Texto verbal	Texto verbal			O bloco de pedra
11 INTERTEXTUALIDADE	As motos são urbanas e o trânsito corrido nos fala de transitoriedade, rapidez em que se tornou a vida moderna.	Conhecimento da política e das relações entre Brasil e EUA./ Esportes praticados nos dois países e embate que se dá.	Conhecimento de fatores econômicos e políticos ligados ao consumo./ Relação de poder político (presidente) em relação à economia.	Conhecimento político das alianças para a candidatura à presidência/ e futebol (ressaltando o time do Ceará).	Aspectos da política salarial./ condição do aposentado dentro da sociedade. Papel ativo, apesar da idade, informações televisivas.			A literatura sempre atual/ e as relações de política x corrupção instituída no país e a dificuldade de vencê-la.
IRONIA	Rapidez do consumo, mas direção opostas.	O chute do presidente é um risco nuclear.	A figura do papai Noel e o tamanho do presente.	Ser vice no futebol x ser vice para presidente.	Vida ativa (sexual) x Condições salariais			A pedra sólida
12 INTERTEXTUALIDADE	O conhecimento prévio sobre o esquema dos panetones, utilizados para justificar o dinheiro pago aos vereadores e o fato notório de nada ter sido feito.	O símbolo na bola remete a questão atômica, algo que está sendo muito noticiado nos jornais. O conhecimento dos símbolos químicos nos ajudam a compreender.	Ao vermos os jornais adquirimos conhecimento suficiente para interpretar que o salário dos políticos continua aumentando e o do nosso povoão, diminuindo.	O fato do time do Ceará ter sido vice-campeão e também não ter conseguido ser indicado a candidato nestas eleições.	O reajuste do salário dos aposentados seria de 10%, mas foi de 7%, enquanto isso, os políticos baixam preços para enganar a população.			Os escândalos em Brasília devido aos desvios de verbas durante esse primeiro semestre de 2010 noticiado em todos os jornais do país.
IRONIA	O panetone e a pizza	O Brasil de estatura pequena e os EUA enorme, e ambos brigando pela	O tamanho do salário mínimo e o sacco enorme que o Lula tem nas costas.	Até o Ceará recusa apoiar o				As pessoas e a marreta pequena.

13	Conhecimento de política, pois no Brasil temos o conhecimento de mundo que nossa política é corrupta e que tudo acaba em pizza ou panetone.	bola. Através dos jornais e revistas sabemos da polêmica entre EUA e Brasil a respeito da questão nuclear (bola de futebol) do Irã.	Os políticos continuam ganhando sacos de dinheiro e os trabalhadores continuam ganhando um salário mísero.	Fracasso de Ciro nas eleições que nem o Ceará quis ser seu vice.	Os políticos iludem a população com pequenos benefícios (baratear remédio) e no final das contas não fazem nada para melhorar a vida do povo (nem um aumento digno)	A corrupção no Brasil (gramado verde e amarelo) é enorme (tamanho da pedra).
IRONIA	A pizza e o panetone	O tamanho dos EUA em relação ao Brasil.	O tamanho do salário dos políticos (presentes no saco) e o tamanho do salário mínimo.	A cara dos personagens e o diálogo entre ambos.	A alegria do personagem que se transforma em tristeza.	A representação da corrupção do nosso país (a pedra) e a frase do personagem.
14	O símbolo do Palácio do Planalto à esquerda e o entregador de pizzas indo naquela direção dá margem à interpretação de que tudo termina em "pizza" em relação à corrupção.	SEM JUSTIFICATIVA	O Lula vestido de Papai Noel para dar presente, que é o salário mínimo, muito pequeno com relação aos outros presentes.	Serra procura por um vice <u>aleatoriamente</u> , mas se encontra com muita dificuldade para tal tarefa.	SEM JUSTIFICATIVA	SEM JUSTIFICATIVA
IRONIA	A pizza que representa os acontecimentos em Brasília.	O tamanho do Lula e o tamanho de Obama.	O tamanho do salário mínimo, ele vindo como presente.	O Serra pedindo apoio a um time em segundo lugar, comparando com "vice".	As notícias atuais para a 3ª idade	A pedra grande e o poema de Drummond contando algo sobre a corrupção.
15	A imagem do motociclista indo entregar pizza no parlamento traduz a expressão que tudo acaba em pizza.	A bola que o presidente do Brasil segura mostra um símbolo de elemento radioativo, mostrando que o Brasil apóia o Irã, contrário aos EUA.	O reajuste salarial é mínimo, ofertado à população brasileira em forma de presente de Natal.	Símbolo do Ceará, Vovô, mostra o pouco prestígio de Serra nas eleições.	A população idosa recebe muitos incentivos, mas de nada adiantam, pois o salário que recebe é mínimo.	A pedra é muito grande, não dá para passar despercebido.
IRONIA		Presidente Lula com a bola da radioatividade.		A figura do Serra e do mascote do Ceará.	O tom jocoso e empolgado do idoso.	A pedra da corrupção.
16	O fato de as CPIs sempre darem em "pizza" e o dinheiro que um político disse ter destinado a compra de panetones.	Acordo que o Brasil fez com o Irã e que não agradou aos EUA.	Pequeno reajuste salarial.	SEM JUSTIFICATIVA	Pequeno reajuste salarial dos aposentados.	A corrupção existente no Brasil.
IRONIA	O desenho da pizza e do	O símbolo radioativo na	O pequeno presente	A própria charge	O texto escrito	A pedra enorme

17	IRONIA	panetone Não entendi essa charge.	bola do Lula Ambos os presidentes estão representando os esportes mais característicos de seus países. Futebol brasileiro e futebol americano: gingado e brutalidade num embate de gigantes.	Lula vestiu-se de Papai Noel para distribuir um pequeno presente.	Aborda a dificuldade que Serra está tendo em conseguir um vice para a sua chapa;/ aproveita também para que o Ceará esnobe pela conquista do título de vice no campeonato brasileiro.	O aposentado sofre e vive com um salário de miséria.	O referencial é o poema de Carlos Drummond,/ e o nosso grande problema “hereditário” é a corrupção.
18	IRONIA	Escândalos políticos de onde surgiu uma máxima de que tudo acaba em pizza. E também frequentemente ligam a roubalheira a uma fatia do bolo.	A questão da quantidade de dedos do Lula está presente na camisa dele. O símbolo que está na bola é relacionado à radioatividade que só os EUA querem deter esse poder de armas químicas.	O tamanho do presente	O pedido de Serra e a negativa do voto	A palavra brochei	Refere-se a bandeira brasileira,/ também a nossa literatura,/ para fazer uma reflexão do cotidiano, da situação política, os que querem mudar são pequenos diante da corrupção.
19	IRONIA	O prédio do Senado, sede do governo, atrás das motos. O escândalo do mensalão do DEM de Brasília.	Contraste no tamanho dos presidentes	O aumento do consumo no período do Natal pelos brasileiros, mesmo com um salário mínimo de valor baixo.	Mistura de política atual/ e campeonato de futebol brasileiro. O símbolo do time cearense é um vovô (representa sabedoria).	Notícias boas vêm acompanhadas de uma ruim.	O fato de o Brasil ser um dos países mais corruptos do mundo.
20	IRONIA	Os escândalos políticos que ocorrem em Brasília.	O presidente do Brasil impondo seus interesses diante do presidente dos EUA sobre a produção de urânio.	As imagens, o texto não-verbal. Em pleno final de ano o salário continua mínimo.	A dificuldade do candidato do PSDB para a presidência para encontrar um vice para a sua chapa.	O reajuste na aposentadoria é mínimo, às vezes irrisório.	A grande corrupção que ocorre no Brasil.
21	IRONIA	Palácio do governo e pizza A expressão “tudo acaba em pizza”/ e a corrupção	Presidente do Brasil e dos EUA A bola remete a produto radioativo, que remete ao	Papai Noel e a frase salário mínimo	SEM JUSTIFICATIVA	A palavra aposentados	A palavra corrupção
				Lula valoriza o “presente”, mas deixa o menor para o	Pouca força de Serra na disputa pela presidência.	Velhice, estimuladores sexuais e reajuste salarial.	Tamanho do conceito de corrupção.



INTERTEXTUALIDADE	política nacional.	urânio. O Brasil apoia o Irã, os EUA não.	pobre.				
IRONIA		O símbolo da radioatividade				Os termos Viagra e brochei	O termo corrupção
22 INTERTEXTUALIDADE	O bolo vai para outros lugares, mas a pizza vai para Brasília.	O presidente Lula do Brasil e Barack Obama dos EUA, os dois esportes nacionais de cada país, os dois presidentes não falam a mesma língua em relação ao urânio, por isso Lula está assustado.	O presidente brasileiro Lula vestido de papai Noel para dar presentes. Para o pobre o presente é pequeno, mas para os ricos...	Um candidato a presidente/ e uma torcida. Quem sabe o Ceará simboliza o Ciro Gomes. Ninguém quer ser o vice de Serra.	A alegria com o baixo preço do Viagra, a tristeza com o aumento de 7% do salário mínimo.		Uma pedra chamada corrupção impede o Brasil de crescer, destruir é mais difícil do que se pensa.
IRONIA			O natal	Nem o Ciro quer o PSDB	O texto		A pedra no caminho
23 INTERTEXTUALIDADE	O escândalo em Brasília com os políticos que disseram ter comprado panetone.	A disputa entre Lula e o presidente dos EUA em relação a situação do Irã na política internacional.	No Natal esperamos bons presentes, mas o aumento do salário não deu nem para a ceia.	Serra tem dificuldade para escolher seu vice, o vice do campeonato brasileiro é o Ceará.	Não adianta ter preço baixo se o dinheiro é pouco.		O Brasil é um país de políticos corruptos.
IRONIA	O símbolo do Congresso Nacional	O tamanho dos presidentes e a bola nos pés do menor	O tamanho do presente “salário mínimo”	O dedo do “vovô”	A palavra “brochei”		O tamanho das imagens, (desproporcionais)
24 INTERTEXTUALIDADE	Eu não entendi.	O conhecimento da imagem do Lula, a roupa do Lula, a camisa dos EUA que o outro jogador usa.	Papai Noel, o saco de presentes, o Lula/ e o menor presente para o povo.	Eu não entendi.	As notícias que o velho vê na televisão são importantes.		A intertextualidade com o poema de Drummond.
IRONIA		Lula querendo fazer o gol	O salário mínimo é muito pequeno em relação aos outros presentes		O texto do primeiro e do terceiro quadrinho.		A pedra enorme, as cores da bandeira
25 INTERTEXTUALIDADE	SEM JUSTIFICATIVA	A potencialidade dos EUA.	Desigualdade social brasileira, situação gritante do salário mínimo.	SEM JUSTIFICATIVA	A triste situação dos aposentados brasileiros.		A corrupção brasileira.
IRONIA		Obama se mostra com medo de Lula.	O tamanho dos presentes				